

**UNIVERSIDADE DO SAGRADO CORAÇÃO**

**ANA PAULA BRIDI**

**SEGURANÇA GLOBAL E ISLAMISMO: A LINHA  
TÊNUE ENTRE SALVAÇÃO INDIVIDUAL E  
SEGURANÇA INTERNACIONAL**

BAURU  
2016

**ANA PAULA BRIDI**

**SEGURANÇA GLOBAL E ISLAMISMO: A LINHA  
TÊNUE ENTRE SALVAÇÃO INDIVIDUAL E  
SEGURANÇA INTERNACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Profª. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves.

BAURU  
2016

Bridi, Ana Paula

B852s

Segurança global e islamismo: a linha tênue entre salvação individual e segurança internacional / Ana Paula Bridi. -- 2016.

85f.

Orientadora: Profa. M.<sup>a</sup> Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP

1. Islamismo. 2. Segurança Internacional. 3. Ocidentalismo. 4. Orientalismo. 5. Islamofobia. I. Alves, Beatriz Sabia Ferreira. II. Título.

**ANA PAULA BRIDI**

**SEGURANÇA GLOBAL E ISLAMISMO: A LINHA TÊNUE ENTRE  
SALVAÇÃO INDIVIDUAL E SEGURANÇA INTERNACIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Relações Internacionais, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Beatriz Sabia Ferreira Alves  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof<sup>º</sup>. Dr. Bruno Vicente Lippe Pasquarelli  
Universidade do Sagrado Coração

---

Prof<sup>º</sup>. Me. Fabio José de Souza  
Universidade do Sagrado Coração

Bauru, 01 de dezembro de 2016.

A meus pais, irmãos e amigos pela ajuda,  
compreensão e apoio em todos os momentos  
da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, pela ajuda na escolha do tema. Foi ela quem conseguiu unir todas as minhas vontades e interesses em algo que se tornou prazeroso e agradável de escrever no transcorrer dos últimos meses da graduação. Agradecer também por todo seu esforço no andamento do curso como coordenadora e seu constante interesse em integrar todas as turmas, de maneira leve e admirável. A você, Beatriz, todo meu orgulho e carinho.

Em seguida agradeço ao meu querido professor e mestre Fábio, por ter se empolgado tanto com meu convite e por todo seu esforço em contribuir com o tema, antes mesmo de eu começar a pensar em escrever. Tenho grande admiração pela pessoa fantástica que é e por ser tão querido em todo lugar que passa. Quero um dia ter pelo menos uma parte do seu carisma.

Agradeço também a todos os outros professores que passaram pelo curso e que foram fundamentais para meu crescimento pessoal e intelectual. Mais do que um título de bacharel, saio da Universidade com uma carga de conhecimento e exemplos a serem seguidos enormes, e, com certeza, passarei adiante tudo o que aprendi. Aproveito para citar a Roberta, que tanto fez pelo curso se virando em mil e o Bruno por ter aceitado meu convite a fazer parte da minha banca.

Agradeço aos meus amigos Carol, Jéssica, João e Natália que foram fundamentais nos últimos quatro anos. Sem vocês eu talvez não tivesse passado nem do primeiro semestre. Vocês são parte mais linda do curso e que eu levarei para o resto da vida. Agradeço à Giédre e ao Allan, que me apoiaram e me ajudaram no que puderam, sempre me animando pra continuar a escrever, mesmo quando eu não tinha forças pra pensar. Obrigada pela paciência e pela espera pelo fim desse trabalho.

Para minha família faltam palavras para agradecer. Todo o esforço que fizeram por mim, todo o apoio e a confiança. O incentivo em toda decisão que tomei na vida, ainda que algumas não correspondessem a suas expectativas, foi essencial para que eu tivesse a empolgação necessária para continuar no meu caminho. Eu amo vocês, mamãe, papai, Ghi e Gu. Os amores da minha vida. Meus agradecimentos serão eternos e virão todos os dias como prova do meu amor.

Enfim, meu muito obrigada a todos que passaram pela minha vida, de qualquer maneira que tenha sido, pois se hoje cheguei ao fim de mais uma etapa, foi porque não me faltaram apoio, exemplo e inspiração. Obrigada.

## RESUMO

Os atuais atentados “terroristas” têm tomado grandes proporções e divulgação. Juntamente a eles surgem os estereótipos e as generalizações. O islamismo é uma religião milenar, porém, a partir das ações de alguns adeptos radicais e a divulgação midiática dos atos, o consciente coletivo tem focado sua visão de terrorista em todos os seguidores da religião de Maomé e deixado de lado outros atentados ocorridos no decorrer da história da humanidade. Com base nesse preceito, o conteúdo da monografia tratará sobre a tradição islâmica e suas reais intenções, dissecando cada fundamento da religião assim como apresentando suas relações e métodos de análise sobre a conduta de seus fieis nos dias atuais, passando pelo imaginário social construído no decorrer dos anos com os acontecimentos internacionais e sua divulgação, além de expor os métodos utilizados para essa construção e o porquê de existir certa rivalidade entre os adeptos da religião e os não fieis. Por fim, apresentará as diversas organizações radicais muçulmanas tal como retomará alguns acontecimentos históricos que colocavam outros grupos nos centros de discussão sobre terrorismo.

**Palavras-chave:** Islamismo. Segurança Internacional. Ocidentalismo. Orientalismo. Islamofobia.

## **ABSTRACT**

The current “terrorist” attacks have taken great proportions and propaganda. As a result, there is the joint rise of stereotypes and generalizations. Islam is a millennial religion, however, by some muslim fundamentalists’ actions and consequently the media propaganda influence, the collective consciousness have focused their terrorist insights over all Muhammad’s islam followers and left behind other terrorist atrocities throughout history course. Therefore, based on this premise, the monograph content will broach the islamic tradition as well as its real intentions, dissecting every religion foundation as likely presenting its relations and analysis methods over its followers’ behaviour nowadays, passing through the social imaginary shaped all along the years due to international happenings and their unveiling, besides exposing used methods for such building and the reason of existing certain rivalry among followers and non-followers. Closing, it will show many muslim fundamentalist organizations and break again some historical facts that placed other groups amid terrorism discussion.

**Key-words:** Islamism. International Security. Occidentalism. Orientalism. Islamophobia.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2</b>	<b>A HISTÓRIA DO ISLAMISMO</b> .....	13
2.1	A RELIGIÃO.....	17
2.1.1	AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE JUDAÍSMO, CRISTIANISMO E ISLAMISMO.....	22
2.2	O DIREITO.....	23
2.2.1	DIREITOS HUMANOS.....	27
2.2.2	DIREITO DAS CRIANÇAS.....	28
2.3	A POLÍTICA.....	29
2.4	A ECONOMIA.....	30
2.5	A SOCIEDADE.....	32
2.5.1	ESCRavidÃO.....	32
2.5.2	MULHERES E CASAMENTO.....	33
<b>3</b>	<b>A RELIGIÃO E A MODERNIDADE</b> .....	36
3.1	ORIENTALISMO x OCIDENTALISMO.....	37
3.2	O INIMIGO MUÇULMANO.....	42
3.2.1	O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO.....	42
3.2.2	CONSTRUINDO O INIMIGO.....	43
3.2.3	A PERPETUAÇÃO DA IMAGEM INIMIGA.....	45
3.3	O CHOQUE CULTURAL.....	48
<b>4</b>	<b>ISLAMOFOBIA: UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA (?)</b> .....	54
4.1	O QUE É ISLAMOFOBIA.....	54
4.2	COMO OS ATUAIS CONFLITOS INFLUENCIAM NESSA VISÃO.....	59
4.2.1	GRUPOS RADICAIS ISLÂMICOS.....	61
4.2.1.1	AL-QAEDA.....	62
4.2.1.2	ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E DO LEVANTE (OU ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E DA SÍRIA, OU ESTADO ISLÂMICO).....	63
4.2.1.3	FRENTE AL-NUSRA.....	64
4.2.1.4	IRMANDADE MUÇULMANA.....	65

4.2.1.5 HAMAS.....	66
4.2.1.6 HEZBOLLAH.....	67
4.2.1.7 BOKO HARAM.....	68
4.3 ANTIGOS TERRORISTAS.....	71
4.3.1 IRA (IRISH REPUBLICAN ARMY OU EXÉRCITO REPUBLICANO IRLANDÊS).....	71
4.3.2 ANTI-BALAKA.....	72
4.3.3 EXÉRCITO DE RESISTÊNCIA DO SENHOR.....	74
4.3.4 KU KLUX KLAN.....	75
4.3.5 ANDERS BEHRING BREIVIK - O TERRORISTA BRANCO.....	76
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 600, surgiu no Oriente Médio uma das que viriam a ser as maiores religiões do mundo. O Islamismo surgiu como sequência final das religiões de base abrahâmicas - precedida pelo judaísmo e pelo cristianismo. O Profeta Maomé afirmou ter recebido de Deus um chamado para que reunisse o povo árabe em uma única fé, uma vez que estavam baseando suas crenças na existência de vários deuses e isso era preocupante. A religião se estabeleceu na região e foi cativando cada vez mais um número maior de seguidores. Com o crescimento da religião e o preceito de instaurá-la no mundo, criaram-se livros com regras mais claras, baseadas no Alcorão, com o intuito de orientar a vida dos fieis. No entanto, com a morte do profeta, cresceram os conflitos dentro do islamismo.

Dentre os muçulmanos havia os que acreditavam que o califa - sucessor de Maomé - deveria ser alguém da mesma genealogia que ele - xiitas - e os que acreditavam que deveria ser qualquer muçulmano membro da tribo coraixita e eleito por muçulmanos - sunitas. Esta divergência foi o pivô para que grandes conflitos ocorressem entre os correligionários. Na atualidade, esses conflitos se tornaram ainda mais frequentes e violentos, pois, além da questão religiosa, incluiu-se também a questão étnica. Com o modernismo, as diversas etnias existentes na região da Arábia foram forçadas a coexistir. Essa convivência trouxe grande instabilidade para a civilização do Oriente Médio e ajudou a intensificar as disputas religiosas. Um exemplo dessas disputas pode ser observado nas ações dos sunitas do Estado Islâmico - grupo radical árabe e muçulmano - que se aproveitaram dos sunitas curdos para dominar determinada região da Síria e em seguida se voltaram contra eles pela questão étnica.

Essa união de etnias ocorreu com os constantes processos civilizatórios Ocidentais na região. Ao colonizar a região do Médio Oriente, os Ocidentais repartiram os territórios de acordo com seus próprios interesses, sem levar em conta o contexto histórico das populações ali instaladas. Essa ação causou revolta nos habitantes da região e os países então criados se tornaram centros de conflitos, perdurando até os dias atuais pela falta de compatibilidade milenar entre os grupos. Assim como a obrigatoriedade na convivência, a relação entre eles foi complicada pela imposição da cultura Ocidental naquele meio. Esta se difere fortemente da cultura Oriental, mas mesmo assim foi vendida como sendo o meio correto de se viver, ou, se não o correto, o melhor dentre todos. Essa ideia foi de encontro com as crenças da região, uma vez que os ensinamentos islâmicos condenavam algumas práticas Ocidentais.

A partir da colonização, o processo de venda da cultura Ocidental como progresso - que já estava em processo a longo tempo - se intensificou, e, com ela, cresceram críticas sobre

seu comportamento. O fundamentalismo cristão foi um dos movimentos que se opuseram ao modernismo Ocidental. No entanto, com o passar do tempo, o nome fundamentalismo foi atribuído à religião árabe, como rótulo por sua resistência em adotar o modelo eurocêntrico de “evolução”. Esse termo foi difundido e atualmente passou a ser sinônimo de islamismo. Uma generalização descontextualizada responsável por estigmatizar um povo, não apenas com base em sua religião, mas também sua etnia - observável ao reproduzir a máxima de que todo árabe é muçulmano e vice-versa, e, conseqüentemente, todos radicais fundamentalistas.

Essa imagem generalizada dos muçulmanos é constantemente reforçada através de filmes, desenhos e piadas. A ideia de muçulmano-árabe-fundamentalista está tão enraizada no imaginário social que muitas vezes as reações dos indivíduos, quando frente a uma situação taxativa, acabam sendo comumente natural, o que faz com que muitos não notem o preconceito - explícito - no discurso. Essa naturalização discriminatória contribui para que a relação social alcance e mantenha os atuais níveis de segregação e medo presentes na sociedade. A segregação e o medo ocasionados a partir da discriminação resultam no termo islamofobia. Este abrange todas as preocupações da sociedade Ocidental quanto ao povo do Oriente Médio.

No entanto, como citado anteriormente, a região é conflituosa. A partir desses conflitos se originam grupos radicais, em sua maioria, muçulmanos. Essa ascensão dos grupos radicais contribui ainda mais para a visão pejorativa da sociedade oriental. A partir disso, a generalização é ampliada e a civilização Oriental passa a ser vista como muçulmana-árabe-fundamentalista-terrorista. Entende-se como terrorismo o emprego sistemático da violência como fim de atingir objetivos políticos, nos denominados atentados. Porém, faz-se necessário compreender que atentados violentos com fins políticos ocorrem há milênios, e, em sua maioria, não foram praticados por muçulmanos. A partir desta colocação, é possível notar que a forma como os acontecimentos violentos em uma sociedade são divulgados pela mídia, interfere diretamente na concepção de “terrorista” de cada indivíduo. É necessário que sejam analisadas as aplicações dos termos de acordo com cada acontecimento, e, a partir de então, distinguir em cada colocação o preconceito enraizado.

Dentre os atentados terroristas - de origem não árabe-muçulmana-fundamentalista -, nota-se que alguns continuam a ocorrer na sociedade moderna, porém, a eles raramente são atribuídas concepções generalizadas ao ponto de criar uma opinião coletiva de que determinado grupo é terrorista, sem distinções. Mais uma vez se torna plausível a construção midiática acerca do assunto. É importante recordar que essa concepção não é algo novo e que a imagem do terrorista se moldou no decorrer de anos. Essa construção lenta é algo a ser

desconstruído diariamente, mas para tal, faz-se necessário grande estudo e análise histórica, a fim de entender a complexidade da região na qual se encontra a origem da religião e das etnias citadas nessa monografia, assim como apurar o olhar crítico capaz de perceber nas divulgações midiáticas, onde se encontra a generalização e a discriminação desse povo. Assim, pelo notório e constante crescimento do preconceito contra muçulmanos, esse trabalho se fez presente.

A metodologia utilizada nessa monografia é verificada por meio de revisão bibliográfica, análise de artigos e estudos sobre os livros de especialistas nos assuntos tratados no decorrer do trabalho. Ademais, foram utilizadas notícias a fim de exemplificar e demonstrar os acontecimentos práticos das informações apresentadas no decorrer dos textos.

A partir desse contexto, o primeiro capítulo fornecerá as informações sobre o islamismo, suficientes para embasamento teórico, que facilitará o entendimento do restante da monografia. Neste capítulo, dividido em subtópicos, estão a visão da religião sobre temas como a economia, o direito, os Direitos Humanos e a própria sociedade muçulmana. Ainda nesse capítulo, será exposta a semelhança entre as três religiões abrahâmicas, como forma de mostrar ao leitor que, embora as culturas Ocidental e Oriental estejam profundamente distantes uma da outra, suas conceituações religiosas seguem a mesma base, tendo as três derivado de um mesmo “pai”. Essa questão de semelhança pode ajudar na desconstrução da imagem de que o islamismo é completamente diferente do cristianismo, por exemplo, e por esse motivo, “errado”.

O segundo capítulo falará sobre os conceitos Ocidentalismo e Orientalismo. Sobre isso, será abordada a criação de cada um, suas motivações e ferramentas de perpetuação. O capítulo identificará alguns conceitos como imaginário social e como ele é criado, o que auxiliará na análise da criação da imagem inimiga, através de obras culturais amplamente divulgadas. Também abordará o tema fundamentalismo, apresentando a história de seu surgimento e mostrando como esse termo foi reutilizado por seus próprios criadores e colocado como rótulo à outra sociedade, sem que esta tenha se apropriado dele por livre decisão. Em sua finalização, abordará o choque cultural e a influência que a disseminação da cultura Ocidental teve sobre o abismo criado entre as sociedades e seus resultados, possíveis de ser analisados na atualidade.

Por fim, o terceiro capítulo traz à tona o termo generalizado que caracteriza o preconceito Ocidental sobre o povo Oriental. Como o termo islamofobia foi criado e qual foi sua real proposta são duas questões tratadas ao longo do capítulo. Além disso, traz os atuais conflitos e os grupos radicais formados, como agentes criadores do preconceito, explanando

suas influências no imaginário civilizacional e perpetuação de sua imagem, aumentando ainda mais a ideia que boa parte da sociedade tem sobre “terroristas”. Ademais, apresenta alguns grupos terroristas não formados por árabes-muçulmanos, e sim por Ocidentais, a fim de demonstrar que o conceito atribuído ao Oriente deve ser repensado e analisado, assim como os meios que divulgam essa imagem.

## 2 A HISTÓRIA DO ISLAMISMO<sup>1</sup>

No século VII, mais precisamente no ano de 610, - durante o mês do Ramadan<sup>2</sup> -, um comerciante árabe, conhecido como *Muhammad ibn Abdallah*, ou simplesmente Maomé, teve uma experiência reveladora. Maomé costumava se retirar para o Monte Hira todo ano durante o Ramadan para rezar, jejuar e dar esmolas para os pobres<sup>3</sup> (ARMSTRONG, 2002, p.46), pois temia os rumos que a sociedade<sup>4</sup> vinha tomando. Com a prosperidade do comércio, o povo de Meca se esquecia de seus valores tribais, que, deixados pelo povo nórdico, afirmavam que todos os membros deveriam cuidar uns dos outros, se preocupando com as necessidades dos mais pobres. No entanto, com a ganância, o povo vinha tentando enriquecer ainda mais à custa dos humildes. Durante esse retiro, Maomé recebeu sua primeira revelação, que está transcrita nas 5 primeiras linhas da 96ª surata do livro sagrado Alcorão<sup>5</sup>: “1 Lê, em nome do teu Senhor que criou; 2 Que criou o ser humano de uma aderência. 3 Lê, e o teu Senhor é O mais generoso, 4 Que ensinou a escrever com o cálamo<sup>6</sup>, 5 Ensinou ao ser humano o que ele não sabia.” (ALCORÃO, 96:1-5)

Maomé se manteve uma pessoa reservada nos três anos seguintes à revelação divina. Compartilhava seus conhecimentos e experiências apenas com sua família e amigos. Quando o profeta teve certeza de que aquilo que ouvira eram de fato revelações divinas, passou a ser percebido por um pequeno grupo de pessoas que acatou suas ideias e passou a proclamar o Alcorão. Essas pessoas são consideradas as primeiras convertidas ao Islamismo<sup>7</sup>.

After three years the time had come for a public mission. In about 613 Muhammad receiver the revelations that begins “Rise and warn”. He began to preach publicly, a first step toward injecting religious ideas into the actualities of social and political life. Significantly, the first converts were rootless migrants, poor men, members of weak clans, and younger sons of strong clans – those people most dissatisfied with the changing moral and social climate of Mecca, for whom the Prophet’s message proved a vital alternative. (LAPIDUS, 2002, p.20).

<sup>1</sup> Palavra árabe que significa “submissão”. Dela deriva o termo muçulmano, adjetivo cujo significado é “submisso”

<sup>2</sup> O mês do Ramadã é o nono mês do ano islâmico (baseado no ciclo lunar e em alguns cálculos astronômicos). Para saber o dia exato do início do Ramadã, os muçulmanos olham para o céu e tentam visualizar a lua crescente. Caso esta esteja visível, este é o sinal. No entanto, em alguns países, as autoridades proclamam seu início. O jejum, então, começa com o nascer do sol do dia seguinte. Os muçulmanos acordam antes de o sol raiar, se alimentam, e então ficam em jejum até o pôr-do-sol, sucessivamente por 30 dias.

<sup>3</sup> A oração (*Salat*), o jejum (*Siyam*) e a caridade (*Zakat*) são três, dos cinco, pilares do Islamismo.

<sup>4</sup> Maomé era da tribo dos Coraixitas (em árabe, *Quraysh*).

<sup>5</sup> LAPIDUS, Ira M. *A History of Islamic Societies*. Cambridge. Cambridge University Press, 2002, 2ª Edição, p.20.

<sup>6</sup> Cálamo: Instrumento feito a base de cana, talhado e com pontas afinadas utilizado para escrever em papiros.

<sup>7</sup> LAPIDUS, Ira M. *A History of Islamic Societies*. Cambridge. Cambridge University Press, 2002, 2ª Edição, p. 21.

A autora Karen Armstrong cita em seu livro *Islam – A Short History* que Maomé não acreditava estar criando uma religião e sim que estava revivendo nos árabes a crença em um único Deus, pois aquele povo não havia tido um profeta até então. A mensagem de Maomé era simples e, assim como os judeus e cristãos, acreditava-se que *Allah*<sup>8</sup> era o único Deus criador do mundo e que julgaria a humanidade no fim dos tempos.<sup>9</sup> A autora ainda cita que Maomé acreditava que as revelações haviam vindo para “palavra por palavra, surata por surata” em resposta a uma questão/crise que havia surgido em sua comunidade e que muitas das revelações eram dolorosas para o próprio Profeta. Declara também que muitos adeptos do Islamismo naquele tempo, se converteram por admirar a beleza do livro:

“[...] One of the most dramatic of these conversions was that of Umar ibn al-Khattab, who was devoted to the old paganism, passionately opposed to Muhammad's message, and was determined to wipe out the new sect. But he was also an expert in Arabian poetry, and the first time he heard the words of the Quran he was overcome by their extraordinary eloquence. As he said, the language broke through all his reservations about its message: ‘When I heard the Quran my heart was softened and I wept, and Islam entered into me.’”(ARMSTRONG, 2002, p. 49-50).

No entanto, Maomé passou por dificuldades ao tentar difundir suas revelações ao povo de Meca. A população mercante da cidade insultava o Profeta. Ridicularizavam-no por pregar ao povo pagão a questão do julgamento final e da ressurreição. Pediam constantemente por milagres que comprovassem suas palavras. Maomé respondia – e essa continua sendo a resposta dos muçulmanos para essa questão – “Was that the Quran itself, with its unique beauty of language, is a miracle and a sign of revelation” (LAPIDUS, 2002, p.21). A população Coraixita, todavia, continuaram insultando e humilhando Maomé e seus seguidores, além de boicotar economicamente os recém-formados Islâmicos, impedindo-os assim até de comprar alimentos nos mercados.

Embora a população - chamada pelo autor, Lapidus, de oposição - baseasse seu julgamento sobre as pregações religiosas do profeta, na verdade o que Maomé tencionava pregar ia muito além da fé. O islamismo surgido então vinha para questionar não só a crença em divindades daquele povo, mas também unificar em um só termo a economia, a moral e a ética da sociedade, os valores tradicionais da tribo dentre outros inúmeros ideais. Ou seja, para argumentar contra as críticas da sociedade, Os islâmicos deveriam criticar toda sua origem e ramificações<sup>10</sup>.

<sup>8</sup> Palavra árabe que significa “Deus”

<sup>9</sup> ARMSTRONG, Karen. *Islam – A Short History*. Nova Iorque. *Modern Library Paperback Edition*, 2002, p. 48.

<sup>10</sup> LAPIDUS, Ira M. *A History of Islamic Societies*. Cambridge. *Cambridge University Press*, 2002, 2ª Edição, p.21.



Depois de todos os boicotes advindos da sociedade de Meca na época, durante os anos de 615-616, Maomé não conseguiu mais seguidores. Ele tinha por volta de cem até então e a forte oposição às pregações de Maomé mostravam a dificuldade de se optar pela conversão ao islamismo (LAPIDUS, 2002, p. 22). Com a estagnação nas conversões e insistência dos boicotes, Maomé resolve buscar por suporte fora de Meca e segue caminho a Medina. No entanto, sua situação se tornou ainda pior, sua esposa *Khadija* faleceu e, seguindo a premissa de que ela e seu tio, *Abu Talib* – também morto – eram seus maiores apoiadores, o Profeta estava agora com seu apoio reduzido. Decidiu então buscar apoio em um oásis próximo à Meca, pedindo ao povo para que o aceitassem como profeta. Todavia, foi ridicularizado. Foi também humilhado ao, em uma tentativa extrema, solicitar apoio aos beduínos. A partir de então, Maomé percebe que para proteger a si mesmo e a seus seguidores, tal como enfrentar a resistência do povo mequense, seria necessário encontrar uma base política para fundamentar sua doutrina<sup>11</sup>. Nesse ponto, a situação de Medina foi uma “benção” (LAPIDUS, 2002) para a mudança dos seguidores de Maomé. Assim como Meca, Medina passava por mudanças sociais e sua população era favorável por ser em sua maioria judia, ou seja, provavelmente mais abertos a receber um novo povo monoteísta. Nas palavras da autora:

“[...] Medina was undergoing social changes that rendered the underlying bedouin form of kinship society obsolete. Agricultural rather than pastoral needs governed its economy. Its social life came increasingly to be dictated by spacial proximity rather than by kinship [...]” (LAPIDUS, 2002, p.22-23).

Essa migração de Maomé e seus seguidores de Meca à Medina é chamada Hégira<sup>12</sup>. Embora o nome sugira, essa partida não é considerada uma fuga. Além disso, é comparada à história bíblica de Abraão, que deixou Ur atendendo a uma ordem de Deus (GAARDER, J., HELLELN, V., NOTAKER, H., 2005, p.131). Essa migração marca então o início da Era Islâmica. Na época da Arábia pré-Islâmica, o fato de uma pessoa “virar as costas” para sua tribo de origem era considerado blasfêmia, e por esse motivo, o povo de Meca optou então por exterminar definitivamente Maomé e seus seguidores da tribo Coraixita (ARMSTRONG, 2002, p.62). A partir dessa decisão, Maomé passa a se tornar o líder de tribos que já não são mais unidas por laços sanguíneos – como no caso de Medina – e sim, unidas a partir de uma mesma ideologia. Assim sendo, agora em Medina, muçulmanos, judeus e pagãos passavam a integrar uma mesma nação – em árabe, *ummah* – podendo conviver uns com os outros sem que houvesse a necessidade de conversão entre eles<sup>13</sup>.

<sup>11</sup> Ibidem. p.22.

<sup>12</sup> Palavra árabe que significa “rompimento”, “partida”.

<sup>13</sup> ARMSTRONG, Karen. *Islam – A Short History*. Nova Iorque. *Modern Library Paperback Edition*, 2002, p. 62.

Foi durante essa viagem que Maomé fez suas primeiras conversões. Durante o ano de 620, seis homens de *Khazraj* – uma das tribos de Medina – aceitaram-no como profeta e em 621, doze homens, tanto de *Khazraj* quanto de *Aws*, também tribo medinense, também se converteram, até que em 622 uma delegação de 75 medinenses prometeu defender Maomé (LAPIDUS, 2002). A partir dessa ocasião, o Islamismo teve sua origem. Naquele momento, o ano 622 do calendário cristão passava a ser o ano 1 islâmico, e a palavra Hégira, a qual foi denominada a mudança de Meca para Medina já não significava mais apenas a mudança de cidade, mas também a conversão do paganismo para o islamismo, da sociedade constituída por parentesco para uma sociedade baseada em crenças comuns<sup>14</sup>.

Nesse momento o autor Ira M. Lapidus pontua que Maomé, seus seguidores e o povo de Medina assinaram acordos políticos, chegando a um consenso para proteger Maomé e Medina dos povos estrangeiros. Aponta também que, para o Profeta, com essa união política, sua cidade se tornaria forte o suficiente para vencer sua oposição, que era muito dividida, e, por esse motivo, não conseguiria resistir ao poder maometano e se converteria ao islamismo.

Em seguida Maomé visava à eliminação do povo judeu para consolidar definitivamente seu poder. Para ele, Deus o havia enviado para ser o profeta de todo povo árabe, tanto pagãos quanto cristãos e judeus, assim a fé na única divindade seria restabelecida e junto com ela toda corrupção que havia se infiltrado na sociedade seria banida. Portanto, para incluir os judeus em sua nova religião, decidiu alterar o dia da expiação judia e a direção para a qual seria feita a oração nesse dia. Maomé sugeriu que as orações não mais fossem feitas em direção à Jerusalém. No entanto os judeus se recusaram a aceitar tal mudança alegando certos pontos de sua história sagrada e essas revelações eram usadas como quebras no pacto assinado por todos no acordo para proteção da nação. Os judeus alegavam que Abraão era o pai de todos os árabes, enviado por Deus como profeta desse povo, e o Alcorão alegava que Maomé havia sido enviado para restaurar o “puro monoteísmo” de Abraão no povo árabe. Ainda nas palavras de Ira M. Lapidus: “By passing the Jewish and Christian scriptural legacy, Muhammad’s community would no longer include Jews and Christians, but would be a distinct religion superseding Judaism and Christianity” (2002, p.24). Em seguida, Maomé expulsou dois clãs judeus de Medina, executou os homens de um terceiro clã, além de vencer os pagãos da cidade. Assim, fez de Medina uma comunidade islâmica submetida a suas regras<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> LAPIDUS, Ira M. *A History of Islamic Societies*. Cambridge. Cambridge University Press, 2002, 2ª Edição, p.23.

<sup>15</sup> Ibidem p.24.

## 2.1 A RELIGIÃO

A análise da religião islâmica é feita com base em cinco pontos cruciais para seu entendimento e entendimento de seus hábitos. O ponto crucial a ser observado é a Fé, que se divide em vários pontos de crença. A fé em *Allah*, que significa acreditar em uma força regente de todos os acontecimentos na Terra e fora dela; a fé nos profetas, que são os profetas que anunciaram a existência do único Deus, que são eles Noé, Abraão, Moisés, Jesus e Maomé<sup>16</sup>; a fé nos anjos e a fé nos livros sagrados e a crença na fatalidade, ou seja, a crença de que tudo acontece a partir dos intentos de *Allah* e a oração – em árabe, Salat – que significa a misericórdia, ou seja, a forma do homem se ligar à Deus (MAHAIRI, 19-, p. 5 à 30)

Os cinco pilares são representados pelo Testemunho da Fé; pela Oração; pelo Jejum; pelo Tributo e pela Peregrinação. Segue abaixo uma análise mais profunda desses deveres, baseada na obra de Ezzedine Hussein Baalbaki<sup>17</sup>:

O primeiro pilar, a fé – ou testemunho - é aquele no qual todas as leis e deveres islâmicos são fundamentados. Este pilar sustenta que é preciso acreditar que *Allah* é o único deus e salvador de toda a humanidade e que Maomé é seu último profeta. Alguns pontos do Alcorão<sup>18</sup> afirmam a unicidade de *Allah* e afirmam que, Maomé, um ser iletrado, é o único profeta de Deus e que todo o povo deve seguir suas ordens, pois são todas advindas dos céus.

O segundo, representado pela oração, é vista como a forma de os muçulmanos se comunicarem com Deus e de purificar sua alma. O livro do Alcorão, especificamente na 29ª Surata, versículo 45 revela que a oração preserva o homem do obscuro e do injusto, pois se lembrar de Deus é a coisa mais importante, pois Deus sabe tudo o que é feito pelo homem. Outro ponto considerado no Islamismo é que não há nenhum intermediário entre Deus e o homem, ou seja, qualquer um que se colocar em oração poderá entrar em contato com *Allah*.<sup>19</sup>

Segundo o Islã, um muçulmano deve orar ao menos 5 vezes ao dia: no amanhecer, ao meio-dia, no período da tarde, ao pôr do sol e à noite. Todas as orações devem ser feitas com o corpo virado à Meca, onde se encontra a Caaba<sup>20</sup> e precedidas por abluções<sup>21</sup>, no entanto, o lugar no qual deve ser feita independe. Independe também a condição da pessoa a realizar a

<sup>16</sup> ALTOÉ, Adailton. O ISLÃ E OS MUÇULMANOS. Petrópolis. Vozes, 2003, 1ª edição, p.21.

<sup>17</sup> BAALBAKI, Ezzedine Hussein. O ISLÃ E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES. São Bernardo do Campo. Arrissala, 2006, 1ª edição, p. 32-47.

<sup>18</sup> Alguns dos versículos do Corão que citam a unicidade de *Allah* e de Maomé são: 2ª Surata, versículo 255; 7ª Surata, versículo 158; 48ª Surata, versículos 8-9 e 29; 112ª Surata, versículos 1-4.

<sup>19</sup> A oração no Corão: 2ª Surata, versículo 177; 5ª Surata, versículo 6;

<sup>20</sup> Caaba o que é/ Faz-se a oração virada a ela em simbologia, para que o muçulmano jamais se esqueça de onde surgiu o islamismo, assim como não esqueça de que foi em Meca que a luta do bem contra o mal se iniciou.

<sup>21</sup> Ablução: limpeza do corpo ou de parte dele.

oração, ou seja, ainda que doente ou em viagem, deve orar como aquele que se encontra em sua casa ou em boas condições de saúde.

O terceiro pilar é o jejum. Na antiguidade e ainda hoje é possível observar o jejum como forma de autopunição, ou seja, ato praticado para redenção dos pecados cometidos. No entanto, na visão islâmica, o jejum é visto como uma preparação do corpo carnal para o encontro espiritual com Deus, uma forma de o homem dominar suas vontades e, com a prática constante desse jejum, conseguir quebrar as limitações do corpo e preparar o indivíduo para qualquer dificuldade que venha a aparecer em sua jornada. Para os muçulmanos, o jejum é uma prática que traz a capacidade de encarar as adversidades com naturalidade e paciência<sup>22</sup>.

O jejum deve ser feito do amanhecer do dia até o cair da noite. Passando esse período, pode-se sair do jejum, retornando ao amanhecer do próximo dia, seguindo assim até o final dos trinta dias. O Alcorão afirma que durante esse período o essencial é que a abstinência não seja apenas de alimentos sólidos e líquidos, mas também de todo pensamento negativo que possa surgir, de mentiras, maledicências e todas outras relações carnis.

No entanto, há algumas circunstâncias em que a essa lei pode ser temporariamente suspensa, são elas o caso do homem insensato, que pode permanecer sem jejuar até que recobre sua sanidade, o homem desacordado, até que recobre seus sentidos, a criança até que atinja sua maturidade, a mulher grávida, a menstruada e o viajante. Porém, o versículo 185 da 2ª Surata ensina que o quão logo for possível, todos aqueles que ficaram períodos sem jejuar devem fazê-lo pelo tempo que não o fizeram. Para o viajante, o descumprimento dessa Lei é como se fosse uma licença para que ele não tenha problemas pela falta de alimentação, e também é concedida essa licença para os fiéis que se encontram em guerra ou próximo de seus inimigos para que não surja a fraqueza.

Ainda sobre o ato de jejuar, em seu livro Baalbaki afirma:

Se o ato de jejuar significa abster-se da comida e da bebida, desde o raiar da aurora até o pôr-do-sol, temos por decorrência duas premissas: a primeira, é que se trata de uma prática que nos leva a sentir fome e sede, a partir do que igualamo-nos em situação, a que se encontram os pobres e necessitados; a segunda, é que diz respeito ao pagamento dos direitos dos menos afortunados, conforme obrigação religiosa prescrita por *Allah*, cuja finalidade é a confraternização, a irmandade, a igualdade e a harmonia entre os seres humanos, que são os valores básicos para a paz e a felicidade de toda a humanidade. (BAALBAKI, 2006, p.43).

O tributo retrata o quarto pilar. Está prescrito no Alcorão que todo muçulmano deve contribuir com seus bens para que os menos abastados sejam beneficiados. Está estipulado em 2,5% da fortuna que ultrapassa aquela necessária à sobrevivência do indivíduo. O dinheiro é

---

<sup>22</sup> Sobre o jejum, o Corão traz informações que podem ser vistas na 2ª Surata, versículos 183-185.

então arrecadado pelo governo e distribuído para o povo conforme indicação do Livro Sagrado: “[...] para os pobres, para os necessitados, para os funcionários empregados em sua administração, para aqueles cujos corações têm de ser conquistados, para a redenção dos escravos, para os endividados, para a causa de Deus e para o viajante [...]” (ALCORÃO, 9ª Surata, versículo 60)<sup>23</sup>.

O Livro prega que além da esmola, é necessário também que os muçulmanos ajam com boa-fé e boa conduta para com aqueles mais necessitados, pois esse pilar visa estabelecer a fraternidade entre todas as classes, evitar que o ódio dos mais pobres pelos mais abastados cresça e assim estes não se sintam culpados pela situação econômica muito menos por serem afortunados, pois isto é uma dádiva divina.

O último, a peregrinação, trata da visita de todos os muçulmanos à Caaba, em Meca, pelo menos uma vez na vida, desde que haja condições – financeiras e físicas – para tal. A viagem coloca em união os islamitas de toda parte da terra e por isso é algo tão pregado por eles. Há algumas regras para tal visita: os religiosos se vestem em uniformização – homens com duas toalhas brancas adaptadas ao corpo sem costura e as mulheres longos mantos -. Vestidos assim realizam rituais em louvor a Deus.

De qualquer modo, a recompensa destas práticas é a conquista da promessa divina do Altíssimo Deus e do Profeta *Mohammad* (SAAS<sup>24</sup>), de longevidade e de uma espécie de seguro contra as adversidades da vida. Tratam-se de procedimentos que visam a reforma íntima, a busca da humildade, o abandono da arrogância e do espírito de grandeza, seja ele falso ou verdadeiro, desde que se tenha por real intenção o amor a Deus. (BAALBAKI, 2006, p.47).

Ou seja, esses cinco pilares são para os muçulmanos uma lista de atitudes a serem praticadas para que o crente se encontre em comunhão com Deus e viva uma vida justa e fundamentada em sua fé, para que ao chegar o fim dos tempos eles alcancem a graça e salvação proclamada pelo profeta Maomé no decorrer de seus dias na Terra.

Ainda no século VII, inicia-se o movimento que separou a religião islâmica nas três vertentes existentes atualmente. Para explicá-las e justificar o grande crescimento do islamismo, é necessário fazer uma contextualização dos acontecimentos que procederam a morte do Profeta. Assim que Maomé morreu, Abu Bakr<sup>25</sup> se tornou o califa vigente. Seu “reinado” durou dois anos, até que faleceu por velhice. Sua primeira missão como califa foi pacificar a Arábia. As batalhas foram muito duras e em suas decorrências inúmeros

<sup>23</sup> Outras passagens a respeito dos tributos encontram-se no Corão, 2ª Surata, versículo 263, 264 e 271

<sup>24</sup> “Iniciais da expressão árabe: ‘Salla Allahu Alaihi wa Sallam’, que significa: ‘Deus o abençõe e lhe dê paz’, utilizada após se citar o nome do Profeta *Mohammad*” (BAALBAKI, 2006, p.15)

<sup>25</sup> Abu Bakr era o amigo mais íntimo de Maomé, um dos primeiros convertidos ao islamismo. Assim que o Profeta recebeu as revelações, contou-lhe e este se converteu.

seguidores de Maomé morreram, em sua maioria aqueles que conheciam todo o escrito do Alcorão. Por esse motivo surgiu em Abu Bakr a ideia de transcrever o Livro, para que nenhuma passagem se perdesse<sup>26</sup>.

Como sucessor, assumiu o califado Omar ibn al-Khattab (634-644), que foi responsável por grandes conquistas, tal como Síria, Jerusalém, Iraque, Egito e Armênia. Segundo o autor, Jacques Jomier, o papel deste califa no islamismo pode ser comparado ao de São Paulo no cristianismo.

[...] Teve em especial a sabedoria de compreender que a administração de um grande império é coisa complicada, para a qual os árabes não estavam preparados. Por isso deixou intactos, temporariamente, os organismos de administração local, com os funcionários e sua língua peculiar, e a sucessiva arabização só se fez pouco a pouco. Por sua vez, ele criou vários postos para a administração muçulmana dos muçulmanos [...]. (JOMIER, 1992, p.37)

Othman ibn Affan foi o terceiro califa e seu reinado durou de 644 a 656. Ele continuou com a política expansionista do império muçulmano, no entanto foi amplamente criticado pelos islamitas, acusado de agir em benefício dos seus (JOMIER, 1992). Morreu também assassinado por muçulmanos.

O quarto e último califa descendente do Profeta foi Ali ibn Abi Taleb (656-661). Este era genro – casado com Fátima, filha do profeta - e primo de Maomé. Foi durante seu governo que grandes conflitos internos, divisores da comunidade muçulmana, eclodiram. Havia uma grande rivalidade entre Ali e o grupo no qual Aicha – uma das esposas de Maomé – “ocupava um lugar preponderante”. No decorrer de seu califado houve grandes choques violentos entre eles. Ali ganhou uma das batalhas, no entanto, um de seus rivais, Moawya<sup>27</sup>, governador da Síria, assim como Aicha, também declarava punição aos assassinos de Othman. (JOMIER, 1992, p. 40).

Ali e Moawya se confrontaram e Ali saiu perdendo, foi abandonado por seus partidários – que futuramente seriam chamados khariji - e em 661 “foi assassinado em Najaf, por um de seus seguidores decepcionados” (DEMANT, 2004, p. 221). Moawya venceu e passou a ser então o novo califa.

Os quatro primeiros califas constituem um grupo à parte entre todos os que ocuparam esse cargo. [...] os muçulmanos modernos de tendência reformista, têm-nos em grande consideração em bloco, e alguns até acrescentam que, depois deles, o Islã perdeu até hoje sua pureza original. Seguindo essa tendência reformista,

<sup>26</sup> JOMIER, Jacques. ISLAMISMO: HISTÓRIA E DOCTRINA. Tradução: Luiz João Barauna. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 36-37.

<sup>27</sup> “[...] personalidade fortíssima, muitas vezes criticada [...] se esforçava, embora procurando a expansão do Islã, por ampliar seu próprio poder. Era filho de Abu Sofyan, o homem que em Meca, quarenta anos antes, havia feito tudo para esmagar o Islã nascente e havia lutado ferozmente [...]” (JOMIER, 1992, p.40).

portanto, o ideal seria voltar à fonte, ao Islã do Alcorão e dos primeiros companheiros. (JOMIER, 1992, p.40).

A partir disso a religião se dividiu. Os que apoiavam o califado de Moawya passaram a ser denominados sunitas, ou seja, aqueles que acreditavam que a sucessão de califas deveria ser feita de forma democrática, e todo muçulmano poderia ser candidato e eleito de acordo com o consenso comum. A única obrigação é que os candidatos fossem da tribo Coraixita, a mesma que Maomé<sup>28</sup>. Os que eram contra esse governo se dividiram ainda em dois: os Caregitas (ou cariditas), que atualmente são pouquíssimos e os xiitas. A origem da palavra caregita vem do árabe *khariji*, aquele que sai, que vai embora. Esse grupo não era a favor nem de Ali, descendente direto de Maomé e nem a favor de Moawya, eles acreditavam que para que um muçulmano fosse califa ele deveria ser o mais competente dentre os fiéis, independente se árabe ou não, livre ou escravo (JOMIER, 1992, p. 41).

Os Xiitas – nome árabe referente a “partidários” – é a divisão mais complexa dentre as três, pois sua vertente possui algumas subdivisões.

[...] Para eles, o Califa deveria ter sido escolhido automaticamente entre os descendentes diretos de Ali [...]. Por isso conservam a lista oficial dos que deveriam ter governado o mundo muçulmano; cultivam a memória deles com veneração e cuidam de conservar-lhes a doutrina. Nem todos os xiitas estão de acordo quanto ao número desses “imames”, como os denominam. Para uns houve doze imames, para outros apenas sete. O último deles (o sétimo ou o duodécimo, segundo os casos) desapareceu misteriosamente, permanecendo escondido até o fim dos tempos. Reaparecerá então e será o cabeça efetivo da comunidade. (JOMIER, 1992, p.42).

No entanto, apesar de haver essa diferença política entre os três grupos, é válido lembrar que no que diz respeito ao Islamismo, essa é sua única fonte de divergência, pois todas as vertentes têm os mesmos preceitos religiosos como base e as mesmas leis. A partir do momento em que se assume o Alcorão como livro sagrado, toda e qualquer diferença entre raça, cor e *status* social é minimizado. Segundo o autor Altoé (2003, p. 41) talvez esse seja um dos principais motivos para a grande expansão do islamismo num curto período de tempo. Além de aceitar todas as diferenças culturais e sociais, o Islã tende também a absorver parte da cultura dos locais onde se estabelece. Esse acolhimento faz em grande parte das vezes com que as minorias excluídas de cada cultura que o islamismo passa a abranger se sintam parte de um projeto maior. Citando o autor José Arbex Jr. em seu livro “Islã – Um Enigma de Nossa Época”, afirma<sup>29</sup> que esse sentimento de “fazer parte de algo maior” explicaria o fanatismo de alguns adeptos da religião.

<sup>28</sup> DEMANT, Peter. O MUNDO MUÇULMANO. São Paulo: Contexto, 2004, p. 221.

<sup>29</sup> ALTOÉ, Adailton. O ISLÃ E OS MUÇULMANOS. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41.

### 2.1.1 AS SEMELHANÇAS E AS DIFERENÇAS ENTRE JUDAÍSMO, CRISTIANISMO E ISLAMISMO

Apesar da crença de que entre o islamismo e o cristianismo há um grande abismo de diferenças, as duas religiões são muito semelhantes, em diversos aspectos. O autor Burkhard Scherer em seu livro “*As grandes religiões – Temas centrais comparados*”<sup>30</sup> elenca as visões das maiores religiões mundiais na atualidade – Islamismo, Cristianismo, Judaísmo, Budismo e Hinduísmo – e assim faz comparações entre elas. Nesse trabalho serão usadas as comparações entre as três de origem abrahâmicas.

Como citado em alguns trechos nessa pesquisa, as três religiões seriam como sequencias. O judaísmo surgiu, ainda que não como religião na época, com Abraão, Noé e Moises. Com o cristianismo veio o novo profeta, Jesus, até chegar no Islamismo, com o Profeta Maomé. Ou seja, as três religiões partem do mesmo princípio e pregam a mesma verdade: Existe apenas um Deus, único e verdadeiro.

Os judeus povoaram a Arábia depois da queda de Jerusalém, nos anos 70, aos poucos foram se adaptando aos costumes árabes, ao mesmo tempo em que mantinham suas crenças religiosas e seus hábitos. Assim como o judaísmo, o cristianismo também se espalhou por todo o Oriente Médio, nos primeiros séculos de sua era. Foram criados Estados cristãos, tal como a Abssínia (atual Etiópia). Várias tribos se converteram ao cristianismo e dentre pessoas de todas as classes estavam fieis dessa religião. “Provavelmente foram os monges e eremitas cristãos, os quais viviam isolados do mundo no deserto da Arábia, que exerceram a maior influência sobre Maomé” (DAMIÃO, 2003, p.313).

Maomé tinha o hábito de se retirar para as cavernas todos os anos, assim como faziam os monges e eremitas. Os árabes e os judeus já haviam utilizado o nome Alá como referência a Deus, inclusive porque essa palavra em árabe se relaciona etimologicamente com a palavra El, advinda do hebraico, utilizada na bíblia para denominar o Deus dos hebreus.

Assim como nas duas outras religiões, Maomé condenava o politeísmo árabe, afirmando que só havia um Deus e só a ele deveria ser creditada a criação do mundo e todos os julgamentos. Inicialmente o profeta se considerava parte da comunidade judaico-cristã, vindo a se afastar das duas crenças. Com esse afastamento, foi acusado pelos judeus de distorcer as narrativas do Antigo Testamento. Essa acusação não foi bem aceita por Maomé e este passou a acusar os judeus pelo mesmo motivo. Um dos ataques mais sérios e ofensivos

---

<sup>30</sup> SCHERER, Burkhard. AS GRANDE RELIGIÕES: TEMAS CENTRAIS COMPARADOS. Petrópolis: Vozes, 2010, 3ª edição, p. 21-22.



de Maomé aos cristãos foi com base na Trindade, uma vez que para ele isso era símbolo do politeísmo<sup>31</sup>.

Analisando o conceito de ética, o judaísmo prega que não se deve fazer aos outros nada do que fosse bom para ser feito a si, pois a lei de Deus é igual para todos. A ética cristã condiz com os valores da convivência dos homens na terra de acordo com os ensinamentos de Deus, ou seja, é preciso agir em igualdade com todos, como se todos fossem imagem e semelhança de Deus. Assim como no islamismo, agir com todos os seres vivos da mesma maneira, como se todos fossem um e amar a todos como se tudo pertencesse a Deus<sup>32</sup>.

Sobre o conceito de Bem e Mal: no cristianismo entende-se que o mal é tudo aquilo que afasta o homem de Deus, o que se assemelha fortemente ao conceito islâmico de que o bem deve ser promovido e que não seja dado espaço para o mal e a única forma de se alcançar essa bondade é com autodisciplina. Assim como o conceito de pecado, que na visão das três é se afastar de Deus, pois quando o fiel se afasta de Deus, não vive em comunhão com todas as coisas, o pecado acontece<sup>33</sup>.

A visão com relação às mulheres é semelhante nas três religiões. Atualmente esse é um dos pontos que divide opiniões e cria tal distância entre as religiões. No entanto, devem-se observar as três religiões em cenários diferentes. O cristianismo e o judaísmo no ocidente são consideravelmente liberais quando comparados com o oriente, assim como o islamismo. Em alguns países mais tradicionalistas as regras alcorânicas são seguidas à risca, mas também existem os fieis que não cumprem tais regras com relação às mulheres.

Enfim, a base dessas três religiões é a mesma, e por si as torna semelhantes. É necessária observação de não julgamento para que essas semelhanças sejam notadas e respeitadas por todos os seres, religiosos ou não.

## 2.2 O DIREITO

No Islamismo, todas as regras e leis estão dispostas na Sharia<sup>34</sup>, trata-se de um livro onde são encontradas as leis para guiar a conduta humana. É baseada no Alcorão, no entanto, quando este não possui instruções fatídicas, os islâmicos recorrem à Suna. Nesta se encontram

---

<sup>31</sup> Ver mais em: DAMIÃO, Valdemir. HISTÓRIA DAS RELIGIÕES: SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA HUMANIDADE. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2008, 5ª ed., p. 313.

<sup>32</sup> Ibidem. p. 93-94.

<sup>33</sup> Ibidem. P. 95-101

<sup>34</sup> Do árabe *Char'ia*, que significa "caminho para o Oásis (GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H., 2005, p.141).

exemplos deixados por Maomé e pelos califas<sup>35</sup>. Os exemplos deixados por Maomé se encontram em uma coletânea chamada *hadith*, porém esses exemplos não condizem mais com a sociedade atual. Para isso os muçulmanos utilizam dois princípios para sua adaptação:

Princípio da similaridade ou analogia. Para solucionar um problema totalmente novo, encontra-se um exemplo semelhante (ou análogo) no Alcorão, ou um precedente, e se estuda a base para uma decisão; Princípio do consenso. Diz-se que Maomé afirmou que os fiéis nunca poderiam concordar coletivamente acerca de algo que estivesse errado. Assim, uma decisão que os fiéis tomam em comum pode ser vista como lei por seus representantes, os especialistas legais. Um exemplo ocorreu quando os líderes religiosos resolveram proibir o café. A decisão foi recebida com protestos tão veementes pelas pessoas comuns que os líderes concordaram em anular a proibição (GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H., 2005, p.141).

No entanto, para os xiitas é acrescentado mais um princípio: a interpretação pessoal de seu Imam. Para os sunitas, a revelação vem finalizada, ou seja, é passada de uma forma e é assim que deve ser usada, ao contrário dos xiitas, que acreditam que apesar de passada a informação, é possível que as leis sejam continuamente interpretadas por seus Imames (GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H., 2005, p.142).

Atualmente a diferença entre Xiitas e Sunitas é gritante. Dentre todos os muçulmanos existentes no mundo (cerca de 1,57 bilhões de adeptos, segundo censo de 2009), de 10 a 13% são Xiitas e 87 a 90% são sunitas. Dentre estes, a maioria dos Xiitas se concentram em quatro países, sendo eles Irã, Paquistão, Índia e Iraque. No restante do mundo predominam os Sunitas<sup>36</sup>.

Deve-se lembrar de que no Islamismo o direito não pode ser considerado como algo distinto, ele dita e avalia o modo de vida do muçulmano, por esse motivo ele é tão somente aplicado nas relações entre muçulmanos (SOUSA, 1986, p.19). Assim, é possível observar juristas e teólogos muçulmanos trabalhando juntos para por em prática os ensinamentos islâmicos, levando em consideração que o Estado nesse caso não existe isoladamente, sem que haja a interação com o espiritual. “É [o caminho] de uma sociedade ideal que, um dia, virá estabelecer-se num império todo ele sujeito à religião e à civilização islâmicas” (SOUSA, 1986, p.20).

Assim como citado no subcapítulo 2.1 – A Religião, a Sharia é a que dita os 5 pilares do islamismo. No entanto, dentro desses pilares existem regras a serem seguidas. Em seu livro “*Islamismo – História e Doutrina*”, Jacques Jomier cita algumas divergências na prática e na própria escrita das leis. Quanto ao uso do véu entre as mulheres ele cita:

<sup>35</sup> Título atribuído ao chefe de Estado, sucessor de Maomé. A ele era dado poder sobre todas as esferas: política, econômica, religiosa e militar.

<sup>36</sup> Censo de 2009 do Fórum Pew. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2009/10/07/mapping-the-global-muslim-population/>>

O Alcorão contém versículos referentes ao véu das mulheres. A despeito disso permanece uma incerteza, já que existem duas tradições diferentes a esse respeito. Uma exige que sejam visíveis exclusivamente os olhos da mulher núbil<sup>37</sup>, e que todo o resto do corpo permaneça escondido. A outra deixa livres o rosto, as mãos e os pés [...] Que texto escolher? (JOMIER, 1992, p.87)

Outro ponto questionado pelo autor é o aborto. Ele cita que, desde que o feto exista, todo aborto é criminoso, contudo, alguns juristas põe em cheque a data em que ocorre a vida. Alguns opinam pela vida a partir do dia 120 de gestação, sendo assim permitido o aborto até os três meses. Outra interpretação questionada é a amputação da mão do ladrão, que era contundente até uma crise de fome em que o Califa Omar suspendeu essa lei. A partir de então muitos juristas interpretam que até que a fome não seja erradicada essa lei não deve ser aplicada.

Existem basicamente quatro fontes de direito no islamismo (SOUSA, 1986, p.27)

O Alcorão, livro sagrado do Islão, a Palavra de Deus;  
A Sunna, ou tradição relativa a Maomé;  
O Idjimâ', o acordo unânime da comunidade;  
O Qiyâs, ou o raciocínio por ideologia.

Para os muçulmanos a Sharia deve ser seguida obrigatoriamente a partir da puberdade pois acredita-se que nessa época o jovem já tenha a condição de usar a razão. Entretanto, costuma-se preparar as crianças para o seguimento das leis, ainda que sem obrigação, para que estas já cresçam preparados para isso, principalmente no que diz respeito ao jejum e às orações (JOMIER, 1992, p. 92)

A lei muçulmana é pautada nas obrigações individuais e as obrigações coletivas. Seguindo ainda o livro de Jomier, dois exemplos são: “[...] todo crente deve normalmente fazer, a partir da puberdade, suas cinco orações rituais por dia [...] Ao contrário, a guerra santa é uma obrigação coletiva [...] que incube à comunidade enquanto tal” (1992, p. 94).

A partir de então, Jomier passa a analisar individualmente cada um dos pilares islâmicos, apontando as regras a serem seguidas para seu cumprimento:

O testemunho da fé: Para testemunhar a fé em *Allah*, basta proferir a frase “Atesto que não existe divindade afora Deus e que *Mohammad* é o enviado de Deus”. Esse testemunho afirma que existem consequências para a vida de cada muçulmano, pois, por meio dele encoraja os fiéis a contestar e se manter firme diante atitudes daqueles que não seguem o Alcorão. Assim como a frase citada acima, a frase “Deus é o maior, somente Deus é grande” foi um dos gritos de guerra dos exércitos muçulmanos.<sup>38</sup>

<sup>37</sup> Pessoa preparada para o casamento

<sup>38</sup> JOMIER, Jacques. ISLAMISMO: HISTÓRIA E DOCTRINA. Tradução: Luiz João Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 95-96.

Quanto à oração ritual, as individuais são feitas particularmente, todavia alguns fieis se reúnem nas mesquitas e as fazem em comunhão. São feitas em língua árabe, exceto em raríssimos casos; as posturas para a oração são todas especificadas na Sharia – mas não serão citadas nesse trabalho pois não faz parte do escopo. Todos devem realizá-la desde que tenha atingido a puberdade, mas algumas crianças entre 7 e 10 anos são iniciadas para que se crie o costume. Algumas mulheres em período menstrual (considerado impureza legal<sup>39</sup>) também são distanciadas desses rituais. Além dessas regras, o muçulmano deve fazer a ablução antes de orar. Algumas são: lavar mãos, antebraço, rosto, boca etc. para se limpar de impurezas adquiridas até então, como o fato de fazer necessidades, tocar em alguém do sexo oposto – que não seja um familiar - sem um pano, ainda que com as mãos cerradas. No entanto, caso haja uma impureza maior, como “as de origem sexual”, é necessária ablução completa, constante na Sharia.

Durante a oração o muçulmano deve vestir roupas e sapatos puros e sentar-se em solo puro, para isso costuma-se usar tapetes. Toda oração é feita em direção a Meca, ou para a Caaba. Os gestos são regulamentados pelas escolhas jurídicas muçulmanas<sup>40</sup>.

O Tributo: é uma espécie de esmola/dízimo, que tem como finalidade sustentar os mais pobres, ou também pode ser considerado um imposto a fim de financiar empreendimentos de interesse do povo. No entanto atualmente ele só é utilizada mesmo em países mais tradicionalistas, como a Arábia Saudita, em outros lugares é dado por aqueles que se preocupam com as leis. Os que não a dão geralmente são aqueles que acreditam que os impostos pagos ao Estado tenham-no substituído, pois uma das finalidades dos impostos é cuidar dos pobres e dos interesses do povo.

O Jejum é realizado no mês do Ramadã, que é o nono mês do ano lunar. Para que os muçulmanos saibam que o mês começou, é liberado um anúncio oficial advindo das autoridades. A partir do início do Ramadã, o jejum é feito desde o amanhecer até o pôr do sol. Um ponto do Alcorão cita: “Comei e bebei até serdes capaz de distinguir o fio branco do fio preto, ao alvoreces. Em seguida fazei jejum completo até a noite” (ALCORÃO, 2ª Sunata, versículo 187). Durante então esse período diário de jejum fica proibido todo tipo de alimento

---

<sup>39</sup> A menstruação é considerada impura pois Deus disse ao profeta que é um período de impureza, no qual a mulher sente dor e sofre danos, por esse motivo, não deve manter relações sexuais e nem dar voltas em torno da Caaba durante o ritual. Ver mais em “*Os preceitos Islâmicos sobre a menstruação, metrorragia e o pós-parto*”. Disponível em [https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwimvd3j4PTPAhVFIJAKHWn8CxUQFggsMAI&url=http%3A%2F%2Fwww.islamicbulletin.org%2Fportuguese%2Fbooks%2Fwomen%2Fperiod\\_portuguese.pdf&usq=AFQjCNGz43ZmS47C06sBPTskQJ0DTXMTeg&sig=2-jXHJcFI0t03A24xyJfutMQ](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwimvd3j4PTPAhVFIJAKHWn8CxUQFggsMAI&url=http%3A%2F%2Fwww.islamicbulletin.org%2Fportuguese%2Fbooks%2Fwomen%2Fperiod_portuguese.pdf&usq=AFQjCNGz43ZmS47C06sBPTskQJ0DTXMTeg&sig=2-jXHJcFI0t03A24xyJfutMQ). Acesso em 23 out. 2016.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 99.

e bebida. Proíbe-se também o ato sexual. Passado o pôr do sol, tudo volta ao normal até o dia seguinte. “À tardinha as proibições cessam: a refeição de quebra do jejum após o pôr do sol é um sinal de fraternidade, quase uma espécie sacramental de fraternidade” (JOMIER, 1992, p. 115).

Algo apontado no livro de Jomier é a licidade de certas práticas no período.

[...] Em princípio, nada deve entrar de fora no tubo digestivo e nos intestinos: são proibidas, por exemplo, as lavagens. Mas o que dizer do que entra no corpo por outras vias? Os juristas do Egito permitiam gotas nos olhos, nos ouvidos, as vacinas, mas não admitiam as injeções fortificantes, etc. Muitas vezes o público recusa tudo. Muitas profissões precisam mudar seus horários: os dentistas atendem seus clientes muçulmanos de noite, pois engolir água, sangue, etc. rompe o jejum. (JOMIER, 1992, p.116)

O mês do ramadã tem grande função espiritual, o jejum traz aos ricos a memória de que existe a pobreza. Para tal, existe a esmola de quebra do jejum, em que os ricos doam para que os pobres também possam se alegrar na festa de final de jejum. O mês também traz àqueles que o cumpre o controle corporal, pois durante o período é necessário que haja grande controle de seus desejos carnisais, como gula, paixão, sede, vícios. É talvez por esse motivo que as comemorações de final de jejum são tão vívidas<sup>41</sup>.

A Peregrinação é obrigatória a todo muçulmano desde que haja condições físicas e financeiras para tal. Há na ocasião dois grupos de cerimônias: as primeiras são individuais, ou seja, pode ser em períodos distintos, são eles o 10º, 11º e início do 12º mês do ano. Ao chegar na cidade o muçulmano deve dar sete voltas em torno da Caaba, tendo o templo à esquerda de seu corpo, em seguida percorre 7 vezes ida e volta as colinas Mafa e Sarua, consideradas sagradas. As segundas cerimônias tem uma data fixa para todos os muçulmanos, o 9º dia do último mês de peregrinação (12º mês do ano). Eles se reúnem do nascer ao por do sol, 25 quilômetros ao leste de Meca, se vestem de branco sob uma tenda, com seus corpos virados à planície de Arafat. É feito um sermão inicial e em seguida todos pedem por necessidades pessoais<sup>42</sup>.

### 2.2.1 DIREITOS HUMANOS

Para possibilitar a comparação entre os Direitos Humanos e a lei islâmica é necessário que se estude os pontos da Declaração Universal de Direitos Humanos. A religião islâmica é

<sup>41</sup> No último dia de Ramadã os muçulmanos se vestem geralmente com roupas brancas e visitam amigos e familiares. Nesse dia eles trocam presente e fazem uma alimentação diferenciada para essa data. Além de fazer orações de graças. Após essa comemoração, seguem aguardando o próximo Ramadã. Disponível em: <<http://www.30-dias.org/o-ramada/>>

<sup>42</sup> Ibidem, p. 119

uma declaração divina e sublime de como se devem pautar os comportamentos humanos. “Ela visa senão a fixação dos pilares da liberdade, justiça e da igualdade, rendendo homenagem e dignidade ao homem em todo tempo e lugar” (BAALBAKI, 2006, p.83).

Deus não enviou a esta comunidade senão o Profeta *Mohammad*. Toda a comunidade é exortada a seguir o Livro Sagrado e a Suna do Profeta, não havendo distinção entre os companheiros e seus sucessores. (...) Tudo o que está de acordo com os princípios islâmicos, de palavras ou atos, é uma correspondência a uma aplicação destes princípios. Tudo o que estiver contra esses princípios será considerado fora da lei islâmica. O Profeta disse: “todo ato estranho à nossa ordem é considerado uma apostasia”. (ACHOKANI, 19-- apud BAALBAKI, 2006, p.85).

Para o autor Baalbaki, as regras islâmicas devem ser seguidas, pois a submissão humana a elas vem do consciente, da crença e da fé, coordenadas pelos juristas sob orientação divina para “preservar a religião e orientar a política mundial”.

## 2.2.2 DIREITO DAS CRIANÇAS

Existem no islamismo alguns direitos básicos das crianças, cujo não seguimentos pode influenciar nos resultados de vida dos pais e dos filhos, tanto muçulmanos como não muçulmanos. Alguns deles são:

Al Ta'am - Alimentação: os pais têm o dever de alimentar seus filhos. Durante a gravidez a mãe deve observar cuidadosamente os alimentos e substâncias que ingere e que possam prejudicar o bebê. Este é um direito do feto. Após o nascimento é obrigatório para a mãe muçulmana amamentar seu bebê até os 2 anos de idade. Além da alimentação em si, laços de afeição entre a mãe e o bebê são fortalecidos; Al Himayah - Proteção: é obrigação dos pais proteger seus filhos do perigo e de conceitos e idéias negativas que possam afetar seu caráter ou personalidade, veiculados através de televisão, influência na escola, nas ruas ou outro meio qualquer; Al Tilbaba - Medicação: os pais devem se assegurar de que é dada à criança a medicação correta para protegê-los de doenças e cuidar corretamente de seus filhos quando eles estiverem doentes; Al Malbas - Vestimenta: a criança tem direito a receber roupas adequadas à sua idade e ao seu sexo e que também sejam adequadas à estação do ano; Al Nasab - Linhagem: a criança tem direito de saber quem são seus pais e de ser reconhecida por eles. Como consequência deste direito decorrem uma série de injunções islâmicas que são com frequência mal-interpretadas por não-muçulmanos e que merecem ser explicadas; Al Diin - Religião: ao chegar aos 7 anos de idade, que é chamada no Islam de "idade de Tamiz" ou idade da distinção ou discernimento, a criança muçulmana deve ser ensinada a fazer suas orações, que caluniar alguém é "haram" (ilícito), e outros ensinamentos básicos da religião; Al Isim - Nome: é um direito da criança receber um nome islâmico adequado, preferencialmente até o sétimo dia de vida. A escolha de um bom nome deve ser feita com a "nyia" (intenção) de que a criança seja abençoada com as bênçãos relacionadas ao nome; Al Umm - Escolha de bons pais: o muçulmano e a muçulmana devem escolher bons parceiros para o casamento. O propósito do casamento é definido no Islam não só como prazer e procriação, portanto a escolha de um(a) parceiro(a) que seja religioso(a) é essencial. Um "hadith" do Profeta Muhammad; Al Tazweej - Casamento: os pais devem se certificar que seus filhos se casem com pessoas religiosas e, portanto não devem recusar ou oferecer obstáculos para o casamento de seus filhos sem razão. (ISLAM.ORG, c20--, *on-line*).

Assim sendo, para que haja uma base sólida islâmica é necessário que os fieis se atentem aos mandamentos da religião, a fim de fazer as escolhas certas desde suas primeiras decisões. Estas gerarão frutos que deverão seguir um caminho de honra, conforme descrito no livro sagrado muçulmano<sup>43</sup>.

### 2.3 A POLÍTICA

Embora o islamismo vá contra a Modernidade Ocidental, esse é um dos pontos que talvez chame a atenção de tantos muçulmanos. No entanto, o islã é original por seu “programa político e social positivo” (DEMANT, 2004, p.299).

Ainda em seu livro “*O Mundo Muçulmano*”, Demant (2004) cita alguns princípios cujos muçulmanos creem que precisam reger a humanidade. Embora as opiniões entre os diversos grupos islâmicos divergem, os princípios que devem ser utilizados para que a sociedade de Maomé marque a humanidade são basicamente os mesmos.

Alguns desses princípios são: o ser humano não é um mestre em si, ele é apenas um instrumento subserviente às vontades de Deus, tendo suas vontades comunicadas e espalhadas pela humanidade por meio do último profeta Maomé; o ideal político é o “Estado Islâmico”. Para alguns fieis é qualquer Estado desde que internamente transformado pelas leis islâmicas, para outros, todos os muçulmanos fieis podem estabelecer um Estado Islâmico, onde quer que estejam. Para outros, fronteiras não são legítimas pois o Estado Islâmico englobará todo o mundo; esse Estado Islâmico imporá a toda a humanidade as regras islâmicas. O Estado Islâmico não aceita a definição de cidadania adotada pelo Ocidente, nem a democracia numérica<sup>44</sup>; os homens representam a esfera pública (sociedade) e as mulheres a esfera privada (família), sendo as mulheres sempre submissas ao homem. Essas esferas se separam para que cada sexo possa contribuir da melhor forma para que a sociedade islâmica se reproduza. Além da segregação, o Estado Islâmico também proíbe o consumo de Álcool e outras maneiras corruptíveis; o Estado Islâmico deve cuidar do ensino religioso das gerações mais novas, assim como facilitar a manifestação da fé muçulmana; na economia o princípio é um banco sem juros; estabelecer a superioridade islâmica sobre os demais habitantes do Estado Islâmico; aplicar a Sharia e utilizar as punições contidas no Alcorão para quem transgredi-las; no âmbito da política externa, é necessário manter a ordem universal do Islã que está baseada na luta eterna entre o território islâmico e o território da guerra, ou seja, o

---

<sup>43</sup> Cf. [http://www.islam.org.br/o\\_direito\\_das\\_crianças.htm](http://www.islam.org.br/o_direito_das_crianças.htm). Acesso em 03 out. 2016.

<sup>44</sup> Governo do maior número de indivíduos.

mundo inteiro que ainda não se submeteu ao islamismo. A maioria dos fundamentalistas islâmicos concorda que essa luta é um *jihad*<sup>45</sup>.

O *jihad* é um conceito muito importante do mundo islâmico:

Eis aí uma noção que os ocidentais não costumam entender corretamente. A palavra significa “luta”, “combate”, com uma conotação de esforço, de esforçar-se por...

Esta luta pode ser interior contra as paixões: é esta o “grande” *jihad*, consoante uma tradição que os sufis contemporâneos querem revalorizar.

Na realidade o “pequeno” *jihad* ou guerra legal (preferivelmente a guerra santa) tem ocupado um lugar relevante na história do Islã. Primeiramente defensiva, depois ofensiva, e isso muitas vezes porque os muçulmanos se consideravam ameaçados sendo ela inevitável em um mundo de lutas e de guerras.

Mas este sentido guerreiro não é único. A luta contra o subdesenvolvimento foi assemelhada por Burguiba a um *jihad*. E os esforços de propaganda, de difusão ou de resistência cultural, de resposta a campanhas mentirosas são igualmente formas de *ihâd*. (1992, p.229).

Atualmente a sociedade ocidental utiliza a palavra *jihad* (ou jihadista) como sinônimo para radical islâmico, no entanto, o termo não é muito bem entendido pelos ocidentais e aplicado de forma errônea.

No que tange à guerra santa, ela é obrigatória contra os povos próximos aos territórios já islâmicos. Tem a intenção de transformar o território em muçulmano. Porém, antes de iniciar a guerra é necessário que se peça ao povo não muçulmano que se convertam. Se aceitarem, passa a fazer parte da comunidade islâmica, caso contrário tem a pena de morte como punição, por apostasia. (SOUSA, 1986).

## 2.4 A ECONOMIA

O Alcorão não tem regras que questionam o direito à propriedade privada, de fato, é favorável a prática do comércio. No entanto, em alguns pontos impõem limitações à riqueza. Uma das proibições do Livro no âmbito de comércio é a proibição dos juros, todavia esse ponto não é seguido fielmente, pois ele é cobrado particularmente nas finanças internacionais. A prática de dar esmolas se converteu no pagamento de impostos sobre a propriedade. “Na maioria dos países árabes impera o mercado livre na economia” (GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H., 2005, p. 143).

Embora a religião não condene a propriedade privada, é vedado aos fieis a acumulação de bens sem que haja divisão de riquezas,

O pressuposto básico da comunidade islâmica (Ummah) diz que os bens não são apenas para o conforto próprio, mas para o de todos. A prática inclui a divisão das riquezas, criminaliza a usura — ganhar dinheiro com juros, por exemplo, é proibido

<sup>45</sup> DEMANT, Peter. O MUNDO MUÇULMANO. São Paulo: Contexto, 2004, p. 300-301.



— e obriga o pagamento de tributos para a distribuição de recursos aos necessitados. (EM, 2014, *on-line*).

Sua economia é peculiar e ao muçulmano não é permitido o uso indiscriminado do dinheiro. É necessário que se sigam as regras do Alcorão. Alguns exemplos das proibições são que qualquer lucro advindo da venda de bebidas alcoólicas ou produtos ilícitos, tal como o dinheiro obtido através de jogos, loterias ou transações com aplicação de juros. Qualquer ganho que venha de roubo, trapaça ou fraude é igualmente condenado<sup>46</sup>.

Para entender como fazer investimentos no islã, Ahmed El Helw, presidente do Banco Islâmico Makaseb, a maior instituição financeira privada entre 22 países árabes, explica, em palestra traduzida pelo professor Samir El'Hayek, que os bancos do islã ou ganham ou perdem junto com seus clientes. “O foco não é o lucro, mas o bem que o investimento vai fazer à comunidade”, diz. O imposto, ou Zakat, é uma obrigação que força os fiéis a não multiplicarem seus ganhos, optando por dividi-los com os outros. “Se o muçulmano guardar dinheiro, o lucro vai aumentar e o Zakat também. Isso força os investimentos no bem comum”, ressalta o banqueiro. Para descrever como os juros são prejudiciais à economia, ele lembra que, em 2008, quando mergulharam em uma grave crise, os Estados Unidos decidiram zerar suas taxas. “Adotaram a prática do islã, porque juro é algo muito, muito ruim”, destaca. (EM, 2014, *on-line*).

Outro ponto abordado no sistema econômico muçulmano é a questão da herança. Há uma igualdade entre parentes e nenhum filho deve receber valor maior que o outro. Com a morte de um familiar a renda segue certa hierarquia e, antes que o dinheiro seja repartido entre os herdeiros, ele vai primeiro para quitar as dívidas funerárias e em seguida para os credores da pessoa que morreu<sup>47</sup>.

Além das questões citadas anteriormente, têm-se o caso da previdência social. Nos primórdios do Islam o tratamento médico era praticamente gratuito e os homens construíam suas casas manualmente, inclusive sem que tivesse que pagar pela maior parte do material usado na construção. Sendo assim, era compreensível a falta de necessidade em manter seguros sobre qualquer esfera. Porém, nos tempos do Profeta, esse assunto despertou atenção e textos começaram a ser escritos para que abrangessem qualquer ocasião sobrevente relacionada ao tema.

Assim, na Constituição da Cidade-Estado de Madina, no primeiro ano da Hégira, este seguro se chamou de *ma'aquil* e funcionava da seguinte maneira. Se alguém fosse feito prisioneiro de guerra por um inimigo, era necessário pagar-se o resgate para comprar sua libertação. Do mesmo modo, os danos físicos e os homicídios culposos exigiam o pagamento dos prejuízos ou dinheiro de sangue. Isto freqüentemente excedia os recursos do indivíduo envolvido, fosse ele o prisioneiro ou o criminoso. O Profeta instituiu um seguro em bases de mutualidade com o qual os membros de uma tribo podiam contar, mantido no erário central da tribo, ao qual todos contribuíam de acordo com as suas posses; e se o erário da tribo fosse

<sup>46</sup> Cf. <[http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/01/28/internas\\_economia,492360/lucro-sem-divisao-e-crime-no-islamismo.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2014/01/28/internas_economia,492360/lucro-sem-divisao-e-crime-no-islamismo.shtml)>. Acesso em: 30 set. 2016.

<sup>47</sup> Cf. <http://www.islamemlinha.com/index.php/artigos/islam/item/o-sistema-economico-do-islam>. Acesso em: 30 set. 2016.

insuficiente, outras tribos ligadas ou vizinhas tinham a obrigação de prestar ajuda. Foi instituída uma hierarquia para a integração das unidades num todo. (ISLAM EM LINHA, c2016).

Assim sendo, o seguro significa uma partilha sobre dívidas que são retiradas de um indivíduo e transferidas para vários outros a fim de se reduzir o “peso” sobre o primeiro. Em vez de criar organizações capitalistas e caras, o Islam valorizou a cooperação, com base em um sistema mutuário. É possível fazer uma analogia entre a privatização do sistema de seguros e o jogo de azar. Nos seguros do sistema capitalista o segurado não tem a “participação no lucro” da empresa correspondente aos valores monetários depositados nela. E isso não é tolerado no islamismo.

## 2.5 A SOCIEDADE

### 2.5.1 ESCRAVIDÃO

No surgimento do Islã, quase toda espécie de escravidão foi condenada, sendo exceção apenas as “existentes até hoje no mundo inteiro, relacionadas aos prisioneiros de guerra” (BAALBAKI, 2006, p.102). Comparando o islamismo inicial ao de hoje, muitas mudanças ocorreram. Para que houvesse a libertação dos prisioneiros era preferível que os religiosos pagassem por sua liberdade – antes os próprios prisioneiros pagavam, ou eles se rendiam às regras islâmicas. Para justificar esse pagamento por parte dos muçulmanos, encontram-se no Alcorão passagens baseando-se no fato de que mais caro seria manter o prisioneiro cativo do que pagar por sua liberdade e não seria correto gastar mais com a prisão deste<sup>48</sup>. Uma das passagens é:

E quando E quando vos enfrentardes com os incrédulos, (em batalha), golpeai-lhes os pescoços, até que os tenhais dominado, e tomai (os sobreviventes) como prisioneiros. Libertai-os, então, por generosidade ou mediante resgate, quando a guerra tiver terminado. Tal é a ordem. E se Deus quisesse, Ele mesmo ter-Se-ia livrado deles; porém, (facultou-vos a guerra) para que vos provásseis mutuamente. Quanto àqueles que foram mortos pela causa de Deus, Ele jamais desmerecerá as suas obras. (ALCORÃO 47:4).

Outra passagem referente à liberdade dos escravos:

Quanto àqueles, dentre vossos escravos e escravas, que vos peçam a liberdade por escrito, concedei-lha, desde que os considereis dignos dela, e gratificai-os com uma parte dos bens com que Deus vos agraciou. Não inciteis as vossas escravas à prostituição, para proporcionar-vos o gozo transitório da vida terrena, sendo que elas querem viver castamente. Mas se alguém as compelir, Deus as perdoará por terem sido compelidas, porque é Indulgente, Misericordiosíssimo. (ALCORÃO, 24:33)

<sup>48</sup> BAALBAKI, Ezzeddine Hussein. O ISLÃ E O CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES. São Bernardo do Campo. Arrissala, 2006, 1ª edição, p. 103.

A escravatura representa bem o avanço e o retrocesso no mundo islâmico, que embora não proíba a escravidão em caso de prisioneiros de guerra, exige que haja tratamento humanitário, ainda que “escravos masculinos tenham sido, de fato, rotineiramente castrados nos grandes centros de acolhimento do tráfico escravagista” (DEMANT, 2004, p. 146).

## **2.5.2 MULHERES E CASAMENTO**

Ao pesquisar esse tópico, pode-se perceber certa diferença na visão ocidental e oriental sobre o assunto. O Alcorão afirma que os homens têm por direito estabelecido por Deus de se casar com quatro mulheres ao mesmo tempo. No entanto, a Sharia afirma que o homem pode ter quantas mulheres desejar e além das esposas, pode ter também um número ilimitado de concubinas, ao passo que a mulher deve se casar com um homem de cada vez. Aquele homem ou aquela mulher que se divorciar ou ter seu parceiro morto, deve, a partir de então, casar-se apenas com aquele que estiver na mesma situação (SOUSA, 1986). Essa passagem do livro mostra que na lei islâmica a mulher é diferenciada, pois para que possa manter relações com outros homens, ainda que haja paixão entre eles, ela deve manter uma relação extraconjugal ou se separar e casar novamente, enquanto o homem pode aproveitar, sem nenhum tipo de punição, de quantas mulheres desejar, pois só seria considerado adúltero caso se envolvesse com uma idólatra, uma adúltera ou uma prostituta.

Em seguida, ao observar a análise do autor libanês Ezzeddine Baalbaki, percebe-se a diferença entre pontos de vista. O autor inicia o tópico afirmando que não há diferença entre os sexos. “[...] o islã elevou a mulher a um plano superior, jamais atingido em nenhuma das civilizações da Antiguidade, nas quais foi obrigada a suportar humilhações terríveis e um tratamento indigno de sua natureza humana.” (BAALBAKI, 2006, p.110). Em seguida, o autor informa sobre a relação homem-mulher no islamismo. Nos tempos antes do islã a mulher tinha certa liberdade ante a sociedade, pois ajudava no pastoreio de animais, buscava água para abastecer a casa, cozinhava etc. Porém, a família preferia o nascimento de homens, pois eram vistos como os protetores da família, como fortes para o trabalho e por sua capacidade de lutar nas guerras, defendendo as tribos. No entanto, quando Maomé veio professar a palavra de Deus, a ocupação da mulher na sociedade deixou de ser humilhante e ela passou a ter os direitos equivalentes aos dos homens. No entanto, o autor afirma que alguns ensinamentos do Alcorão quanto a diferenciação entre os sexos têm sido erroneamente interpretado e convida o leitor a fazer a análise de algumas passagens do Livro sobre o

assunto. A primeira análise é feita sobre o versículo 34 da 4ª surata<sup>49</sup>, o qual afirma que as mulheres devem ser protegidas pelos homens uma vez que Deus deu a eles mais força, justamente para que tivessem essa função. A partir disso, Baalbaki conclui que, embora expresse certa diferença entre os sexos, a surata tem a única intenção de informar que o homem deve tratar sua mulher com amor e carinho e que essa passagem cita que dentro de um relacionamento cada um tem sua função, e que nenhum é submisso às vontades do outro. Porém, seguindo essa análise o autor expõe sua opinião acerca do assunto.

Evidentemente, este versículo também pode sugerir uma possibilidade de o homem sentir-se no direito de exercer um certo controle sobre sua esposa, assim como ter um grande dever de cuidar de sua segurança e de prover o seu sustento. Isso decorre de uma **real superioridade** do homem em relação à mulher, por conta de o homem possuir certas qualidades **inatas** (com respeito ao **conhecimento e ao poder**), geralmente em maior proporção do que na mulher. (BAALBAKI, 2006, p.114, grifo nosso).

Outro ponto que diferencia o homem da mulher no islamismo é a função financeira do relacionamento que fica inteira por conta do marido. Por esse motivo, embora seja possível haver divórcio entre os adeptos da religião, o direito de dar início ao pedido deve partir do homem. O processo de divórcio é burocrático, pois, segundo Maomé, essa atividade é a que Deus menos gosta (GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H., 2005).

Quanto ao casamento, tem-se que é um contrato, escrito e planejado pelo noivo e consentido pelo pai da noiva, supondo consentimento das partes (SOUSA, 1986). Alguns pontos descritos no Alcorão são de que mesmo no jejum é possível que haja relação sexual entre o casal; não é correto casar-se com um politeísta<sup>50</sup>. O Alcorão afirma que é mais digno casar-se com um escravo crente do que com um politeísta, e isso vale para homens e mulheres<sup>51</sup>; se um homem se divorciar, este não poderá casar-se novamente com a mulher a menos que ela já tenha se casado novamente e se divorciado deste<sup>52</sup>; quando houver o divórcio, o ex-marido não poderá impedir a mulher de se casar novamente<sup>53</sup>; as mulheres devem esperar quatro meses e dez dias após a morte do marido para que possam casar-se novamente<sup>54</sup>; um homem não pode se casar com a ex-mulher de seu pai<sup>55</sup>; se um homem se

<sup>49</sup> “Os homens são os protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais do que as outras, e porque as sustentam do seu pecúlio. As boas esposas são as devotas, que guardam, na ausência, o que Deus ordenou que fosse guardado [...]”.

<sup>50</sup> ALCORÃO, 2ª surata, versículo 183.

<sup>51</sup> Ibidem, 2ª surata, versículo 220.

<sup>52</sup> Ibidem, 2ª surata, versículo 230.

<sup>53</sup> Ibidem, 2ª surata, versículo 232.

<sup>54</sup> Ibidem, 2ª surata, versículo 234.

<sup>55</sup> Ibidem, 4ª surata, versículo 23.

casar, se divorciar antes de tocar em sua esposa, mas depois de ter assinado o dote, deve pagar a metade dele, a menos que não haja o interesse no pagamento<sup>56</sup>.

Quanto à vestimenta, o versículo 59 da 33ª surata diz “Ó Profeta, diz às tuas mulheres, às tuas filhas e às mulheres dos crentes que se tapem com seus véus! Este será o modo mais simples de elas serem conhecidas, não sendo ofendidas [...]”. Essa passagem afirma que há grande preocupação com o bem-estar das mulheres e com seus direitos. Assim como o fato de ser obrigação dos homens proteger as mulheres, é preferível a elas que se vistam com véus para que tenham sua integridade física e moral preservada e protegida.

No islamismo as mulheres, ainda que possuam direitos e muitas vezes semelhantes aos dos homens, comparado à visão ocidental de seus comportamentos elas são consideradas muitas vezes submissas e oprimidas. No entanto têm seu espaço na vida muçulmana e, na visão islâmica, são asseguradas de seus direitos e não podem ser menosprezadas em nenhum momento.

---

<sup>56</sup> Ibidem, 2ª surata, versículo 283.

### 3 A RELIGIÃO E A MODERNIDADE

A modernidade trouxe consigo a necessidade de adaptação de certos dogmas religiosos. No entanto, embora seja possível observar acomodação dentre as religiões hoje existentes, ainda permanecem fiéis e igrejas que mantêm a aplicação dos mesmos preceitos contidos em seus livros sagrados. A modernidade tem várias definições. Zygmund Bauman a define como “[...] o tempo em que o tempo tem uma história.” (1925, p.129). Ou seja, todo o período em que algo ocorreu pode ser chamado modernidade. Uma segunda definição desse conceito advém de Habermas (1929), para o qual o termo se refere a um aglomerado de processos que acumulados se tratam da própria modernidade.

[...] [refere-se] à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas, etc. (HABERMAS, 1929, p.5)

Paralelamente ao conceito de modernidade, pode-se analisar o funcionalismo religioso. Como observado anteriormente, a religião sofreu grandes alterações no decorrer dos tempos a partir de novas vertentes. Todavia, algumas ramificações permaneceram baseando-se nos antigos ensinamentos, mantendo a crença atemporal. Quanto a essa questão, o autor José Casanova (1994) escreveu sobre a sociologia religiosa e a secularização e afirmou que a secularização<sup>57</sup> é um mito por muito tempo defendido, mas atualmente fortemente criticado até mesmo por aqueles que a defendiam com convicção<sup>58</sup>.

Para o autor Samuel P. Huntington (19--) a modernidade tem relação com o surgimento de uma civilização universal. Este é o argumento mais generalizado sobre o assunto em apoio ao tema da universalização da civilização. Tem a ver com todos os processos de modernização que vem ocorrendo desde o século XVIII, no qual se encaixam a industrialização, educação, riqueza, urbanização, etc. É uma expansão do conhecimento científico que levou a humanidade a moldar seu meio de maneira inédita e revolucionária.

As atitudes, os valores, o conhecimento e a cultura das pessoas numa sociedade moderna diferem enormemente dos de uma sociedade tradicional. Na condição de primeira civilização a se modernizar, o Ocidente lidera a aquisição de cultura da modernidade. À medida que outras sociedades adquirem padrões semelhantes de educação, trabalho, riqueza e estrutura de classes, prossegue a argumentação, essa moderna cultura ocidental se transformará na cultura universal do mundo. (HUNTINGTON, 19--, p.81).

<sup>57</sup> Secularização; transformação ou passagem de coisas, fatos, pessoas, crenças e instituições, uma vez sob o domínio religioso para, então, o regime leigo.

<sup>58</sup> CASANOVA, José. PUBLIC RELIGIONS IN THE MODERN WORLD. Chicago. The University of Chicago Press, 2008, p. 23.

Ou seja, nessa argumentação generalizada citada por Huntington, o Ocidente foi o primeiro a se modernizar e será a cultura universal, pois esse é o único caminho pelo qual a universalização cultural será alcançada.

Um ponto que difere religiosidade de modernidade é a evidente contraposição entre o desejo de autonomia dos indivíduos e a insistência na submissão a uma determinada visão religiosa dos fatos. Como explicação para a escolha da visão religiosa como guia para o comportamento humano, usa-se o fato de que o ser humano não sabe como dar sentido ao mundo, de fato, é Deus e a crença nele que dá ao mundo o sentido é o mistério que há sobre as revelações divinas que cativa o ser humano a seguir acreditando e agindo conforme as leis religiosas em vez das adaptações modernistas. (BORGMAN, 2005 apud SALLES; SANTOS, p.371)<sup>59</sup>

### 3.1 ORIENTALISMO x OCIDENTALISMO

A história mundial atualmente é contada por dois pontos de vista principais, o Ocidente e o Oriente, que possuem grandes diferenças de hábitos. No entanto, esses dois conceitos, embora também correspondentes na perspectiva geográfica, são abordados em seu posicionamento geopolítico.

Edward Said<sup>60</sup> (1995) afirma que a insistência em separar povos com rubricas unificadoras é um grande problema na sociedade. Denominar povoados como “America”, “Ocidente”, “Islã” tem grande força e deve ser combatido.

[...] os terríveis conflitos reducionistas que agrupam as pessoas sob rubricas falsamente unificadoras como “América”, “Ocidente” ou “Islã”, inventando identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferentes uns dos outros, não podem continuar tendo a força que têm e devem ser combatidos; sua eficácia assassina precisa ser radicalmente reduzida tanto em eficácia como em poder mobilizador. (SAID, 1995, p.25)

O significado base do Orientalismo é o que tem definição histórica e material. Esse conceito “pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente” (SAID, 1995, p.29) utilizado para que sejam feitas afirmações a seu respeito, tal como descrições, doutrinações, etc. Said nesse ponto do livro afirma que utilizou dos livros de Michel Foucault “*Arqueologia do Saber*” e “*Vigiar e Punir*” para que pudesse analisar o

<sup>59</sup> SALLES, Walter; SANTOS, Johnny Arthur dos. O “mundo do texto” e a construção da identidade religiosa no islamismo. **Teocomunicação**: Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 358-377, set./dez. 2010.

<sup>60</sup> Edward Wadie Said (1935-2003) foi um dos mais importantes intelectuais palestinos. Cresceu entre Jerusalém e Cairo, no Egito. Em 1951 se mudou para os Estados Unidos para estudar em Massachusetts. Estudou em Princeton e Harvard, onde concluiu seu doutorado. Fundou uma orquestra para unir jovens de origem árabe.

conceito orientalismo e assim observar os efeitos que o termo traz para a região tratada por ele. Quando se assume o termo como um “discurso”, torna-se possível observar os meios em que a cultura europeia controlou as questões políticas, sociológicas, militares, ideológicas e científicas do Oriente. Assim sendo, esse termo – e tudo o que nele é abrangido – tinha tamanho poder que mesmo que alguém tentasse pensar o Oriente evitando o Orientalismo, sofria grandes limitações. “[...] isso não quer dizer que o Orientalismo determina unilateralmente o que pode ser dito sobre o Oriente, mas que consiste numa rede de interesses inevitavelmente aplicados [...] em toda e qualquer ocasião em que essa entidade peculiar [...] é discutida.” (SAID, 1995, p.30). A partir dessa informação, os estudos que baseiam essa pesquisa, apresentam que a cultura europeia se fortaleceu e criou sua identidade ao colocar-se em contraposição ao Oriente.

Sociedades política e civil podem ser analisadas e diferenciadas. A primeira composta por entidades voluntárias, como escolas famílias e sindicatos enquanto a segunda é formada por instituições militares cuja função é dominar. Enquanto isso há a cultura como meio operacional que leva a sociedade a agir em consenso. Sendo assim, em uma sociedade não totalitária, há hegemonia, ou seja, uma cultura é mais popular que outra, com algumas ideias mais influentes que outras. Desta maneira, o termo hegemonia é fundamental para que haja compreensão do Ocidente Industrial, que dá ao conceito Orientalismo a força que tem. (SAID, 1995 apud GRAMSCI, 19--). Paralelamente:

O Orientalismo não está muito longe do que Denys Reys chama “a ideia de Europa”, uma noção coletiva que identifica a “nós” europeus contra todos “aqueles” não europeus, e pode-se argumentar que o principal componente da cultura europeia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: a ideia de uma identidade europeia superior a todos os povos e as culturas não europeus. Além disso, há a hegemonia das ideias europeias sobre o Oriente, elas próprias reiterando a superioridade europeia sobre o atraso oriental, anulando em geral a possibilidade de que um pensador mais independente ou mais cético, pudesse ter visões diferentes sobre a questão. (SAID, 1995, p.34).

Ao basear-se no exemplo de Edward Said sobre a ocupação inglesa no Egito, observa-se a relação dominador-dominado. Utilizando o discurso de Arthur James Balfour<sup>61</sup>, o autor narra como se deu a dominação daquele povo e o sentimento inglês sobre o que estava ocorrendo. A partir da ocupação, toda a informação sobre esse ocorrido era que:

[...] a Inglaterra conhece o Egito, o Egito é o que a Inglaterra conhece; a Inglaterra sabe que o Egito não pode ter autogoverno; a Inglaterra confirma esse conhecimento ocupando o Egito; para os egípcios, o Egito é o que a Inglaterra ocupou e agora

---

<sup>61</sup> Arthur James Balfour (1848-1930), um político e estadista britânico, primeiro ministro do Reino Unido entre 1902 e 1905. É conhecido pela Declaração de Balfour, na qual o Governo britânico apoiou em 1917 as aspirações sionistas de criação de um estado nacional judeu na Palestina. Disponível em: <https://global.britannica.com/biography/Arthur-James-Balfour-1st-earl-of-Balfour>. Acesso em 01 nov. 2016.



governa; a ocupação estrangeira torna-se, portanto, “a própria base” da civilização egípcia contemporânea; o Egito requer, até insistentemente, a ocupação britânica. (SAID, 1995, p.65).

A partir de então, Said analisa o discurso comprovando que desde então os discursos de Balfour tinha como protagonismo a Inglaterra, sempre falando em nome dos Orientais e deixando claro, ainda que não utilizasse palavras diretas, que o povo egípcio era subjugado ao povo ocidental, havia sido dominado por uma raça mais desenvolvida, que era plenamente capaz de decidir pelos orientais, uma vez que os conheciam e sabiam aquilo que seria melhor para o povo. O Egito era considerado pelo Parlamento inglês um exemplo típico de sociedade atrasada, por esse motivo, a colonização ocidental era justificada.

Lorde Cromer<sup>62</sup> foi designado por Balfour como o criador do Egito. Em seu livro “*Modern Egypt*”, Cromer comenta sobre a racionalidade europeia, afirmando assim que a ocupação no Egito foi uma ação acertada. Ainda reitera que o europeu é um ser lógico e cético, que só considera verdade algo depois de possuir provas sobre o assunto. Ao contrario do europeu, o ser oriental era “pitoresco”, com seu raciocínio descuidado e assimétrico. “Although the ancient Arabs acquired in a somewhat high degree the science of dialectics, their descendants are singularly deficient in the logical faculty.” (CROMER, 1916, v.1, p.146). Ainda nessa passagem, Cromer afirma que as explicações de um oriental sobre qualquer informação são completamente “carentes de lucidez” e há a possibilidade o orador se contradizer várias vezes no decorrer delas. Sobre isso, Said afirma que para Cromer, o povo oriental não passava de “material humano que ele governava nas colônias britânicas” (SAID, 1995, p.71)

Depois do exemplo sobre a dominação egípcia, fez-se possível a extensão da análise para todo o contexto oriental:

[...] o modo de estimular a relação em toda parte era enfatizar o fato de que o oriental vivia num mundo próprio totalmente organizado, mas diferente, um mundo com suas próprias fronteiras nacionais, culturais e epistemológicas e seus princípios de coerência interna. Mas o que dava ao mundo dos orientais sua inteligibilidade e identidade não era o resultado de seus próprios esforços, mas antes toda a complexa série de manipulações sagazes pelas quais o Oriente era identificado pelo Ocidente. (SAID, 1995, p.73).

Assim sendo, o autor confirma que, independente do conceito ao qual está encaixado, o termo orientalismo é representado por “estruturas dominadoras”. O termo Orientalismo reforçava o conhecimento de que a Europa – Ocidente – influenciava todo o mundo e analisa

---

<sup>62</sup> Evelyn Baring Cromer (1841-1917) foi um político, diplomata e administrador de colônias. Foi um dos controladores da ocupação do Egito entre 1883 e 1907.

que o período em que o conceito de Orientalismo mais se difundiu foi durante a expansão europeia, entre 1815 e 1914 (SAID, 1995).

Em contraposição às ideias de Said sobre o Orientalismo, observa-se a colocação de Samuel Huntington<sup>63</sup>. Um dos tópicos de seu livro “*Choque de Civilizações*”, afirma que com a expansão do Ocidente, automaticamente ocorreu também uma modernização e ocidentalização de cidades até então não-ocidentais. Esse efeito foi recebido pelos líderes dessas cidades de três maneiras: “rejeitando tanto a modernização quanto a ocidentalização; abraçando ambas ou abraçando a primeira e rejeitando a segunda” (HUNTINGTON, 19-- , p.86). A partir do século XX, com a globalização e o avanço em tecnologias, como transporte e comunicações, os países que haviam rejeitado a modernização e ocidentalização passaram a sentir mais fortemente seus efeitos. O autor afirma que a rejeição a essas mudanças chega a se tornar quase impossível caso haja interesse na participação dessas cidades no então cenário político mundial.

Existe em sua visão o *kemalismo*, que consiste em uma forma de aceitação tanto da ocidentalização quanto da modernização. Um exemplo a ser citado é a ideia de alguns intelectuais japoneses e chineses, os quais em meados do século XX apontaram que, para uma possível modernização, seria necessário o abandono de seus idiomas tradicionais e adoção do inglês.

Além deste exemplo, Huntington utiliza uma fala do jornalista Daniel Pipes<sup>64</sup> acerca do Islã e sua negação à adoção do ocidentalismo:

Para escapar à anomia<sup>65</sup>, os muçulmanos só têm uma escolha, pois a modernização requer a ocidentalização (...). O Islamismo não oferece um meio alternativo para se modernizar (...). O secularismo não pode ser evitado. A ciência e a tecnologia modernas exigem uma absorção dos processos de raciocínio que as devem acompanhar; o mesmo se dá com as instituições políticas. Como é preciso emular<sup>66</sup> o conteúdo tanto quanto a forma, o predomínio da civilização ocidental deve ser reconhecido para que se possa aprender com ela. Os idiomas europeus e os estabelecimentos de ensino ocidentais não podem ser evitados, mesmo que esses últimos encorajem o livre pensamento e a vida fácil. Só quando os muçulmanos aceitarem explicitamente o modelo ocidental, estarão em posição de se tecnicalizar e, então, se desenvolver. (PIPES, 1983? Apud HUNTINGTON, 19-- , p.88)

Além das duas visões explicadas anteriormente, a terceira forma, a reforma, consiste em atualizar sua cultura e métodos de vida sem deixar sua tradição de lado. Huntington (19--) cita alguns exemplos desse método, que tem sido – a partir de seus estudos – o mais utilizado dentre as culturas não ocidentais – tal como o chinês que utiliza em seu slogan, durante as

<sup>63</sup> Samuel Phillips Huntington (1927-2008) foi um economista, analista e escritor norte-americano.

<sup>64</sup> Daniel Pipes (1949) é um jornalista e historiador norte-americano, analista internacional com foco em Islamismo e Oriente Médio. Disponível em: <<http://pt.danielpipes.org/bios/>> . Acesso em: 01 nov. 2016.

<sup>65</sup> Estado de falta de objetivos e perda da identidade, provocada por constantes mudanças no mundo moderno.

<sup>66</sup> Esforço para a realização de um objetivo

últimas etapas da dinastia Ching: “Ensino chinês para os princípios fundamentais, ensino ocidental para uso prático” (HUNTINGTON, 19-- , p. 89). É citado também o caso do Egito, em que Muhammad Ali, que tentou implantar uma certa modernização porém sem ocidentalizar excessivamente a cultura do país, no entanto teve seus planos interrompidos com a ocupação britânica.

O poderio Ocidental sobre as culturas orientais possui duas representações. Uma delas é a de que o Ocidente teve um domínio extremo e avassalador sobre todas as culturas e isso se fortaleceu a partir do declínio da União Soviética, com sua extinção, o Ocidente não teve nenhum grande opositor que barrasse seu crescente domínio. Seguindo o raciocínio, o Ocidente – tendo os Estados Unidos como única superpotência – era a única civilização com interesse em outras regiões e com capacidade para prover ajuda em todas as necessidades dessas civilizações, uma vez que essas sociedades geralmente são dependentes das ajudas advindas do ocidente, para que possam assim “atingir os seus objetivos e proteger os seus interesses” (HUNTINGTON, 19-- , p.97).

No entanto, a outra imagem do Ocidente é o oposto. Conclui-se que é uma sociedade em declínio, que após os grandes esforços durante a Guerra Fria, ainda que tenha obtido vitória, chegou à exaustão.

O Ocidente está cada vez mais preocupado com seus problemas e necessidades internos, ao mesmo tempo em que enfrenta um lento crescimento econômico, o desemprego, enormes déficits públicos, uma ética de trabalho em declínio [...]. O poder econômico está se deslocando rapidamente para a Ásia Oriental e o poder militar e influência política estão começando a ir pelo mesmo caminho. A Índia está na iminência de uma decolagem econômica e o mundo islâmico está cada vez mais hostil para com o Ocidente. Está se evaporando rapidamente a disposição de outras sociedades de aceitar os ditames do Ocidente ou de acatar seus sermões, bem como a autoconfiança e a vontade de dominar o ocidente. (HUNTINGTON, 19-- , p.98)

Huntington (19--) percebe que, as civilizações globais têm inúmeras diferenças umas em relação às outras. Elas se identificam com base na cultura, na educação, ideologia, partidarismo, etc. Formas que fazem com que, mesmo diferentes, seja possível uma relação de parceria e boa convivência.

Focando no Islã, o autor cita uma contraposição com relação ao Ocidente moderno. Para o Ocidente, o Estado-nação é “o ápice da lealdade política” (HUNTINGTON, 19-- , p.218) enquanto para o mundo islâmico essa lealdade é representada pelas tribos, clãs e famílias e não pelo Estado-nação.

Em todo o Islã, o grupo pequeno e a grande fé, a tribo e a *ummah*<sup>67</sup>, foram os principais focos de lealdade e devotamento, e o Estado-nação foi menos importante. No mundo árabe, os Estados existentes têm problemas de legitimidade porque, na

---

<sup>67</sup> *Ummah*: comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo.

sua maioria, eles são produtos arbitrários, quando não caprichosos, do imperialismo europeu, e suas fronteiras muitas vezes nem sequer coincidem com as dos grupos étnicos, como os berberes e os curdos. (HUNTINGTON, 19--., p.219)

O autor afirma ainda que embora hajam fronteiras, o Estado pan-arábico nunca existiu, inclusive porque a ideia de Estados-nação soberanos não condiz com o sistema de crença muçulmano, pois para os fieis, a única soberania é *Allah* e o primado de *ummah*. Assim sendo, “na condição de movimento revolucionário, o fundamentalismo islâmico rejeita o Estado-nação em favor da unidade do Islã [...]” (HUNTINGTON, 19--., p.219). Outro motivo para a fraqueza desse conceito primordial do Ocidente no Islã é que, enquanto ocorreram diversos conflitos entre grupos muçulmanos nos anos que procederam a II Guerra Mundial, houve de fato apenas duas grandes guerras envolvendo Estados Muçulmanos, e ambas envolviam a invasão do Iraque e dos Estados próximos a ele.

### 3.2 O INIMIGO MUÇULMANO

Com os ataques aéreos às Torres Gêmeas, nos Estados Unidos em 2001, cresceu vertiginosamente a Guerra contra o Terror. Com isso, aumentou-se também a disseminação da palavra “fundamentalismo”. A partir de então o conceito passou a ter conotação negativa, uma vez que, ao ser pronunciado, trazia consigo a carga “terrorista”. (MOREIRA, 2007)<sup>68</sup>. Para que seja possível a compreensão do termo fundamentalista, é acentuado que “[...] como figura histórica original, o fundamentalismo é cristão, ocidental e protestante. Mais especificamente, filho do protestantismo conservador do sul dos Estados Unidos.” (PIERUCCI, 2004 apud MOREIRA, 2007, *on-line*).

#### 3.2.1 O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO

O fundamentalismo é pautado na ampliação da consciência autônoma, histórica e crítica, enquanto o fundamentalismo pode ser considerado uma conceituação de dupla fundamentação. Por um lado é resultado do surgimento dessa modernidade crítica e secularizada, por outro é apenas uma reação a essa novidade que seria a modernização.

Enquanto a modernidade é uma reação à estrutura de organização medieval, centrada na autoridade, ela centra-se na razão humana e na ciência, carregando a bandeira da autonomia do sujeito histórico. Em contrapartida, o fundamentalismo religioso é um movimento crítico às inovações trazidas pela modernidade a partir de

<sup>68</sup> MOREIRA, Deodoro José. Mídia, fundamentalismo e terror: a lógica da barbárie. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. IV, n. 1, p. 13, jan./jun. 2007.

uma narrativa sagrada e de um monopólio de interpretação balizada<sup>69</sup> pela religião. (PANASIEWICZ, 20--, p. 2).

No protestantismo europeu, entre os séculos XIX e XX, começou a surgir uma teologia interessada em dialogar com o modernismo, propondo algumas adaptações na religião como forma de reconciliação ao mundo moderno. Essa teologia, chamada teologia liberal, foi pensada pelos teólogos Albert Ritschl, Otto Pflleiderer, Adolf Von Harnack e Ernst Troeltsch e, além da reconciliação, propunha também a assimilação a tudo o que há de melhor nos valores positivos da modernidade. Com essa busca por adaptação, o cristianismo moderno passaria a utilizar todo o racionalismo para que a mudança se tornasse significativa e sem contradições para o auxílio do cristão moderno<sup>70</sup>.

No entanto, os protestantes conservadores dos Estados Unidos, mais especificamente os teólogos, foram contra a teologia liberal, afirmando que a Bíblia era um livro claro e conciso, sem abertura para interpretações – como sugerido pelos teólogos liberais. Com isso, foi publicada uma obra com uma série de livros chamada “*The Fundamentals: A Testimony to the Truth*” com o intuito de fixar os “fundamentos da fé”. É essa obra que qualifica o movimento fundamentalista da época. (PANASIEWICZ, 20--).

### 3.2.2 CONSTRUINDO O INIMIGO

A imagem que existe de intolerância atualmente é comumente associada a fundamentalistas, no entanto, isso não significa que essa associação não tem relação com a mídia e a maneira como esta se manifesta, aumentando a tensão em relação aos povos de origem islâmica. Entretanto, embora a imagem de intolerância seja frequentemente relacionada a religião, é necessário lembrar que existe intolerância em outros aspectos da vida civil, como em questões mercadológicas e políticas, por exemplo. (MOREIRA, 2007)

Após os atentados contra as Torres Gêmeas<sup>71</sup> foi colocada em prática a Guerra ao Terror, proposta por George W. Bush<sup>72</sup>. Após o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos como a maior potência mundial iniciou uma busca constante para autoafirmação de nação mais segura do mundo, tentando dessa maneira, vender para o restante do globo seu ideal democrático e

<sup>69</sup> Distinta; diferenciada.

<sup>70</sup> PANASIEWICZ, Roberlei. **Fundamentalismo religioso: história e presença no cristianismo**. p. 1-11.

<sup>71</sup> No dia 11 de setembro de 2001, quatro aviões foram sequestrados por 19 “terroristas”. Os atentados foram associados a Osama Bin Laden e o grupo Al Qaeda. Bin Laden e o grupo são de origem muçulmana e fazem parte da vertente sunita.

<sup>72</sup> George Walker Bush (1964) foi o 43º presidente dos Estados Unidos. Seu mandato ocorreu de 2001 a 2009 e foi marcado pelos atentados terroristas de 2001 e as invasões do Afeganistão no mesmo ano e do Iraque em 2003. Disponível em: < <https://www.whitehouse.gov/1600/presidents/georgewbush>>. Acesso em 02 nov. 2016.

liberal sem nenhum tipo de intervenção<sup>73</sup>. (PECEQUILO, 2005 apud LEITE, 2009). Assim sendo, seria necessário a eles manter sua imagem exemplo em segurança.

No entanto, com o ataque, essa imagem ficou muito abalada e a então invasão do Afeganistão<sup>74</sup> se tornou um ato indispensável e a justificativa para esse ato estava em mostrar para o mundo que os Estados Unidos estavam se esforçando para cumprir com seu dever de manter a segurança da civilização. A partir do atentado, Bush buscava, em todos os seus discursos, reafirmar as qualidades do povo norte-americano, sempre em detrimento do povo muçulmano<sup>75</sup> (LEITE, 2009). Em seu discurso após os atentados, o então presidente afirma: “Terrorist attacks can shake the foundations of the four biggest buildings, but they cannot touch the foundation of America. These acts shatter steel, but they cannot dent the steel of America resolve.” (BUSH, 2001). Essa sentença confirma a intenção do país em se manter seguro e continuar garantindo a segurança de todos os países que acreditam num mundo libertário e democrático, por interesse nacional.

Esse posicionamento de Bush era na verdade mais uma ameaça como inúmeras que já havia feito anteriormente, porém, agora havia um inimigo real e fortemente ameaçador, que deveria ser combatido. No entanto:

Esse inimigo não se identifica com nenhum Estado, não tem território e não estabelece nenhum tipo de complementaridade econômica com seu adversário. Aceitar sua existência, nessas condições, significa entrar em uma guerra na qual os EUA definem, a cada momento e da forma mais conveniente, quem é e onde está o rival, perpetuando uma guerra que será cada vez mais extensa. (TEIXEIRA, 2007, p.53 apud LEITE, 2009, p. 16)

Ao declarar guerra, a maioria dos cidadãos norte-americanos, assim como boa parte da sociedade internacional se convalesceu da situação dos Estados Unidos e apoiaram as decisões tomadas pelo então presidente em exercício, George W. Bush. Uma das ferramentas utilizadas pelo ex-presidente como forma de criar um abismo entre o cidadão ocidental – mais especificamente nesse caso, norte-americano – era o de contrapor o bem e o mal, encaixando o estadunidense como bom, ao dotá-lo de compaixão e capacidade de compreender que aqueles que cometeram atos terroristas são prisioneiros de suas crenças, sem discernimento e capacidade de se guiarem sozinhos, enquanto os terroristas são integrantes de um mundo opressor e tirano e que neles se concentra toda a maldade do mundo. (LEITE, 2009).

No ano de 2003, Bush retoma o assunto afirmando que a Guerra ao Terror só se fez necessária, pois alguns Estados não são pautados em leis, e por esse motivo agem de acordo

<sup>73</sup> LEITE, Lucas Amaral Batista.. George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror. **Fronteira:** Belo Horizonte, v. 8, n. 16, p. 27-59, jul./dez. 2009.

<sup>74</sup> À época, existiam indícios que apontavam o Afeganistão como refúgio de Osama Bin Laden.

<sup>75</sup> Cf. <<http://edition.cnn.com/2001/US/09/11/bush.speech.text/>>. Acesso em: 02 nov. 2016.

com suas próprias intenções, sem respaldos jurídicos e em concordância com outros Estados. Pode-se afirmar que sua intenção era a de reforçar ainda mais a distância existente entre a nação civilizada, justa e correta e a nação “irracional”, sem critérios em suas atitudes. Essa finalidade auxiliou na formação da imagem de que os líderes desses países são bandidos<sup>76</sup> e ameaça à segurança e liberdade mundial. Em um de seus discursos, transmitido televisivamente em 2003, Bush confirma:

Today, the gravest danger in the war on terror, the gravest danger facing America and the world, is outlaw regimes that seek and possess nuclear, chemical and biological weapons. These regimes could use such weapons for blackmail, terror and mass murder. They could also give or sell those weapons to terrorist allies, who would use them without the least hesitation. This threat is new; America's duty is familiar. Throughout the 20th century, small groups of men seized control of great nations, built armies and arsenals, and set out to dominate the weak and intimidate the world. In each case, their ambitions of cruelty and murder had no limit. In each case, the ambitions of Hitlerism, militarism and communism were defeated by the Will of free peoples, by the strength of great alliances and by the might of the United States of America. (BUSH, 2003, *on-line*)<sup>77</sup>

Outro exemplo das investidas dos Estados Unidos na proliferação dessa imagem e da tentativa de distanciar cada vez mais o Ocidente “civilizado” do Oriente “bárbaro”, está na ação de invasão de mais um país da Ásia Central, nesse caso o alvo era o Iraque. Este país, liderado pelo muçulmano sunita Saddam Houssein, era visto como conservador e por esse motivo uma ameaça à democracia norte-americana. Com isso, o governo Bush tentou incansavelmente demonstrar que o governo iraquiano estava em busca de armas de destruição em massa e a mídia explorou essa informação constantemente, assim como o Congresso norte-americano, com o intuito de conseguir apoio para mais uma estratégia militar na região. Após intensas tentativas e também por maioria de aliados no Congresso, Bush obteve permissão para a invasão.

### 3.2.3 A PERPETUAÇÃO DA IMAGEM INIMIGA

Como visto anteriormente, a visão do muçulmano como inimigo foi intensificada a partir de uma forte campanha norte-americana para reforçar sua própria imagem. No entanto, a imagem do muçulmano como terrorista continuou sendo alimentada desde então. Há

---

<sup>76</sup> Bush nomeou seus inimigos como eixo do mal. “[...] ao usar a palavra “eixo”, procura-se construir uma relação direta com o grupo formado pela Alemanha nazista, a Itália e o Japão na Segunda Guerra Mundial. Esse confronto é resgatado de forma a mostrar a ameaça e a necessidade de combater um novo inimigo tão perigoso quanto os que surgiram no conflito global.” (LEITE, 2009, p. 22)

<sup>77</sup> Cf. <[http://www.washingtonpost.com/wp-srv/onpolitics/transcripts/bushtext\\_012803.html](http://www.washingtonpost.com/wp-srv/onpolitics/transcripts/bushtext_012803.html)>. Acesso em 02 nov. 2016.

inúmeros exemplos de manifestações tomando a cultura oriental – mais especificamente a cultura islâmica – como estereótipo da imagem formada para anteriormente.

Muitos<sup>78</sup> dos filmes de produção ocidental reforçam essa imagem. Têm-se como exemplo filmes: “*Ameaça Terrorista*”, um filme belga que apresenta a história de um investigador norte-americano da CIA responsável por encontrar três bombas atômicas. Nesse caso, o suspeito de portar as bombas é um civil com traços semelhantes aos do Oriente Médio, convertido ao islamismo [informação que aparece na sinopse do filme]. Um segundo exemplo passível de ser analisado é o do primeiro filme *blockbuster*<sup>79</sup> da franquia “*Homem de Ferro*” no qual indivíduos com uma aparência semelhante às comumente disseminadas como árabes muçulmanas sequestram o protagonista *Tony Stark* para roubar seu armamento e usá-lo contra a população, em uma região do Oriente Médio. Em seguida é apresentada uma cena em que esses indivíduos estão saqueando uma cidade e agredindo seus moradores, quando o Super-Herói norte-americano aparece e os salva.

Não apenas filmes, mas também outros meios de comunicação cooperam para a manutenção dessa imagem. Um caso a ser considerado, tanto por seu protagonismo quanto pelo atentado sofrido no ano de 2015, é o do jornal satírico francês *Charlie Hebdo*. Se o atentado de 11 de setembro foi uma crise na segurança norte-americana, o massacre ao jornal foi semelhante para a França (BBC EUROPA, 2015, on-line)<sup>80</sup>. No dia 7 de janeiro de 2015, um carro preto parou em frente ao jornal e dois homens mascarados e vestidos de preto desceram, entraram no prédio sede e atiraram nos jornalistas. Ao todo foram 12 mortos.

O jornal *Charlie Hebdo* é um veículo de mídia humorista cuja intenção era libertar a comunicação francesa, passando por cima do conservadorismo midiático.

Implicava com o catolicismo conservador, com o Partido Comunista, com a hierarquia judaica, com a extrema direita e com o terrorismo islâmico. De certo modo, por mais que nunca tenha sido um jornal de ampla circulação, era por intermédio dele que sobreviveu, na mídia, o pensamento criativo nascido nas barricadas estudantis de maio de 1968. (NATALI, 2015, on-line)<sup>81</sup>

O jornal costumava publicar tiras satíricas sobre todas as religiões, porém elas nunca foram aceitas tranquilamente por seus fieis (BROOKS, 2015)<sup>82</sup>. Suas sátiras se estenderam

<sup>78</sup> Além dos dois filmes citados, é interessante que sejam assistidos os filmes *Cannibal Run 2*, de 1981; o documentário “Filmes Ruins, Árabes Malvados: como Hollywood vilificou um povo” de 2007, que mostra a relação do cinema Ocidental com a cultura Oriental, e como contribuiu para a criação do imaginário preconceituoso dessas tradições.

<sup>79</sup> Filme popular ou de grande sucesso.

<sup>80</sup> Cf. < <http://www.bbc.com/news/world-europe-30708237>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

<sup>81</sup> Cf. < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/01/1571639-conheca-a-historia-do-jornal-charlie-hebdo-alvo-de-ataque-a-tiros-em-paris.shtml>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

<sup>82</sup> Cf. < [http://www.nytimes.com/2015/01/09/opinion/david-brooks-i-am-not-charlie-hebdo.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2015/01/09/opinion/david-brooks-i-am-not-charlie-hebdo.html?_r=1)>. Acesso em: 06 nov. 2016.



por anos até que chegou o dia fatídico e um massacre veio a ocorrer na sede da revista, como informado anteriormente. A revista costumava colocar Maomé e *Allah* em situações muitas vezes constrangedoras. Esse tipo de representação é considerado pelos muçulmanos uma ofensa, pois no Alcorão há uma passagem com os seguintes dizeres: “É o Originador dos céus e da Terra, (foi) Quem vos criou esposas, de vossas espécies [...]. Nada se assemelha a Ele [...]” (48ª Surata, versículo 11). A interpretação dos muçulmanos, que pode justificar a “vingança” do grupo responsável pelos atentados contra o jornal, é de que, por nada se assemelhar a Deus – e isso se estende também a Maomé – Ele não pode ser retratado por mãos humanas, dada sua perfeição<sup>83</sup> (BBC BRASIL, 2015)<sup>84</sup>.

É interessante acrescentar também a visão do Oriente sobre si e sobre o Ocidente, a partir de produções culturais de sua própria região. No filme de animação “*Persépolis*” de Marjane Satrapi, que trata da “República Islâmica, após a tomada de poder no Irã, o que a obriga a usar véu, transformando-a imediatamente em uma revolucionária. Esse filme, ao ser transmitido na Tunísia, gerou um imenso desconforto” (CHAVES, TOLENTINO, 2013, *on-line*). O diretor na rede de televisão na qual o filme foi veiculado foi processado por perturbação da ordem pública e por violar valores sagrados – pois o filme contém imagens representativas de Deus, que, como citado anteriormente, é ofensivo, pois leva a idolatria. No entanto, esse evento não foi inédito. Em 2007, ao participar da mostra de *Cannes*, o governo iraniano enviou uma nota de repúdio à Marjane e ela ficou proibida de voltar a seu país<sup>85</sup>.

Esses dois episódios recentes parecem ser suficientes para legitimar a importância da política do filme e justificar nosso interesse em discutir essa narrativa para por meio dela, pensar aspectos da relação Oriente/Ocidente, além de revisitar, com a autora, a Revolução Iraniana que se tornou paradigmática para o mundo islâmico. (CHAVES, TOLENTINO, 2013, *on-line*)

A autobiografia da autora, declarada no filme *Persépolis*, justamente por não ser uma obra criada a partir da visão ocidental, apresenta a visão orientalista do caso e ainda assim pode-se observar como sendo um reflexo dessa visão, o próprio ocidentalismo. Esse filme apresenta uma diferença daquilo que é proposto pelos orientalistas, de que a região não está completamente parada no tempo, mas que é influenciada pelos dois polos culturais.

[...] seduzida em um primeiro momento pelo “ocidente ocidentalizado”, para usar a ideia de Said às avessas, e crítica acerba das mazelas do seu próprio mundo, até experimentar o que há de trágico e belo, de sedução e engano, em ambas as formas

<sup>83</sup> Cf. <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114\\_publicar\\_charge\\_charlie\\_hebdo\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114_publicar_charge_charlie_hebdo_rb)>. Acesso em 06 nov. 2016.

<sup>84</sup> Cf. <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114\\_publicar\\_charge\\_charlie\\_hebdo\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150114_publicar_charge_charlie_hebdo_rb)>. Acesso em: 06 nov. 2016.

<sup>85</sup> Cf. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452013000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452013000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT)> Acesso em: 06 nov. 2016.

de política e cultura, de modo a traduzir artisticamente este ponto de vista histórico e crítico. (CHAVES; TOLENTINO, 2013, *on-line*).

Ou seja, o filme retrata a relação da autora com a revolução de 1979 e em seguida com o governo que assumiu o poder naquele momento, sem deixar de descrever o mundo muçulmano e suas crenças, com o olhar de estranheza. Esse olhar de estranheza, segundo Said (1995), é o que causa a mitificação sobre o povo muçulmano e o sua falsa representação pelo Ocidente. Nesse sentido, observa-se que o filme utiliza da autoironia, pois “ao mesmo tempo que a protagonista questiona o que vê no presente europeu, faz autocrítica do visto e vivido no Irã de sua infância e idade adulta” (CHAVES; TOLENTINO, 2013, *on-line*).

### 3.3 O CHOQUE CULTURAL

É possível observar que existe grande diferença cultural entre Oriente e Ocidente, mais ainda quando o Ocidente é comparado ao islamismo fundamentalista e conservador. O ponto de partida para essa observação pode ser notado na diferença entre as mulheres muçulmanas e as ocidentais.

[...] muitas das mulheres islâmicas tapam os cabelos, os braços e as pernas. Em casos mais extremos, o rosto é coberto (*niqab*) e usam-se luvas e meias. Até há pouco tempo, o modo específico de cumprir as regras corânicas revelava os costumes locais ou nacionais. Em vastas áreas do Paquistão, por exemplo, as mulheres usam calças largas (*ghararas*) e por cima dessas uma túnica (*chemize*) até aos joelhos. Um lenço, leve (*duppata*) ou mais pesado (*chadar*), cobre os cabelos e ombros. Nas zonas ocidentais e especialmente no noroeste do Paquistão, as mulheres vestem a *burqa*, a manta larga que esconde o rosto, quando se deslocam para fora do seu terreno "familiar". O tipo de indumentária depende, portanto, das circunstâncias e do espaço: privado, público ou um território intermédio. (SCHOUTEN, 20--, *on-line*)<sup>86</sup>

Essa diferença nas vestimentas dentro do mundo muçulmano tem diminuído muito. Atualmente estão sendo adotados modos de vestimenta em comum, por exemplo, o *hijab* – palavra árabe correspondente a “véu”. Esse costume está tomando espaço, e, por exemplo, na Indonésia e na Malásia, antes raridade, agora é muito comum.

O uso desse tipo de vestimenta é justificado pelos muçulmanos de diversas formas. Uma dessas significações diz respeito à comunicação transmitida pela roupa. Uma justificativa seria que, a mulher quando bem vestida, dá a entender que é uma muçulmana devota e casta, assim sendo, os homens de sua família são homens de virtude. A roupa ajudaria a afastar o pecado tanto da mulher que está vestida quanto dos homens que podem vir

<sup>86</sup> Cf. <<http://bocc.ubi.pt/pag/schouten-johanna-mulheres-islamicas.html>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

a atravessar seu caminho, evitando assédio sexual e mantendo-a casta até o dia do casamento. (SCHOUTEN, 20--, on-line).

Outro apontamento sobre as divergências entre o Islã e a sociedade moderna é relacionado ao casamento:

O casamento entre jovens no Islã é considerado positivo pois serve como freio as tentações sexuais. Sob a Shariah o contrato de casamento (*nikah*) é um contrato legal sancionado pela lei divina. Não constitui como no cristianismo um sacramento. De acordo com as autoridades legais o guardião da mulher (*wali*), normalmente seu pai, decide o casamento em seu nome. Somente a tradição Shi'í<sup>87</sup> caracteriza a mulher como uma entidade legal similar ao seu companheiro. Os interesses da mulher estão supostamente salvaguardados pelo dote (*mahr*), dado pelo marido em dinheiro ou em bens equivalentes, caso ele opte por divorciar-se deixando-a materialmente segura. (NEUMANN, 2006, *on-line*)<sup>88</sup>

Ainda sobre esse tema, para que haja o divórcio, este deve ser solicitado pelo marido através do *talaq*, ou seja, por repúdio ou declaração unilateral. Para que o divórcio seja concretizado de fato, é necessário que o homem repita três vezes a frase “eu me divorcio de você”. As primeiras vezes em que disser a frase requerem a espera de três ciclos menstruais para que haja a certeza de que a mulher não está grávida, mas, caso esteja, é necessário que o marido garanta que assumirá a paternidade da criança. Durante o período de espera, a família do casal tenta uma reconciliação entre as partes. Se não ocorrer, o homem repete pela terceira vez a frase “eu me divorcio de você” e o divórcio é efetivado. (NEUMANN, 2016).

A mulher pode solicitar o divórcio também. Entretanto, caso o faça deve desistir do direito ao dote<sup>89</sup>.

Aos muçulmanos é permitido o casamento com judias ou cristãs. Mas o contrário não se aplica. Segundo alguns escritores muçulmanos contemporâneos [...] isto ocorre devido à falta de simetria neste aspecto entre homens e mulheres porque acredita-se que o homem seja o responsável pelo lar. (NEUMANN, 2006, *on-line*)

Essa divergência entre culturas e o choque existente entre elas pode ser explicada pela criação do imaginário social<sup>90</sup>.

Como pano de fundo predominava nos anos 70 a sensação dos países do sul de que se estabelecia no mundo uma nova forma de dominação: o adestramento da mente destas populações que passavam a desejar e imitar um estilo de vida à semelhança dos poderosos. Neste olhar rebelde, de resistência à ação persuasora dos bens simbólicos do norte, entendia-se que bens culturais como os filmes de Hollywood eram uma espécie de arma de guerra. E o resultado buscado e obtido neste tipo de embate era sempre a baixa autoestima do nativo. (WAINBERG, 2005, p. 281)

<sup>87</sup> Sinônimo de Xiita

<sup>88</sup> Cf. <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-44092006000200009&script=sci\\_arttext&lng=PT](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-44092006000200009&script=sci_arttext&lng=PT)>. Acesso em: 11 nov. 2016.

<sup>89</sup> Esse procedimento é chamado no árabe de *khul*.

<sup>90</sup> Ideologias, utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos que modelam visões de mundo e formam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças.

Esses rebeldes expunham certo tipo de denúncia, pois a identidade dos povos locais estava sendo ameaçada por esses padrões. Dessa forma, o embate entre modernidade e tradição se tornava cada vez mais agressivo o que facilitou a união entre conservadorismo e anticapitalismo – nos anos 60. Aliado a esses dois pontos estava também o ímpeto nacionalista, que já não suportava mais o domínio estrangeiro sobre todos os veículos midiáticos.

A partir dessa revolta, foi necessário grande investimento de Organizações Internacionais, como a UNESCO<sup>91</sup> para organizar e equilibrar as campanhas midiáticas de países subdesenvolvidos, buscando o fim do costume e interesse em divulgações sempre com foco em desastres, golpes, e revoluções (WAINBERG, 2005).

Paralelamente, possibilita-se um retorno à época do início da Guerra ao Terror e como essa construção do imaginário social se fez presente durante as campanhas pós-ataque às Torres Gêmeas.

Há que se assinalar de imediato este aspecto: o terror político tornou-se o tópico preferencial da cobertura noticiosa internacional a partir daquela data, levando o controle semântico desta cobertura a ser um tema controverso. Malabarismos retóricos têm sido tentados, ora para evitar tal classificação do ato, ora para justificá-lo, ora para esvaziá-lo, ora para dotar o terrorismo de aura e glória. O ataque e seu efeito mortal tornou o terror em (a) dilema central das relações internacionais a partir daquele ano, obrigando alinhamentos e realinhamentos de grupos e nações em torno do tema; (b) acirrou igualmente as tensões interculturais, especialmente os olhares espelhados de ocidentais e muçulmanos, aprofundando por decorrência o desentendimento, a animosidade e dificultando iniciativas de boa-vontade que nunca cessaram no sentido de evitar uma fratura entre tais grupos que em certos países construíram ambientes multiculturais de grande complexidade, e (c) revelou a potencialidade comunicacional do ato terrorista, convertendo o controle semântico da cobertura jornalística internacional de tais ocorrências em embate no qual se envolveram governos, grupos de pressão e empresas de comunicação. (WAINBERG, 2005, p. 286-287).

A atuação na mídia é incisiva nessa criação do imaginário social. Por esse motivo, é necessário observar o quão influenciável foi a ação midiática e assim, observar seus resultados.

Quem assiste à CNN e possui saber histórico não esquece a técnica, usada por Bismarck, de falsificar fatos e documentos, tendo em vista fins estratégicos. “Falsificar” é a palavra. Não se trata de pura mentira: quando “jornalistas” censuram imagens, dados, história, até mesmo a geografia e a cultura, em particular no que se refere a religião, eles usam o método de propaganda batizado por E. Auerbach como “a técnica do holofote”<sup>92</sup>. A retórica propagandística age como se o mundo fosse um

<sup>91</sup> Sigla para um órgão da Organização das Nações Unidas que significa “United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization”

<sup>92</sup> Termo citado por Eric Auerbach em sua obra “mimesis”: “consiste em iluminar excessivamente uma pequena parte de um grande e complexo contexto, deixando na escuridão todo o restante que puder explicar ou ordenar aquela parte, e que talvez serviria como contrapeso daquilo que é salientado; de tal forma diz-se aparentemente a verdade, pois que o dito é indiscutível, mas tudo não deixa de ser falsificado, pois que, da verdade faz parte toda a verdade, assim como a correta ligação das suas partes.”.

palco. O jornalista ilumina alguns cantos do cenário, deixando os demais na sombra. O fato que recebe luz exclusiva pode ser verdadeiro, mas não é toda a verdade (ROMANO, 2004 apud KARWOWSKI, PETEAN, 2013, p. 6).

Tomando por exemplo a política econômica internacional, pautada no neoliberalismo<sup>93</sup>, essa se impõe no cenário internacional sem considerar a diversidade étnico-religiosa dos Estados, visto que o tradicionalismo poderia interferir diretamente nos interesses neoliberais. Essa política foi chamada de globalização econômica e está pautada na supremacia do mercado sobre todas as outras instituições existentes, tal como políticas, religiosas e culturais (KARWOWSKI, PATEAN, 2013). A crítica feita a esse modelo é de que ele sobrepõe às tradições dos Estados e não dá espaço para que se mantenham suas identidades culturais e étnicas. A partir disso, muitos elementos étnicos passaram a ser representados pela mídia como desrespeitosos aos Direitos Humanos, assim como o véu foi e tem sido identificado<sup>94</sup>.

As mulheres islâmicas que fazem uso do véu são apresentadas pela mídia como despossuídas de liberdade, submetidas a preceitos religiosos e a dominação masculina. Mas a mídia se esquece que na Turquia o Estado, no início do século XX, promoveu uma forte campanha pela abolição do véu e, assim mesmo, uma parcela significativa de mulheres turcas continuam usando esta indumentária. Podemos nos indagar se estariam estas mulheres submetidas a leis religiosas ou simplesmente querem expressar sua fé e respeito ao que o alcorão diz sobre cobrir seus encantos. (KARWOWSKI, PATEAN, 2013, p. 7).

Essa conceituação pejorativa sobre costumes tradicionais islâmicos, amplamente difundida na atualidade é um dos pontos que mais dificulta o diálogo entre o Ocidente e o Oriente, pois o Islã tem sido constantemente construído e “moldado” pelo imaginário cultural e pelos discursos políticos euro-americanos, como altamente radical e manipulador, o que traz para o islamismo o peso de ser dotado por qualidades negativas, como irracional, fanático e autoritário, enquanto o “mundo ocidental” traz consigo a leveza de ser racional, tolerante, libertário e igualitário (PINTO, 2010). Portanto, é necessário que haja certa busca por conhecimento histórico ao se informar sobre determinados assuntos, para que o olhar crítico se faça presente e assim, os conceitos pejorativos propagados pela mídia não se tornem enraizados na consciência coletiva. Para que os símbolos étnicos de determinados Estados e religiões não seriam desrespeitados por outrem.

<sup>93</sup> Doutrina desenvolvida a partir da década de 1970, que defende a absoluta liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e ainda assim num grau mínimo.

<sup>94</sup> KARWOWSKI, Thais; PETEAN, Antonio Carlos Lopes. A ideia de modernidade e o olhar da mídia do mundo ocidental sobre as mulheres islâmicas. **Revista Café com Sociologia**: v. 2, n. 3, p. 5-8, out. 2013.

Por fim, há a questão dos Direitos Humanos e a visão ocidental de quais comportamentos muçulmanos estariam agredindo os Direitos e quais são manifestações culturais que não devem sofrer influências.

Na civilização muçulmana, existem de um lado as inúmeras divergências internas, e de outro, a unidade através da religião, a Sharia, que ao mesmo tempo é fonte de dissidências.<sup>22</sup> Os direitos humanos devem se enquadrar na moldura da Sharia para ganhar efetividade. O desafio é apontar onde, na Sharia, já existem formas de defesa dos direitos humanos. A prevalência da comunidade é fator que inibe a aceitação dos direitos humanos fundados na autonomia do indivíduo, que obedece à autoridade do Ulemá<sup>95</sup>. O desafio é libertar a própria Sharia de uma interpretação exclusiva e arbitrária das autoridades radicais. Muitos alegam que a interpretação muçulmana dos direitos humanos é mais ampla do que a ocidental, mas a ausência de autonomia e igualdade demonstra que na verdade é oposta. Nesse caso, em função dos limites impostos pela Sharia e pela autoridade da comunidade, as dificuldades para um diálogo é o que mais sobressai em termos de desafios à universalidade, em função das condições impostas para o diálogo. (KRETSCHMANN, c2008, p. 9)<sup>96</sup>.

O diálogo entre Ocidente – via Direitos Humanos – e muçulmanos é muito delicado e deve sempre levar em consideração a autodeterminação pessoal. Caso contrário pode se tornar inviável e opressor. Kretschmann (c2008) afirma que a politização dos Direitos Humanos acaba destacando ainda mais o paradigma civilizacional, uma vez que o debate dos Direitos Humanos tem reforçado a crítica à universalidade. Esse paradigma torna clara a mudança de estrutura do cenário internacional e os desafios de operar em um mundo multipolar e multicivilizado.

a) o paradigma civilizacional apresenta a análise de uma ordem mundial fundada no pluralismo de civilizações, onde as sociedades cooperam ou conflitam entre si de acordo com suas afinidades culturais; b) o paradigma civilizacional não nega a importância dos Estados, mas passa a destacar que enquanto os Estados são os negociadores em potencial, as civilizações são a força que imprime direção aos interesses do Estado (como exemplo o valor que passa a dar para a questão religiosa). c) permite compreender que a dificuldade para um diálogo e um consenso envolve antes fatos culturais e entre estes, os religiosos, uma vez que questões econômicas e políticas são mais fáceis de serem submetidas à negociação. (KRETSCHMANN, c2008, p. 13)

Assim sendo, é necessária grande análise sobre o contexto cultural e civilizacional de uma sociedade antes que qualquer decisão e atitude sejam tomadas com base nos Direitos Humanos, pois a visão de desrespeito dos direitos de um indivíduo a partir do conceito Ocidental, pode ser, para um Oriental, a violação de sua dignidade cultural. Por este motivo, as intervenções dos Direitos Humanos devem ser pensadas com cautela, prolongando todo e qualquer processo de intervenção em ações do Oriente Médio – e de qualquer outra região

<sup>95</sup> Teólogo ou sábio muçulmano versado em leis e religião.

<sup>96</sup> KRETSCHMANN, Ângela. Choque entre civilizações ou culturas? Faz diferença para a compreensão dos Direitos Humanos? *Jurídicas*. V. 3, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2008.

com tradições opostas às Ocidentais – para que não haja nenhum tipo de violência contra seus direitos culturais.

## 4 ISLAMOFOBIA: UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA (?)

É notável que na atualidade Ocidental inúmeros países têm criado leis que reprimem a presença de imigrantes muçulmanos em seus territórios. Tomando por exemplo a França, esta alega a laicidade de seu Estado, o que acaba implicando na exclusão desses imigrantes e assim contrapondo o diálogo entre as diversas religiões existentes no mundo e sobrepondo uma religião à outra. Essa constante crítica e rejeição à cultura islâmica leva à intolerância religiosa e étnica, o que pode ser observado, por exemplo, em grupos argelinos, que vivem à margem da sociedade, pois as primeiras gerações a chegarem em Paris foram rejeitadas e agora, as novas gerações, ainda que francesas, continuam a viver isoladas devido à intolerância (BARBOSA, 2015)<sup>97</sup>.

Trata-se de um momento de grandes desafios para a União Europeia manter a coesão e, ao mesmo tempo recuperar o controle das fronteiras diante da chegada dos migrantes, refugiados e requerentes de asilo. Existe ainda a questão da xenofobia ou islamofobia e do racismo para com os refugiados na Alemanha, França, Grã Bretanha e demais países membros do espaço Schengen, colocando em xeque seus valores republicanos, inclusive a proteção dos direitos humanos e a garantia dos direitos fundamentais, de conformidade com a Convenção de Genebra de 1951 sobre os refugiados e os princípios do Direito Internacional. (BIZAWU, c2016, p. 73)<sup>98</sup>.

Ou seja, são numerosos os fatores que influenciam na permissão ou não desses imigrantes do Oriente Médio. Assim como a xenofobia mascarada de “laicidade”, está também a preocupação sobre a segurança econômica e política dos países pertencentes ao bloco, assim como o medo de, junto com esses imigrantes fugidos das guerras que assolam seus países, entrem também os temidos “terroristas muçulmanos”.

### 4.1 O QUE É ISLAMOFOBIA

Em 2004, após os atentados às Torres Gêmeas, a ONU<sup>99</sup> se tornou a primeira organização internacional a reconhecer a islamofobia como um fenômeno discriminatório. Nesse mesmo ano, o Conselho Europeu deu uma definição oficial ao termo

[...] an issue, which has featured prominently for many years in the work of the European Commission against Racism and Intolerance (ecri). In the past ecri has repeatedly voiced its deep concern about the increase of religious intolerance and prejudice against minority Muslim communities in European countries and the inaccurate ways in which Islam is sometimes portrayed as a result of hostile stereotyping. At the same time ecri has always underlined the important and valuable role and influence that Islam has and had over the centuries upon European

<sup>97</sup> BARBOSA, Francirosy Campos. Charlie Hebdo e islamofobia. **Malala**: São Paulo, v. 3, n. 5, p. 159-162, nov. 2015..

<sup>98</sup> Cf. < <http://portaltutor.com/index.php/conpedireview/article/view/266/254> > Acesso em: 13 nov. 2016.

<sup>99</sup> Sigla correspondente ao nome da Organização das Nações Unidas.



civilisation of which it is an integral part, as was already underlined in the pace Recommendation 1162 (1991) on the contribution of the Islamic civilisation to European culture. (CONSELHO EUROPEU, 2004, p. 31)

O ECRI<sup>100</sup> é um mecanismo independente do Conselho Europeu responsável por monitorar os Direitos Humanos, como o intuito de combater o racismo, a xenofobia e a discriminação religiosa, composto por membros dos conselhos de Estado de cada um dos países integrantes do bloco.

Pelo Conselho, Islamofobia foi definida como toda e qualquer discriminação que venha a ser empregada contra muçulmanos, especificamente. Alguns exemplos citados pelo Conselho na definição do termo são:

The manifestations of Islamophobia that we are facing in Belgium include attacks against mosques, physical attacks against individuals such as those I have already mentioned, harassment at work and elsewhere as well as instances of discrimination in job recruitment, especially the targeting of and discrimination against qualified young women who wear the Islamic headscarf and who are looking for their first job. (CONSELHO EUROPEU, 2004, p.34)<sup>101</sup>.

Ainda no seminário do Conselho, os representantes dos Estados chegaram a uma conclusão concisa de qual seria o cerne de toda reação contrária ao islamismo existente na Europa, o medo. Esse medo seria embasado em tradicionalismos europeus. A relação entre a Europa e o mundo Islâmico é secular, no entanto, o medo desse “mundo” tinha dimensões nacionais e generalizadas: todos tinham medo do Islã, ainda que não pelos mesmos motivos. Esse medo é respaldado por crenças europeias sobre o cristianismo e sua relação com o islamismo. Ou seja, para que o tradicionalismo cristão europeu se fortalecesse, era necessário criar um inimigo comum. Assim, a imagem de Maomé, espalhada até então, era dele como sendo o anti-cristo, um mágico traiçoeiro com desejo de sexo e sangue, destruidor das igrejas africanas e orientais e um idólatra<sup>102</sup>.

In some respects we have still not emerged from this relationship with Islam, which is fuelled less by theological fantasies stemming from religious rivalry (the Christian controversy surrounding Mohammedanism) than by universalism, a product of our modern politics. In this sense, Islamophobia is not a resurgence of the old issue of *Crusades vs Jihad* – though it retains occasional traces of theological argument – but a deeply modern form of anti-Muslim racism. (CONSELHO EUROPEU, 2004, p. 39).

Ao trazer para a atualidade as consequências dessa xenofobia histórica, batizada de Islamofobia, tem-se uma reafirmação de seu significado dado pelo Conselho Europeu. Contextualizando o ataque do grupo terrorista mais citado na atualidade, o ISIS - sigla em

<sup>100</sup> Sigla em inglês referente a Comissão Europeia Contra Racismo e Intolerância.

<sup>101</sup> RAMBERG, Ingrid. Islamophobia and its consequences on young people. **European youth centre Budapest** Budapest, p. 5-121, jun. 2004.

<sup>102</sup> Ver mais em <<http://www.unitedexplanations.org/2015/02/19/islamofobia/#>>.

inglês para “Estado Islâmico do Iraque e Síria” – a União Europeia tem taxado todos os muçulmanos como terroristas ameaçadores e essa generalização tem gerado um grande impacto na questão dos refugiados. Uma crítica a ser observada é a de que esses terroristas não precisam vir de nenhum outro país. Eles são nascidos dentro da Europa. (RICO, 2016)<sup>103</sup>.

Ramzy Baroud, el académico inglés de origen palestino, insiste siempre con razón en que Daesh<sup>104</sup> es un fenómeno de la periferia del islam, concretamente occidental, un fenómeno que se nutre, además, de conversos atraídos menos por la religión que por la radicalidad. La violencia yihadista produce miedo pero también tiene un efecto publicitario de reclutamiento juvenil, como lo demuestra el aumento de ventas del Corán en Francia tras los atentados de enero<sup>105</sup> y de noviembre<sup>106</sup> y el flujo de voluntarios hacia Siria —de ida y vuelta— desde Europa y sobre todo desde Francia y desde Bélgica. Se entiende poco o nada si no se acepta la relación entre la situación de las *banlieues* europeas, nuestras cárceles y la radicalización de una frustración social volcada en moldes identitarios. En este sentido, cerrar las fronteras es una medida puramente escenográfica destinada al consumo público, pero sin ningún efecto real. Los yihadistas están dentro y son europeos. (RICO, 2016, p. 62).

Uma série de medidas que associam discriminação racial ao Islã está sendo imposta com muita naturalidade e sem contestações, como por exemplo, confiscação de bens de imigrantes, pulseiras de identificações e proibições a lugares públicos com grande fluxo de pessoas. Além disso, algumas outras atitudes claramente islamofóbicas tem sido impostas em alguns países a fim de dificultar a imigração em seus territórios. Essas atitudes consistem na não aceitação de imigrantes muçulmanos, como no caso da Eslováquia e da República Checa, e da Dinamarca que tornou obrigatório por lei o consumo de carne de porco<sup>107</sup> em todos os restaurantes públicos.

No entanto, é apontado atualmente que o preconceito sofrido pelos muçulmanos na Europa não advém apenas de sua religião, mas também de outros fatores combinados. Para os muçulmanos, essa discriminação advém, além da fé, de sua origem étnica.

Segundo Christian Joppke, as dificuldades de integração dos muçulmanos têm causas económicas e sociais, mais do que causas culturais ou religiosas, e, muito provavelmente, a Europa deixaria de ter um “problema islâmico” se as vidas dos muçulmanos europeus não fossem marcadas por elevados níveis de desemprego e de

<sup>103</sup> RICO, Santiago Alba. Refugiados, islamofobia, muerte de Eutopa. **Vento Sur**. n. 145, p. 60-67, abr. 2016.

<sup>104</sup> Expressão literal não-traduzida do nome Estado Islâmico.

<sup>105</sup> “Os irmãos Said e Cherif Kouachi mataram 12 pessoas em 7 de janeiro na sede do semanário satírico francês Charlie Hebdo, em Paris. Entre as vítimas estavam o diretor da publicação, vários de seus renomados cartunistas e dois policiais”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/franca-foi-alvo-de-multiplos-ataques-desde-janeiro-de-2015.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

<sup>106</sup> “A França sofreu os piores atentados de sua história, que envolveram, pela primeira vez, atacantes suicidas em 13 de novembro. Os atentados têm como alvo, em Paris, a casa de shows Bataclan, vários bares e restaurantes do centro da capital, assim como os arredores do Stade de France, situado mais ao norte, em Saint-Denis. Um total de 130 pessoas morreram, principalmente jovens, e mais de 350 ficaram feridas. O EI reivindicou os ataques”. Disponível em: < <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/franca-foi-alvo-de-multiplos-ataques-desde-janeiro-de-2015.html>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

<sup>107</sup> Aos muçulmanos não é recomendável o consumo de carne de porco por ser um animal impuro devido a sua preguiça e indulgência no sexo.

abandono escolar, baixos níveis de rendimento e segregação residencial. (JOPKE, 2012 apud JERÓNIMO, 20--, p. 3)<sup>108</sup>.

É notável que a união desses fatores, tal como a cor da pele, a classe social e sua condição de imigrante fazem com que eles sejam mal vistos na Europa e por consequência, marginalizados. Entretanto, como dito anteriormente, a maior ameaça dessa imigração são os valores religiosos dos muçulmanos, uma vez que afrontam diretamente o tradicionalismo europeu. “[...] Os muçulmanos são inimigos culturais do Ocidente, já que a visão do mundo islâmica, mesmo quando não é fanática, é teocrática, não concebe a separação entre Estado e Igreja e desconhece os direitos humanos como direitos individuais, universais e invioláveis.” (SARTORI, 2000 apud JERÓNIMO, 20--, p. 4).

Quanto ao comportamento islâmico que contribui para a imagem generalizada de que todo muçulmano é terrorista, tirando da grande parcela muçulmana o protagonismo por sua fé abrangente e aberta a diálogos, estão os sentimentos de ódio, ressentimento e frustração pela atual situação subdesenvolvida da maioria das sociedades islâmicas mundiais, que se torna escancarada quando comparada ao progresso do Ocidente e causa o sentimento ambíguo de atração e repulsa em algumas sociedades muçulmanas (MONTENEGRO, 2006)<sup>109</sup>.

A ideia de que o muçulmano é intelectualmente inferior a sociedade Ocidental tem sido reforçada na história, por meio de muitos intelectuais e acadêmicos europeus. No centro de exemplos a serem citados está o caso de Max Weber.

Las racionalizaciones de la doctrina y la conducta de vida eran ajenas al islam. Weber usó la creencia en la predestinación como concepto clave para explicar la racionalización de la doctrina y la conducta de vida. En el calvinismo, la creencia en la predestinación podía desde luego generar un rigor ético, un legalismo y una conducta racional en esta actividad mundana. No había nada de esto en el islam (p. 199). En consecuencia, La creencia islámica en la predestinación no conducía a la racionalización de la doctrina y la conducta de vida. De hecho, convertía a los musulmanes en fatalistas irracionales. El «islam», en opinión de Weber, «se desviaba por completo de cualquier conducta de vida racional por la aparición del culto a los santos, y finalmente por la magia» (SUKIDI, 2006 apud GROSGOUEL, 2011, p. 347)<sup>110</sup>.

Assim sendo, caso seja seguida a lógica de Sukidi sobre apontamentos de Weber, nada que venha do Islã pode ser considerado sério, uma vez que todo muçulmano é irracional e fatalista. Para Weber, a geopolítica Ocidental e sua tradição cristã são racionais e os Orientais muçulmanos não podem se comparar a superioridade Ocidental. Entretanto, estudos de Saliba

<sup>108</sup> JERÓNIMO, Patrícia. Intolerância religiosa e minorias islâmicas na Europa: A censura do “Islão invisível” - os minarets dos véus - e a jurisprudência conivente do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem. p. 1-38.

<sup>109</sup> MONTENEGRO, José Alfredo Monteiro. A contenção do terrorismo transnacional e a segurança no mediterrâneo. **Ministério da Defesa Nacional**. p. 1-39, abr. 2016.

<sup>110</sup> GROSGOUEL, Ramón. Racismo epistêmico, islamofobia epistêmica y Ciencias Sociales Coloniales. **Tabula Rosa**: Bogotá, n.14, p. 341-355, jan./jun. 2011.

(2007)<sup>111</sup> e Graham (2006)<sup>112</sup> apontam que a ciência e a filosofia Ocidental moderna sofreram grandes influências muçulmanas no decorrer da história.

Los avances en el mundo islámico en la astronomía, biología, la matemática, la física, y la filosofía fueron fundamentales para las ciencias modernas occidentales. De manera que, la racionalidad era un precepto central de la civilización islámica. De hecho, los filósofos griegos llegan a Europa vía los filósofos musulmanes de la España islámica. Por siglos, mientras se estudiaba y profundizaba la filosofía griega en el mundo islámico, en el mundo de la cristiandad medieval era castigado por la inquisición quien tuviera copia de un libro de Aristóteles. Mientras Europa estaba sumida en una superstición feudal oscurantista de la cristiandad durante lo que se conoce como la Edad Media, la escuela de Bagdad (ciudad central de la civilización islámica) era el centro del mundo en la producción y la creatividad científica e intelectual. Por ejemplo, la escuela de astronomía de Bagdad descubre 8 siglos antes que Europa que la tierra no es el centro del universo. Las opiniones sobre el islam de Weber y de los orientalistas weberianos reproducen una islamofobia epistémica según la cual los musulmanes son incapaces de producir ciencia y de tener racionalidad, ese a la evidencia histórica que afirma contundentemente lo contrario. (GROSFUGUEL, 2011, p. 348).

As discussões sobre a islamofobia epistêmica são muito importantes na atualidade, pois têm grande força nos debates sobre políticas públicas. O racismo epistêmico e o fundamentalismo eurocêntrico se manifestam nas discussões sobre os Direitos Humanos e sobre a democracia. Os conhecimentos não-Ocidentais, considerados inferiores aos Ocidentais acabam se excluindo de muitas discussões. A visão Ocidental sobre o Orientalismo é de que estes só podem fazer parte das discussões globais sobre os temas supracitados a partir do momento em que se libertam de seus ideais e passam a enxergar as questões discutidas sob o mesmo ponto de vista eurocêntrico.

La incompatibilidad entre el islam y la democracia se fundamenta en la inferiorización epistémica de las visiones provenientes del mundo musulmán. Hoy en día una artillería de «expertos» racistas/sexistas epistémicos en Occidente habla con autoridad sobre el islam, sin un conocimiento serio de la tradición islámica. Los estereotipos y mentiras repetidos una y otra vez en la prensa y las revistas occidentales terminan, como en la teoría de la propaganda nazi de Goebbels, tomadas como verdad. (GROSFUGUEL, 2011, p. 353).

O questionamento principal é que muitos leigos no assunto islamismo, acabaram por expor suas opiniões acerca do tema, e, com o crescimento do mundo islâmico, suas opiniões passaram a ser disseminadas ao redor do globo, causando uma onda de discriminação e intolerância, sem qualquer fundamentação, ganhando cada vez mais espaço na mídia. Essa disseminação falaciosa generalizou fortemente a imagem do não branco oriental como muçulmano, gerando paradigmas acerca da aparência de cada indivíduo. Essas generalizações denegriam grandemente a imagem do muçulmano (SAID, 1995). Assim sendo, a imagem do

<sup>111</sup> Saliba, George. 2007. *Islamic Science and the Making of the European Renaissance*. Boston: MIT Press.

<sup>112</sup> Graham, Mark. 2006. *How Islam Created the Modern World*. Maryland: Amana Publications: Beltsville.

muçulmano é a de um grupo violento e de raça inferior, estigmatizando assim o povo muçulmano como terrorista, sem qualquer barreira, justificando o “terrorismo do Estado” e seu projeto de dominação colonial sobre esses povos. (GROSFUGUEL, 2011, p. 354).

#### 4.2 COMO OS ATUAIS CONFLITOS INFLUENCIAM NESSA VISÃO

Para que seja possível entender o surgimento de um dos grupos terroristas mais populares da atualidade, é necessário analisar a história recente do Oriente Médio. No ano de 2003, como dito anteriormente, os Estados Unidos invadiram o Afeganistão em busca do líder do grupo Al-Qaeda, na chamada Guerra ao Terror. Essa invasão foi um “conjunto de intervenções dos Estados Unidos desencadeado a partir do 11 de setembro, em regiões que interessavam geopoliticamente o governo Bush” (ARAÚJO, 2015, p. 56). Essa invasão teve como pretexto a Al-Qaeda, mas a verdade é que o povo que sofreu a intervenção norte-americana, nada tinha a ver com o que havia acontecido às Torres Gêmeas. A ocupação pelos Estados Unidos derrubou um governo sunita, que estava no poder há 40 anos. Quando o regime de Hussein se desfez, o então presidente Bush não possuía um plano: a ideia era promover a democracia, porém, sem entender que é praticamente impossível se fazer democracia na sequência de uma invasão sem justificativas.

Nesse contexto, uma das organizações que conseguiu de alguma forma empalmar com a resistência à invasão foi a chamada Al-Qaeda no Iraque, fundada pelo jordaniano Abu Musab al-Zarqawi, que declarou lealdade à Osama Bin Laden após a invasão americana. Esse jordaniano, entre 2003 até sua morte em 2006, foi a figura mais importante da resistência sunita, e sua organização desfrutavam da simpatia dos sunitas, porque estava enraizada nas cidades, nas tribos. Foi esse grupo que originou o Estado Islâmico. (ARAÚJO, 2015, p.56).

É um erro comparar Al-Qaeda com Estado Islâmico, pois este põe em prática ações inimagináveis pelo primeiro grupo, ainda que tenha se derivado dele. O Estado Islâmico é uma espécie de resposta ao modernismo e acaba por fim se tornando uma ideologia oficial, semelhante ao nacionalismo árabe. Em outras palavras, o Estado Islâmico é a resistência contra a Invasão Americana ao Iraque. Em sequência à Primavera Árabe em 2011, alguns integrantes derrotados do grupo terrorista migraram para a Síria e ali passaram a criar uma oposição em áreas de muçulmanos sunitas.

Em sua entrevista para a revista “Novas Fronteiras”, o autor Luiz Antonio Araújo<sup>113</sup> dá a sua previsão sobre o que pode vir a acontecer com o grupo terrorista:

---

<sup>113</sup> Jornalista que cobriu inúmeros conflitos mundiais. Atualmente editor e colunista internacional do jornal Zero Hora.

Neste momento, o Estado Islâmico começa a funcionar como uma espécie de franquia. Enquanto organização, seu centro é o Iraque e a Síria. Podemos até dizer que sem o Iraque, derrotado e expulso de Tikrit<sup>114</sup> e, provavelmente, nos próximos meses, expulso de Mossul<sup>115</sup>, o EI<sup>116</sup> tende a se desintegrar, porque os sunitas iraquianos constituem o cerne dele. Já na Síria, minha percepção é de que a grande maioria dos combatentes do Estado Islâmico são estrangeiros. (ARAÚJO, 2015, p. 56-57).

Quanto ao nacionalismo curdo, sua civilização tem língua, cultura e tradições próprias. É uma sociedade que coloca de maneira justa a questão do direito ao Estado<sup>117</sup>.

O Curdistão<sup>118</sup> já existe no papel, num tratado do início dos anos 20, mas que depois foi pifado porque não interessava nem aos turcos, nem ao Irã e, principalmente, à Grã-Bretanha e à França, que eram as potências dominantes na região. Então, nacionalismo curdo é consequência dessa história. Vemos, por exemplo, o grupo político que governa o Curdistão Iraquiano, os Barzani, tem uma história terrível de luta contra outras organizações curdas. Em algumas circunstâncias eles se aliaram, seja com o governo iraniano ou turco contra o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), grupo de extrema esquerda. Se olharmos o PKK por outro lado, veremos que, até 1990, o PKK tinha uma sede em funcionamento perfeitamente legal, na cidade de Damasco. (ARAÚJO, 2015, p. 57).

O líder Sírio, Bashar Al-Assad é uma espécie de “príncipe herdeiro” do fundador da República Árabe da Síria por meio de um golpe militar em 1970, facilitado após uma derrota militar para Israel em 1967, na qual suas colinas foram ocupadas pelo Estado judeu. Com isso, o tenente-general da Força Aérea e Ministro da Defesa interveio na região, expulsando a direção política de Damasco, tida como perpetradora de uma irresponsável política externa – em clara referência a quadros político-militares do *Baath*<sup>119</sup>. Segundo Hafez Al-Assad, “Os dirigentes, segundo Hafez Al-Assad, estavam conduzindo o país a um confronto iminente com Israel, e ainda criavam animosidades ao se intrometer em questões internas de outros países árabes, como a Jordânia.” (PEREIRA, 2014, p. 46).

Essa intervenção possibilitou uma grande reforma no quadro político do país e com isso ampliou o poder das minorias étnico-religiosas nacionais, tal como os árabes-alauitas<sup>120</sup> - vertente de Hafez Al-Assad -, drusos<sup>121</sup> e cristão-ortodoxos e também armênios e curdos. Entretanto, embora tenha proposto uma certa reforma no quadro político sírio da época, esse

<sup>114</sup> Cidade Iraquiana, capital da província *Salah-ad-Din*.

<sup>115</sup> Terceira maior cidade do Iraque.

<sup>116</sup> Sigla para Estado Islâmico.

<sup>117</sup> ARAÚJO, Luiz Antônio. Perspectiva sobre o Oriente Médio. **Novas Fronteiras: Revista acadêmica de Relações Internacionais da ESPM Sul**, v. 2, n. 1, p. 55-59, jan./jun. 2015.

<sup>118</sup> O Curdistão é uma região geocultural em sua maioria por curdos. Tem cerca de 500.000 km<sup>2</sup> e estende-se pela Turquia, Irã, Síria e Iraque.

<sup>119</sup> Partido Árabe Socialista da Síria.

<sup>120</sup> Ramificação liberal xiita do Islamismo

<sup>121</sup> Religião desenvolvida a partir do Islão ismaelita. Essa religião não tentou reformar o Islão mas criar um novo corpo religioso, influenciado pela filosofia grega, a gnose e o cristianismo, entre outros.

governo não foi completamente correligionário, uma vez que nele se formou uma elite árabe-sunita.

Vale lembrar que a Primavera Árabe teve grande participação no surgimento do Estado Islâmico.

Os “heróis da pátria” de outrora – Hosni Mubarak no Egito, Ben Ali na Tunísia e Muammar Khaddafi na Líbia – haviam transformado os governos de seus países em ditaduras policiais familiares, e se apropriaram privadamente de quase todo o excedente nacional, graças a uma corrupção gigantesca, disseminada e centralizada nos titulares do poder político. A “primavera árabe” visou inicialmente derrubar os regimes herdeiros (e usurpadores) do despertar nacionalista anticolonial dos anos 1950-1960, transformados nas décadas posteriores em aliados das potências ocidentais para servir seus interesses baseados em novas castas dominantes. (COGGIOLA, 2016, p. 579-580).

A queda dos grandes governos ditatoriais árabes, por meio de comoções populares, foi o sinal das mudanças no cenário internacional, além de protagonizar alterações positivas na geopolítica do Oriente Médio. A Primavera Árabe foi precedida por greves nos países mais ricos. Cerca de dez milhões de imigrantes que trabalhavam na Arábia Saudita, Omã, Kuwait, Bahrein, Catar e Emirados Árabes se uniram em uma onda de greves. Houve enfrentamento à polícia e cerca de 4.500 trabalhadores foram presos. A série de manifestações de 2011 levou à queda três chefes de Estado: o presidente da Tunísia, que fugiu para a Arábia Saudita, o presidente do Egito, que renunciou depois de 18 dias de protesto, pondo fim ao seu mandato de 30 anos e o presidente da Líbia, que foi capturado por rebeldes e morto depois de ser torturado, nove meses depois do início das manifestações. (COGGIOLA, 2016).

#### **4.2.1 GRUPOS RADICAIS ISLÂMICOS**

Os grupos radicais islâmicos surgiram no momento em que os muçulmanos se deram conta de toda a opressão gerada pelo mundo Ocidental. O terrorismo pode ser evidenciado pela ação violenta de um grupo para impor seus objetivos políticos. Por exemplo, os grupos com maior destaque atualmente, como al-Qaeda, Estado Islâmico, Hamas e Hezbollah, se autodenominam anti-imperialistas, anti-sionistas e anti-americanistas<sup>122</sup>. “Assumem também todas as formas de sectarismo religioso e étnico, ao mostrarem fidelidade não às estruturas de governo do Estado a que pertencem, mas às facções condizentes quer com o seu ramo do Islão, quer com os países que melhor lhes servem os interesses.” (NARCISO, 2015, p. 37).

<sup>122</sup> Cf. <[http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni\\_shia\\_divide-infoguide-81015#](http://www.cfr.org/peace-conflict-and-human-rights/sunni-shia-divide/p33176?cid=soc-facebook-in-sunni_shia_divide-infoguide-81015#)>. Acesso em: 15 nov. 2016.

Por exemplo, a al-Qaeda, o ISIS<sup>123</sup> e Frente al-Nusra se apoiam na vertente sunita, com maior proximidade da Arábia Saudita, enquanto Hezbollah e Hamas se relacionam com o Irã, recebendo benefícios tecnológicos de todos os níveis, para que haja grande capacidade de recrutamento, e assim os fundamentalistas não precisam se infiltrar em mesquitas para conseguir atrair fieis de maneiras ardilosas e dolorosas, uma vez que suas mensagens são transmitidas de maneiras mais eficazes<sup>124</sup>.

#### 4.2.1.1 AL-QAEDA

É um movimento islâmico cuja criação remete aos anos 1980. Reúne em si homens de diversos segmentos, desde que tenham boa capacidade de organização e agrupamento, cujo intuito em comum seja alcançar o “Islamismo perfeito”. É uma organização com várias ramificações, com grupos distintos e, costumeiramente, pouco estruturados. Este grupo é baseado em fraternidades exclusivamente sunitas e com uma crença comum no martírio pela cultura e pelo Jihad. (NARCISO, 2015).

Suas reivindicações têm como base um contexto político, que age de forma discreta a fim de expulsar não-muçulmanos da península arábica, abolir o Estado de Israel assim como acabar com as intervenções ditatoriais nos Estados muçulmanos<sup>125</sup>. O foco da liderança da Al-Qaeda é eleger, a longo prazo, um califado mundial em que a *ummah* obedeça à Sharia, e que assim possibilite o retorno do líder a seus valores islâmicos (BAUER, 2003). Para tal é necessário encabeçar um projeto de conquista islâmica, começando pela Europa (ALMEIDA E SILVA, 2016).

Bin Laden e a Al-Qaeda são as franjas radicais de um movimento muito mais vasto, a militância islâmica moderna. As suas razões de queixa são de natureza política, mas articulam-se em termos religiosos e em referência a uma visão religiosa do mundo. Nos últimos quinze anos, milhares de jovens passaram pelos campos de treino do Afeganistão para concretizar o sonho de uma acção violenta contra o ocidente. Os seus militantes estão habituados à guerra, quer no Afeganistão, Chechénia, Caxemira, Bósnia ou sul das Filipinas, e a viver na clandestinidade. Existe entre eles um forte sentido de obediência, capacidade para sofrer e conspirar, e “*desenrolar um pensamento de grandes circunstâncias*”. A al-Qaeda alicerça a sua ideologia nas características tribais, medievais, absolutistas, e messiânicas. (BURKE, 20-- apud NARCISO, 2015, p. 39).

<sup>123</sup> Sigla em inglês referente à *Islamic State of Iraq and Syria* (Estado Islâmico do Iraque e da Síria), ou apenas Estado Islâmico.

<sup>124</sup> NARCISO, João Pedro Paulino. **O impacto do Islão no Choque de Civilizações e na Guerra Fria no Oriente Médio**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas e Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005.

<sup>125</sup> Cf. <<http://foreignpolicy.com/2014/03/17/al-qaeda-core-a-short-history/>>. Acesso em 15 nov. 2016.



Depois dos atentados às Torres Gêmeas, a Al-Qaeda se politizou e deixou de lado seu discurso milenarista de conquista do poder.

#### 4.2.1.2 ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E DO LEVANTE (OU ESTADO ISLÂMICO DO IRAQUE E DA SÍRIA, OU ESTADO ISLÂMICO)

Este grupo é misterioso e sua existência abre duas possíveis visões a seu respeito. Uma delas é a de que é uma organização que combina eficiência burocrática, perícia militar e capacidade tecnologia e informática muito sofisticadas. Para outros, é um Estado de fato, autodenominado capaz de governar<sup>126</sup>. O Estado Islâmico utiliza a ferramenta da força e terror para expandir seus princípios de interpretações literárias do Alcorão. Procura reproduzir os primórdios do islamismo utilizando fielmente os escritos do livro sagrado para fundamentar suas ações.

Os seus líderes têm punições de estilo medieval para crimes morais, como chicotadas aquando da ingestão de demasiado álcool, fornicação, ou apedrejamento em caso de adultério. Muitas organizações muçulmanas tradicionais afirmam que o ISIS é não islâmico. Muitos opositores da natureza religiosa do ISIS estão enraizados num absurdo de guerra, *Islão vs Mundo Cristão*. (NARCISO, 2015, p. 41).

Para o ISIS é também essencial que se crie um califado para que toda a *ummah* se una novamente. Para o grupo, o califado é uma via de salvação pois, através dele, as escrituras sagradas serão colocadas em prática, obrigando toda a comunidade muçulmana a se unir no território conquistado e assim estabilizar a comunidade islâmica prescrita por *Allah*. Os califas podem exigir obediência e condenar por apostasia aqueles muçulmanos que insistirem em apoiar qualquer outro tipo de governo que não o califado.

A organização utiliza como propaganda promessas de fidelidade dentro dos grupos *jihadistas*. Para eles, será dentro desse novo califado que todos os que não aceitam os valores alcorânicos serão aniquilados em nome do Islão. A crença do ISIS sobre o caminho a ser perseguido para que se chegue ao juízo final, auxilia na estratégia para que a alternativa distópica se torne realidade e assim o grupo possa exercer poder sobre milhões de pessoas. (NARCISO, 2015).

O Estado Islâmico é constituído por radicais salafitas<sup>127</sup> sunitas e também por jihadistas de outros Estados, seguindo como base o corpo militar do exército de Saddam

<sup>126</sup> Cf. <<http://www.foreignpolicy.com/2015/07/24/is-the-rise-of-isis-really-such-a-mystery>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

<sup>127</sup> Fundamentalistas islâmicos. O salafitas são adeptos do salafismo, ou seja, do movimento ortodoxo islâmico.

Hussein. É uma força móvel, sem infraestrutura organizacional, dividida em pontos físicos tais como quartéis gerais ou bases militares, fazendo com que o uso de qualquer instrumento bélico para desestabilizar suas estruturas seja ineficiente.

O ISIS considera o xiismo como uma inovação. Afirma que as práticas xiitas comuns, tais como o culto dos túmulos dos imãs e a autoflagelação pública não têm base no alcorão, nem na tradição do profeta. O que determina que 200 milhões de xiitas<sup>101</sup> estejam destinados a morrer, bem como os chefes de Estado de todos os países muçulmanos que deturpem a lei islâmica, com o intuito de tomar o poder sem a aprovação de *Allah*. (NARCISO, 2015, p. 43).

Esse grupo tem chamado muito a atenção de jovens tanto do Oriente Médio como da Europa. Esses jovens costumam buscar o Estado Islâmico para que deixem de se sentir dominados e passem a se sentir dominadores (PINTO, 2010). O papel das mulheres nessa organização é o de jurar fidelidade a seus maridos e incentivar mais jovens ao recrutamento a partir de redes sociais.

Para os *jihadistas* do ISIS, o Ocidente representa um conjunto de afrontas ao Islão, desde o imperialismo, o consumismo, a submissão dos regimes árabes perante estados mais poderosos, e a forma interesseira como as maiores potências mundiais utilizam os recursos dos países muçulmanos. (NARCISO, 2015, p. 45).

A existência do Estado Islâmico é um mistério, e sem que haja conhecimento sobre quais foram as questões concretas que influenciaram em seu surgimento, não é possível definir exatamente e com precisão o que é o ISIS.

#### 4.2.1.3 FRENTE AL-NUSRA

A Frente Al-Nusra, ou também conhecida como Jabhat Al-Nusra, é uma milícia muçulmana da vertente sunita e jihadista. Surgiu em 2012 com a intenção de fazer oposição ao governo de Bashar Al-Assad. É um grupo muito agressivo e partilha da mesma ideologia da Al-Qaeda, com o quem mantinha relações estreitas e fieis. (NARCISO, 2015, p. 46). No entanto, quebrou esse voto com o grupo, declarando que agora a intenção da Al-Nusra é apoiar a revolução Síria. (G1, 2016)<sup>128</sup>

A organização é considerada disciplinada e com grande sucesso em “campo de batalha”. Tem o respeito e o apoio de grupos rebeldes, inclusive os envolvidos nos exércitos de libertação da Síria. Embora não seja tão radical quanto a Al-Qaeda, sofre muita oposição pelas facções sírias, por seu costume de impor as leis islâmicas a todos os territórios que controla (NARCISO, 2015). Foi a primeira organização terrorista a reivindicar atentados

<sup>128</sup> Cf. <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/07/frente-al-nusra-na-siria-anuncia-ruptura-com-al-qaeda.html>. Acesso em: 16 nov. 2016.

contra civis. O grupo tem como foco principal derrubar o governo de Bashar Al-Assad e substituí-lo por um governo sunita. Porém, ao contrário de seu rival Estado Islâmico, a Al-Nusra afirma que essa ação só será possível com a união de mais grupos islâmicos.

Inicialmente, a organização recebia ordens da al-Qaeda e da al-Qaeda no Iraque. Após a separação, em 2013, o comandante da al-Nusra, al-Julani prometeu fidelidade à al-Qaeda. Tal como o ISIS, a al-Nusra governa grande parte do território que detém. Estabeleceu tribunais islâmicos, fornece serviços básicos à sua população, como electricidade e distribuição de comida, o que lhe tem motivado o respeito por parte da população, e em certos casos até fomentado a dependência. A organização emite vídeos de propaganda à comunidade muçulmana desde o seu grupo televisivo, al-Manara al-Baida, ou o “The White Minaret”. Estes são publicados pelos *jihadistas*, através da comunicação social, e partilhados na internet. Apesar de alguma oposição, algumas porções da população local são fortes apoiantes da al-Nusra, e muitos cidadãos protestaram aquando da designação de grupo terrorista pelos Estados Unidos da América. (NARCISO, 2015, p. 47).

Entretanto, assim como outras organizações envolvidas com os conflitos na Síria, este grupo possui algumas desavenças com outros grupos. Sua relação com o Exército de libertação da Síria é conturbada, uma vez que este é secular e moderado, com diferenças em suas intenções para o futuro do país. Os conflitos entre esses grupos resultam - na maioria das vezes - em deserções, nas quais os rebeldes da Frente de libertação Síria buscam ingressar na Al-Nusra, que é uma organização mais preparada e bem equipada<sup>129</sup>.

#### 4.2.1.4 IRMANDADE MUÇULMANA

O grupo criado em 1928, de natureza conservadora, teve como fundador o professor Hassan al-Banna, disseminador da mensagem do Alcorão. Ele visava denunciar o abuso e as injustiças que a comunidade muçulmana vinha sofrendo por parte do mundo Ocidental, com sua “contaminação social” e cultural. Dessa maneira, a irmandade se difundiu pelo Oriente Médio influenciando fortemente a transformação social de muitos países, tal como Sudão e Palestina<sup>130</sup>.

A Irmandade Muçulmana é considerada um dos movimentos islâmicos mais moderados ao nível do pensamento. Mantém um forte compromisso com a renovação da identidade islâmica, conciliando a tradição com a modernidade. Manteve-se, contudo, fiel à ideia de acção da religião nos assuntos políticos, de forma a construir e definir as instituições do Estado, com o intuito de erigir uma nação livre e digna para o povo egípcio. A união da nação, bem como a democracia contra a tirania, e o nacionalismo contra o isolacionismo, são lutas assumidas pelo movimento islâmico. Esta organização aparece como resposta [...] à extinção do último califado muçulmano, de onde surgiram vários movimentos nacionalistas que visavam expulsar o imperialismo da região. (NARCISO, 2015, p. 48).

<sup>129</sup> Cf. <<http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/493>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

<sup>130</sup> Cf. <<https://www.middleeastmonitor.com/20140929-the-muslim-brotherhood-and-salafist-jihad-isis-different-ideologies-different-methodologies/>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

Enquanto partido, a Irmandade Muçulmana prega uma democracia com base no islamismo. Nessa política são aceitos a democracia liberal, a liberdade de eleições, separação dos poderes e liberdade de associação<sup>131</sup>. O grupo privilegia a caridade, partindo desde a prestação de cuidados médicos a população até alimentação e outras ajudas aos menos favorecidos<sup>132</sup>.

Em meados dos anos 2000, a Irmandade Muçulmana se tornou um grupo de base com anseios políticos, intencionando criar escolas, mesquitas e associações de caridade. Para isso investiram na militância ativa, colocando candidatos a eleições parlamentares.

A facção mais moderada da organização defende que têm de ser aceites os princípios da democracia, pois esta será a forma de competirem livremente com os poderes instituídos. Contudo, Hosni Mubarak quebrou promessas que havia feito ao grupo, resultando uma revolta, maioritariamente feita por jovens de esquerda e defensores do secularismo, cujos protestos em massa contra o presidente do Egipto originaram a queda do estadista. Logo após, foi criado o primeiro partido democrático, o partido Liberdade e Justiça. (NARCISO, 2015, p. 49).

Em síntese, a Irmandade Muçulmana tem como foco principal conduzir o povo muçulmano e sua política dentro dos preceitos alcorânicos, rejeitando qualquer contradição ao livro. Promover a paz e evolução do corpo e do espírito por meio da fraternidade entre muçulmanos, utilizando a política como instrumento disseminador da palavra de *Allah*, para que, unindo tudo isso, seja possível alcançar a criação de um Estado muçulmano. No contexto da Irmandade, o Islamismo não é apenas uma religião, mas também um exemplo e um modelo de organização social.

#### 4.2.1.5 HAMAS

Organização palestina islâmica designada como grupo terrorista por países ocidentais, como os constituintes da União Europeia, Estados Unidos, Canadá, Japão dentre outros. Foi fundada em 1988, depois da primeira revolta do povo palestino contra Israel, denominada intifada. Sofreu grande influência da Irmandade Muçulmana, mas sempre apresentou um caráter mais radical.

A fim de contextualizar seu surgimento, têm-se a história da Palestina. Essa é longa e tumultuosa, pois o país está localizado em uma região de grande miscigenação de culturas, religiões e etnias. Foi nesta região que se considera o surgimento das três principais religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

<sup>131</sup> Cf. <<http://www.ikhwanweb.com/article.php?id=817>>. Acesso em 17 nov. 2016.

<sup>132</sup> Cf. <<https://www.jihadwatch.org/2014/04/muslim-brotherhood-launches-its-own-u-s-political-party>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

Foi em 1948, com a criação do Estado de Israel, que o movimento de retorno dos judeus à terra prometida - ou Sionismo - se difundiu entre os judeus diásporas, gerando grande movimentação para que aderissem ao movimento. Ao sair da influência britânica e ter seus problemas territoriais todos transferidos para a Organização das Nações Unidas, a região passou a fazer parte de um projeto de criação de dois Estados distintos, um judeu e um muçulmano. No entanto, o plano não se concretizou e os muçulmanos ficaram descontentes, pois, sem um Estado, se tornaram refugiados (BBC, 2014)<sup>133</sup>.

No ano de 2006, o Hamas venceu as eleições legislativas para a Autoridade Nacional Palestiniana, mesmo sofrendo constantes intervenções norte-americanas e israelenses para que lhe fosse tirada a legitimidade e assim o povo palestino se dividisse. O governo se dividiu em dois: Hamas na Faixa de Gaza e Organização para Libertação da Palestina - OLP - na Cisjordânia, gerando como consequência uma desunião na luta para criar um Estado palestino soberano.

O grande ponto de divergência entre ambos é a forma de governo que cada um quer para a Palestina. O primeiro pretende implantar um estado de raiz islâmica na região da Palestina, enquanto a OLP é uma instituição laica que luta pela criação de um estado democrático e idêntico ao estilo ocidental. Outra fonte de divergência é a relação dos dois partidos com o estado de Israel. Enquanto a OLP opta pela diplomacia e pela negociação, visíveis nos acordos de Oslo que originaram a Autoridade Nacional Palestiniana, o Hamas defende nos seus estatutos internos a destruição do estado de Israel, rejeitando os acordos de Oslo e a Autoridade Nacional Palestiniana. (NARCISO, 2015, p. 52).

Em 2009, Benjamim Netanyahu<sup>134</sup> afirmou que pode haver a comprovação de um Estado palestino, desde que haja o reconhecimento de Israel como o Estado-Nação do povo judeu, a desmilitarização do Estado da Palestina e a adesão a garantias nacionais de segurança (MENDES, 2014)<sup>135</sup>.

#### 4.2.1.6 HEZBOLLAH

Fundado em 1982, sediado no sul do Líbano e com forte influência da Revolução islâmica no Irã. Foi criado com a intenção de implantar um governo de foro islâmico para disseminar a revolução muçulmana pelos países islâmicos da região. Um Estado foi constituído dentro de outro Estado como resultado da retirada síria e da passividade internacional.

---

<sup>133</sup> Cf. <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140730\\_gaza\\_entenda\\_gf\\_lk](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/08/140730_gaza_entenda_gf_lk)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

<sup>134</sup> Primeiro Ministro de Israel, desde 2009.

<sup>135</sup> Cf. <<http://www.fnac.pt/Enciclopedia-das-Relacoes-Internacionais-Nuno-Canas-Mendes/a804798>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

O grupo é regido pelo xiismo libanês e foi apoiado militarmente, financeiramente e politicamente pelo Teerã. Com o passar do tempo, os interesses do Hezbollah em conjunto com o Irã de expulsar as forças internacionais do Líbano, acabaram se transformando em pequenos ataques aos interesses ocidentais nos territórios libaneses e de outros países da região, impondo o espaço xiita no avanço da revolução islâmica (THE ATLANTIC, 2013)<sup>136</sup>.

O seu líder ideológico, o Sheikh Fadlalla, opõem-se a qualquer reconciliação com o Ocidente, principalmente com Israel. Numa primeira fase, este movimento tinha como objectivo os inimigos internos, que eram o *Amal* secular e os cristãos maronitas que estavam no poder, o que veio a mudar aquando da invasão do Líbano por tropas estrangeiras, entre as quais o Estado de Israel apoiado pela Organização das Nações Unidas, tornando assim Israel e os Estados Unidos da América os principais inimigos da organização islâmica. (NARCISO, 2015, p.55).

Seu primeiro grande ato foi em 1983 contra as tropas norte-americanas e francesas de uma força de paz da Organização das Nações Unidas. Esses atentados terroristas fizeram 241 vítimas fatais dos Estados Unidos e 58 franceses, provocando sua retirada, dando à Síria hegemonia do território e à organização islâmica, grande *status*, tanto para os xiitas quanto para aqueles que se opunham ao Ocidente e à Israel. Na última década investiu no cenário político e configura hoje o maior ator no cenário libanês, com forte apoio populacional.

A participação do Hezbollah na Síria tem trazido grande instabilidade para o Líbano, pois existe uma série de ataques contra as fortalezas do grupo no país desde que suas ações se expandiram à Síria. Porém, o líder da organização, Nasrallah, mantém seu posicionamento na Síria como forma de confrontar Israel, o Ocidente e os radicais sunitas.

#### 4.2.1.7 BOKO HARAM

Diferentemente dos anteriores, esse grupo não atua no Oriente Médio, porém é um claro exemplo de que o radicalismo islâmico não tem atingido somente a região. É um grupo do norte da Nigéria, que acredita que a política do país foi tomada por um grupo de corruptos e falsos muçulmanos. Sua ambição é abrir uma guerra contra o governo federal a fim de criar um Estado islâmico puro, regulado integralmente pela Sharia.

O grupo tem plantado bombas em igrejas e em espaços públicos quase semanalmente, desde 2011 além do “abrir fogo” que fazem contra escolas. Em março de 2012, algumas das 12 escolas públicas de Maiduguri<sup>137</sup> foram queimadas durante a noite e aproximadamente 10 mil alunos foram forçados a parar os estudos. Contudo, o grupo não se assemelha a outras

<sup>136</sup> Cf. <<http://www.theatlantic.com/international/archive/2013/10/the-origins-of-hezbollah/280809/>>. Acesso em: 17 nov. 2016.

<sup>137</sup> Capital e maior cidade do estado de Borno, Nigéria.

organizações jihadistas como a Al-Qaeda, pois, embora tenha obtido sucesso em seu ataque contra o complexo da Organização das Nações Unidas de Abuja em agosto de 2011, o grupo não tem interferido nos interesses internacionais do Ocidente, não representando uma ameaça a ponto de se tornar uma preocupação global (WALKER, c2012)<sup>138</sup>, principalmente por estar localizado na África.

No entanto, a filosofia do grupo é constantemente denominada como anti-Ocidente, afirmando que suas ações visam impedir a população islâmica de todo tipo de influência ocidental, com um lema que significaria “a educação Ocidental é um pecado”. Porém, em uma declaração dada no ano de 2009, o líder do grupo afirma que:

First of all that Boko Haram does not in any way mean “Western Education is A sina” as the infidel media continue to portray us. Boko Haram actually means “Western Civilisation is forbidden. The difference is that while the first gives the impression that we are opposed to formal education coming from the West, that is Europe, which is not true, the second affirms our believe in the supremacy of Islamic culture (not Education), for culture is broader, it includes education but not determined by Western Education. Boko Haram memebers and their late leader, Mohammed Yusuf Boko Haram members and their late leader, Mohammed Yusuf In this case we are talking of Western Ways of life which include: A constitutional provision as if relates to, for instance the rights and privileges of Women, the idea of homosexuality, lesbianism, sanctions in cases of terrible crimes like drug trafficking, rape of infants, multi-party democracy in an overwhelmingly Islamic country like Nigeria, blue films, prostitution, drinking beer and alcohol and many others that are opposed to Islamic civilisation. That the Boko Haram is an Islamic Revolution which impact is not limited to Northern Nigeria, in fact, we are spread across all the 36 states in Nigeria, and Boko Haram is just a version of the Al Qaeda which we align with and respect. We support Osama bin Laden, we shall carry out his command in Nigeria until the country is totally Islamised which is according to the wish of Allah. That Mallam Yusuf has not died in vain and he is a martyr. His ideas will live for ever. That Boko Haram lost over 1000 of our Marty members killed by the wicked Nigerian army and police mostly of Southern Nigeria extraction. That the Southern states, especially the infidel Yoruba, Igbon and Ijaw infidels will be our immediate target. That the killing of our leaders in a callous, wicked and malicious manner will not in any way deter us. They have lost their lives in the struggle for Allah. Having made the following statement we hereby reinstate our demands: That we have started a Jihad in Nigeria which no force on earth can stop. The aim is to Islamise Nigeria and ensure the rule of the majority Muslims in the country. We will teach Nigeria a lesson, a very bitter one. That from the Month of August, we shall carry out series of bombing in Southern and Northern Nigerian cities, beginning with Lagos, Ibadan, Enugu and Port Harcourt. The bombing will not stop until Sharia and Western Civilisation is wiped off from Nigeria. We will not stop until these evil cities are tuned into ashes. That we shall make the country ungovernable, kill and eliminate irresponsible political leaders of all leanings, hunt and gun down those who oppose the rule of Sharia in Nigeria and ensure that the infidel does not go unpunished. We promise the West and Southern Nigeria, a horrible pastime. We shall focus on these areas which is the devil empire and has been the one encouraging and sponsoring Western Civilisation into the shores of Nigeria. We call on all Northerners in the Islamic States to quit the follower ship of the wicked political parties leading the country, the corrupt, irresponsible, criminal, murderous political leadership, and join the struggle for Islamic Society that will be corruption free, Sodom free, where security will be guaranteed and there will be peace under Islam. That very soon, we shall stir Lagos, the evil city and

<sup>138</sup>WALKER, Andrew. What is Boko Haram? **Special Report**. Washington, jun. 2012.

Nigeriaâ€™s South West and South East, in a way no one has ever done before. Al Hakubarah ITS EITHER YOU ARE FOR US OR AGAINST US. (UMARU, 2009)<sup>139</sup>.

De acordo com esses ideais pregados pelo grupo, todos aqueles que não concordam com suas opiniões e não se sujeitam a fazer parte de seus atos são chamados *kuffar*, ou seja, descrentes, aqueles que negam a verdade. Os membros do Boko Haram tem um certo padrão de “ vaidade”, costumam usar barbas longas, véus vermelhos ou pretos e recusam usar produtos modernos, mais especificamente Ocidentais, como relógios de pulso e capacetes de segurança. No entanto, não deixam de usar outros produtos tecnológicos, como motocicletas, carros, telefones celular, armamentos tal como a AK-47 e outros benefícios derivados da civilização Ocidental<sup>140</sup>.

O número de membros do grupo não é exato, entretanto, tem seguidores em aproximadamente 19 estados do norte da Nigéria. Seus membros costumam ser jovens descontentes e graduados desempregados. No Boko Haram tem um fenômeno chamado *Almajiri*, ou crianças da rua. Termos utilizados para denominar aqueles que abandonam seus lares e sua vida em busca de uma educação islâmica (ONUOHA, 2012).

The existence of this sect became a subject of serious local and international concern in the aftermath of the July 2009 anti-government revolt led by its leader, Mohammed Yusuf. A charismatic speaker, Yusuf was appointed the leader of the sect by a committee of shaykhs in 2002. He later ousted the shaykhs who appointed him, on allegations of corruption and failure to preach “pure Islam”. Mohammed Yusuf claimed not to believe in most of the tenets of Western science. He denied that the world is round or that rain is caused by evaporated water. Yusuf also preached a simple, ascetic form of life for his followers, but enjoyed Western luxuries for himself, including a Mercedes car and imported delicacies. The emergence of Mohammed Yusuf was a major factor in the sect’s shift to an Islamic extremist movement, intent on overthrowing the secular Nigerian State. (ONUOHA, 2012, p. 3).

Com o assassinato de Yusuf, de alguns outros líderes e seguidores do grupo, os membros da organização ficaram ainda mais irritados com a situação na Nigéria e passaram a utilizar vídeos do movimento de 2009, no qual as mortes ocorreram, com a intenção de radicalizar cada vez mais seus recrutas. Sempre apresentando áudios e vídeos para travar uma guerra com os políticos seculares do país. Atualmente suas ações continuam.

Como observado, existem vários grupos terroristas islâmicos, cada um operando de uma maneira, inclusive em regiões diferentes, porém todos com uma intenção em comum - com exceção do Boko Haram, cuja intenção maior é criar o Estado islâmico -: o ódio ao

<sup>139</sup> Cf. <<http://www.vanguardngr.com/2009/08/boko-haram-ressurects-declares-total-jihad/>>. Acesso em 19 nov. 2016.

<sup>140</sup> ONUOHA, Freedom C. Boko Haram: Nigerias1s extremist Islamic sect. **Al Jazeera Centre for Studies**. p. 2-6, fev. 2012.



Ocidente. Essa constante operação dos grupos contra a ideologia Ocidental é o que gera pavor nos governos e nos indivíduos que fazem parte dessa ideologia. Assim sendo, conforme vão surgindo manifestações entre os muçulmanos, uma tensão é gerada na região Ocidental do mundo, um forte pavor por não haver o conhecimento certo de quando ou qual lugar será atacado em seguida. Esse clima de medo e apreensão ajuda a criar um sentimento de aversão.

#### 4.3 ANTIGOS TERRORISTAS

No entanto, é necessário lembrar que no decorrer da história, outras religiões também tiveram inúmeras atitudes violentas e que essa característica não é “exclusiva” do Islão.

Além de esta equação não corresponder à essência da religião islâmica, nem sequer a toda a sua história, no cristianismo histórico a coisa não é de todo melhor... Já vimos o tamanho de violência protagonizada por países cristãos nos últimos dois séculos (não esqueçamos ainda as guerras napoleônicas e as duas guerras mundiais!), causa imediata da reação violenta de muçulmanos contemporâneos. E se recuarmos dois-três séculos atrás, encontraremos as guerras de religião, mas sobretudo a expansão europeia no mundo que não terá sido menos violenta, invocando sempre o nome de Deus e da religião cristã (católica mas também protestante): as conversões compulsivas; a expulsão de minorias étnico-religiosas; os genocídios dos povos ameríndios; o tráfico de escravos, etc. E a história medieval não é ainda mais inocente: fora das “cruzadas” médio-orientais (atingindo tanto territórios muçulmanos como bizantinos...), a situação de grupos judeus e muçulmanos bem como de “heréticos” era insustentável: guetoização, inquisição, autos de fé, expulsões... (SIDARUS, 2011, p. 278)<sup>141</sup>.

No decorrer da história, as religiões de base cristã tiveram comportamentos com alto grau de violência, cada uma motivada por uma ideologia e com uma explicativa pelas ações. Atualmente existem alguns inúmeros grupos terroristas, alguns com ideologias declaradas cristãs.

##### 4.3.1 IRA (IRISH REPUBLICAN ARMY OU EXERCITO REPUBLICANO IRLANDÊS)

O grupo foi criado em 1919 e visava separar a Irlanda do Reino Unido para anexá-la novamente à República da Irlanda, por não concordar com a maneira utilizada pelos britânicos para conquistar o país, assim como não concordam com sua forma de domínio. No decorrer de mais de duas décadas de guerrilhas, aproximadamente 3.500 pessoas foram mortas. Em 2005, após diversas negociações políticas, o IRA anunciou o fim da luta armada e

---

<sup>141</sup> SIDARUS, Adel. Liberdade religiosa, caminho para a paz? *Collectanea Christiana Orientalia*: Évora, p. 273-279, ago. 2011.

a entrega de suas armas. No entanto, quatro grupos resistiram à entrega e continuam até os dias atuais tentando realizar atentados<sup>142</sup>.

Um desses grupos dissidentes do “exército” que se rendeu, denomina-se “IRA-Continuidade”, e uma de suas ações foi um tiroteio a um hotel em Dublin, na Irlanda, deixando um morto e dois feridos. Após assumir a responsabilidade sobre o tiroteio, afirmou que pretende executar mais atentados a fim de exterminar criminosos e traficantes<sup>143</sup>.

No entanto, em julho de 2012 três dos quatros grupos que se mantiveram mesmo depois do acordo de paz afirmaram que estão se unindo para recuperar as bandeiras do movimento. A nova organização que está se formando terá uma única liderança, com uma estrutura completamente unificada e subserviente à Constituição do Exército Republicano Irlandês. Dentre os membros integrantes dessa nova formação do IRA estariam também alguns grupos independentes de Belfast<sup>144</sup> e de áreas rurais. Estes são chamados de “não-conformistas republicanos”<sup>145</sup>.

Fontes da organização afirmaram que a nova força paramilitar inclui centenas de dissidentes armados. Eles estariam planejando intensificar ataques terroristas contra forças de segurança e outros alvos que eles consideram símbolos da presença britânica. Entre os alvos potenciais estão delegacias de polícia, a sede do banco Ulster Bank e a cidade de Derry, escolhida para sediar a festa Cidade da Cultura da Grã-Bretanha 2013, que é descrita pelos dissidentes como “o modo britânico de dominar” (VEJA, 2012, *on-line*).

O grupo fortalece a ideia de que há uma necessidade real de lutas armadas para que a liberdade da Irlanda seja alcançada, e que essa luta só acabaria com a retirada dos militares britânicos da Irlanda do Norte. Dentre as exigências para que mais atentados terroristas não ocorram está a elaboração de um calendário reconhecido internacionalmente com detalhamentos sobre o fim da interferência britânica na política irlandesa. Seus líderes e membros afirmam que o conflito armado foi uma opção da Grã-Bretanha, eles só reagiram.

### 4.3.2 ANTI-BALAKA

Milícias extremistas cristãs surgidas em resposta aos constantes ataques da facção muçulmana *Séléka*, o último grupo no poder da República Central Africana.

<sup>142</sup> Cf. <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/12/04/acordo-de-paz-usado-com-grupos-terroristas-do-passado-nao-funcionaria-com-ei.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

<sup>143</sup> Cf. <<http://www.dn.pt/mundo/interior/grupo-dissidente-do-ira-assume-responsabilidade-de-tiroteio-em-hotel-5020765.html>>. Acesso em 24 nov. 2016.

<sup>144</sup> Capital da Irlanda do Norte

<sup>145</sup> Cf. <<http://veja.abril.com.br/mundo/irlanda-do-norte-grupos-dissidentes-do-ira-se-unem/>>. Acesso em 24 nov. 2016.

The name anti-*balaka* is anti-sword or anti-machete in the local languages of Mandja and Sango. This was often used to describe self-defence units set up by communities to fight against bandits, cattle raiders, rebels and poachers (Marima, 2014). It also alludes to the French word for bullets of an automatic rifle (“balle AK”) because the people of the CAR were against the bullets of the AK 47 or the Kalashnikov assault rifle which were often used on them. Anti-*balaka* is also a generic term for those resisting the brutal *Séléka* insurrection. (CHEREJI, 2014, p.36).

O nome anti-*Balaka* significa “invencível”, que é um poder cujos membros acreditam ser essencial para a luta. Esse nome foi adotado pelo grupo há cerca de 7 ou 8 anos, quando grupos de auto defesa se ergueram em oposição ao ataques praticados pelo grupo muçulmano *Séléka*. O grupo é formado, além de cristãos, por adeptos de outras religiões, que, somados a esse, totalizavam 5% da população do país. Sua história no país é muito longa. Todas as comunidades do país possuíam milícias para sua auto-defesa, durante a guerra provocada por Bush nos anos 2004-2007, grupos rebeldes se uniram a essas milícias, e atualmente o grupo convergente de todas essas milícias é coordenado por políticos, no entanto, estes servem a interesses particulares e egoístas, e não mais aos interesses do grupo em si<sup>146</sup>.

Um dos porta-vozes do grupo afirma que o grupo não surgiu de iniciativas religiosas, e sim políticas. Porém, quando os governantes do país se voltaram contra todas as milícias, estas se uniram em uma causa comum e passaram a lutar. Atualmente, o grupo é formado majoritariamente por jovens sem nenhum tipo de escolaridade e algumas crianças menores de dez anos. Todos são motivados por vingança. A milhares de homens e mulheres são dadas facas. No entanto, nem todos entram no movimento por vontade própria. Muitas drogas são administradas para convencer os jovens de que eles são imunes às balas dos rebeldes do *Séléka* (CHEREJI, 2014).

A ONU informou nesta sexta- que 163 crianças-soldado, que incluíam cinco meninas, recrutados pela milícia denominada Anti-Balaka, da República Centro-Africana, foram libertadas hoje e começaram a receber atendimento médico e psicossocial. Com esta e outras libertações registradas nas últimas semanas já são 645 as crianças que se livraram do controle de diferentes grupos armados que coexistem no país. Estima-se que entre seis mil e dez mil crianças ingressaram em facções armadas na República Centro-Africana desde 2013, quando as milícias cristãs Anti-Balaka pegaram em armas contra o ex-grupo rebelde Seleka, de maioria muçulmana e que tinha tomado o poder pelas armas. (EXAME, 2015, *on-line*).

Embora a violência no país tenha diminuído consideravelmente após um acordo para o fim das ações hostis, a República Centro-Africana continua sentindo as consequências de todos os conflitos oriundos desse grupo. Cerca de cinco milhões de pessoas foram afetadas

<sup>146</sup> CHEREJI, Christian-Radu. Central African Republic. *Conflict studies quarterly*. p. 1-65, out. 2014.

pelos conflitos armados das milícias anti-*Balaka* entre os anos de 2013 e 2014, e estima-se que cerca de meio milhão de habitantes se mantêm refugiados em países vizinhos<sup>147</sup>.

#### 4.3.3 EXÉRCITO DE RESISTÊNCIA DO SENHOR (ERS)

Este é um grupo de guerrilha, fundado entre 1986 e 1987 por Joseph Kony. Seus principais motivos para a criação do grupo era ser parte da guerra pelo poder que ocorria entre várias tribos do norte da Uganda. Kony era um cristão fundamentalista, autodenominado porta-voz de Deus. Ele acreditava falar com Deus e outros espíritos e que a partir disso pretendia transformar o país em um Estado completamente regido por leis religiosas. (IG, 2012). Desde sua criação, Kony e seu grupo são considerados responsáveis pelo sequestro de aproximadamente 50 mil crianças e seu recrutamento forçado, além das acusações por desalojar cerca de um milhão de habitantes da África Central.

O grupo demorou um certo tempo para que ganhasse notoriedade e boa quantidade de membros. Em seu início era visto apenas como um grupo de indivíduos sem motivação atacando soldados enquanto marchavam em forma de cruz e jogavam água benta em outros indivíduos. No decorrer dos anos, durante o afastamento e a troca de diversos políticos do governo, alguns militares e autoridades influentes se uniram a Kony e o incentivaram a adotar práticas mais violentas de guerra. Essas influências resultaram no crescimento do Exército<sup>148</sup>.

Kony e seus homens passaram a invadir mercados e vilarejos, atuando de forma violenta. Eles roubavam e matavam dezenas de adultos, deixando as crianças órfãs e sem ter aonde ir. Assim, sem opção, acabavam se juntando ao exército daquele que mandou matar suas famílias. Às vezes, Kony forçava as crianças a matar seus parentes antes de transformá-las em soldados. As meninas também se tornavam soldadas ou escravas sexuais dos homens de Kony. Desde que Kony e seu exército deixaram a Uganda, em 2006, essas práticas diminuíram. Eles ainda saqueiam vilarejos, roubam e matam civis, porém em uma escala muito menos. (IG, 2012, *online*).

A organização chegou ao ápice no final dos anos 1990, porém perdeu forças com o fim da guerra do norte da Uganda no ano de 2006. Acredita-se que o grupo possui atualmente 200 membros e se encontra dividido em três grandes agrupamentos, escondidos nas florestas que separam o Congo da África Central e Sudão do Sul.

O Exército da Resistência do Senhor é conhecido pelo rapto de crianças, que transforma em soldados ou em escravos, e também pela mutilação e assassinio de civis na África central. Mas, segundo o ACNUR, desde a prisão de Dominic Ongwen, os rebeldes intensificaram os ataques contra vilas na fronteira entre aqueles

---

<sup>147</sup> Cf. <<http://exame.abril.com.br/mundo/163-criancas-soldado-sao-libertadas-da-milicia-anti-balaka/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

<sup>148</sup> Cf. <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2012-04-20/saiba-mais-sobre-joseph-kony-e-o-exercito-de-resistencia-do-senh.html>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

dois países. Só no mês de fevereiro, o Exército da Resistência do Senhor sequestrou 25 pessoas em várias aldeias, acrescenta a ONU, que cita uma organização humanitária. (JN, 2015, *on-line*).

Segundo o Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas (ACNUR) algumas vítimas chegaram com ferimentos e uma menina de 16 anos de foi violada, acrescentando que três meninos, também refugiados, estão desaparecidos. O que significa que, embora o grupo tenha reduzido seu número de seguidores e não tenha mais tanta notoriedade, continua existindo e fazendo vítimas.

#### 4.3.4 KU KLUX KLAN

O Ku Klux Klan é um movimento racista e antissemita praticante de atos extremamente violentos a fim de promover a segregação social e a supremacia branca. Dentre todos os grupos extremistas norte-americanos, o KKK<sup>149</sup> é o maior de todos, com o maior número de participantes. Existem mais de 40 grupos diferentes do Klan, espalhados por todo o país, cada um contendo cerca de 5 mil membros<sup>150</sup>.

The Ku Klux Klan first emerged following the Civil War as America's first true terrorist group. Since its inception, the Ku Klux Klan has seen several cycles of growth and collapse, and in some of these cycles the Klan has been more extreme than in others. In all of its incarnations, however, the Klan has maintained its dual heritage of hate and violence. (ANTI-DEFAMATION LEAGUE, c2013, *on-line*).

Inicialmente o grupo focava em afro-americanos, norte-americanos que “simpatizavam” com os afrodescendentes e governos que apoiavam seus direitos. Depois de um tempo, a partir de uma nova insurgência do grupo, seus alvos passaram a ser, além dos três primeiros, judeus, católicos, homossexuais e diversos grupos de imigrantes. Portanto, na maioria dos casos, suas vítimas eram minorias cuja permanência no país interferia diretamente na economia, afetando os brancos de classe média, principais membros do Klan<sup>151</sup>. “Over the years since it was formed in December 1865, the Klan has typically seen itself as a Christian organization, although in modern times Klan groups are motivated by a variety of theological and political ideologies.” (SPLCENTER, 20--, *on-line*)<sup>152</sup>.

Depois de um curto período, porém muito violento, a primeira era do Klan se desfez depois que a lei Jim Crow assegurou a soberania branca no sul dos Estados Unidos. No entanto, o movimento teve um grande retorno na década de 1920 quando se opuseram à

<sup>149</sup> Sigla para Ku Klux Klan

<sup>150</sup> Cf. <[http://archive.adl.org/learn/ext\\_us/kkk/default.html](http://archive.adl.org/learn/ext_us/kkk/default.html)>. Acesso em 20 nov. 2016.

<sup>151</sup> Ibidem.

<sup>152</sup> Cf. <<https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/ideology/ku-klux-klan>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

imigração judia e católica. Em 1925 quando o movimento atingiu um grande número de apoiadores - em torno de quatro milhões -, conseguiram também um considerável poder político em alguns estados. Contudo, após uma série de escândalos sexuais, conflitos internos sobre poder e revelações em noticiários o movimento perdeu sua influência rapidamente. (SPLCENTER, 20--).

The Klan arose a third time during the 1960s to oppose the civil rights movement and to preserve segregation in the face of unfavorable court rulings. The Klan's bombings, murders and other attacks took a great many lives, including, among others, four young girls killed while preparing for Sunday services at the 16th Street Baptist Church in Birmingham, Ala. (SPLCENTER, 20--, *on-line*).

Desde 1970, o Klan foi constantemente enfraquecido pelos conflitos internacionais, casos de tribunais e uma série de divisões e infiltrações no governo. Enquanto alguns membros preservaram sua militância em ataques racistas, outros reduziram seus atos focando apenas em lutar por direitos civis para brancos. Atualmente há uma estimativa de que haja em torno de 5 mil membros do Klan, divididos em diferentes organizações.

#### 4.3.5 ANDERS BEHRING BREIVIK - O TERRORISTA BRANCO

No dia 22 de julho de 2011, a capital da Noruega, Oslo, sofreu uma ação terrorista. Uma bomba explodiu nas proximidades do Parlamento e outros edifícios governamentais, matando oito pessoas. Algumas horas depois, na Ilha de Utoya, um jovem vestido de policial abriu fogo contra jovens em um encontro do Partido Trabalhista Norueguês. Essa ação deixou 68 mortos<sup>153</sup>.

Não demorou muito para que os atentados tomassem destaque nas páginas das grandes agências internacionais e, logo, fossem reproduzidos nos veículos de comunicação brasileiros. Contudo, ainda que os indícios – um ataque no centro do poder do país e no acampamento da juventude do partido que lidera o parlamento norueguês – apontassem para motivações políticas claras, as suspeitas da imprensa recaíram, mais uma vez, sob os fundamentalistas islâmicos, que, segundo vários veículos, poderiam ter sido motivados pela participação norueguesa na invasão militar do Afeganistão e por charges de jornais nórdicos com caricaturas de Maomé. (CARA, 2011, p. 3).

Porém, apesar de haver especulações sobre o assunto, no dia seguinte aos atentados um conservador de 32 anos, de nome Anders Behring Breivik, reclamou a autoria dos atentados. Sua manifestação surpreendeu a comoção popular, uma vez que suas características não condiziam com aquilo que era esperado. Anders era loiro, branco, de olhos azuis e cristão.

<sup>153</sup> CARA, Thiago. Um terrorista cristão, branco, loiro e de olhos azuis. **Contraponto**: São Paulo, p. 3, ago. 2011.

Em seguida, a definição dos atentados deixou de ser denominada terrorista e passou a ser um ato isolado, cometido por um “louco”. (CARA, 2011).

Na abertura de seu programa “Observatório de Imprensa” na TV, o jornalista Alberto Dimes deu uma declaração sobre o ato de Anders. Para Dimes, ele com certeza agiu sozinho, mas não está sozinho. Afirma que o norueguês faz parte de uma legião de extrema-direita que existe no mundo inteiro e não surgiu na atualidade, e sim da década de 1920 e foi responsável pela guerra mais sangrenta de todas. Afirma também que a única diferença da ideologia de Breivik à do nazifascismo é o envolvimento da religião. “O antissocialismo que levou Breivik a atacar a sede do governo e massacrar 68 jovens conterrâneos num acampamento de verão é o mesmo que leva a direita americana a travar o orçamento do país com o pretexto de que Barack Obama é socialista.” (DIMES, 2011 apud MALIN, 2011, *on-line*). Para Dimes, a Segunda Guerra ainda não terminou. (MALIN, 2011, *on-line*)<sup>154</sup>.

Junto com o terrorista, foi encontrado um manifesto de 1500 páginas com declarações sobre a ameaça dos imigrantes e o perigo representado pela miscigenação de povos na Europa. No manifesto, Braivik alega que a mistura entre raças promove corrupção e pouca produtividade. O terrorista ainda chama mulatos de sub-tribos, criticando sua existência. No entanto, essas declarações não são ao certo surpreendentes, porém, preocupantes, pois é possível perceber que os discursos que levaram o norueguês a atos tão extremos estão presentes diariamente na mídia (CARA, 2011).

Após a confirmação do protagonismo de Anders nos atentados, forma poucos os veículos midiáticos que continuaram denominando-o terrorista. Desde então, passaram a chamá-lo de “atirador” ou “autor dos ataques”.

Situação semelhante havia acontecido em 1995, seis anos antes ao atentado às Torres Gêmeas, quando o estadunidense Timothy McVeigh detonou um caminhão-bomba em frente ao Edifício Federal Alfred P. Murrah, na cidade de Oklahoma, matando 168 pessoas e ferindo mais de 500. Na ocasião, mesmo ainda antes de Al-Qaeda ganhar notoriedade mundial, “especialistas em terrorismo” apontaram movimentos islâmicos como líderes dos atentados. (CARA, 2011, p. 3).

Sendo assim, é importante notar que a máxima de que todo muçulmano é um terrorista já está enraizada no subconsciente humano. Entretanto, atentados como os que ocorreram na Noruega não são acontecimentos isolados, muito menos por acaso. Existem inúmeros indivíduos com a ideologia semelhante à de Anders e dispostos a agir como ele em prol de seus ideais. E já não existe a possibilidade de culpar os atentados de 11 de setembro por isso.

---

<sup>154</sup> Cf. <<http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/a-marca-registrada-do-fascismo/>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constante intervenção Ocidental na criação da consciência coletiva, com sua tentativa incansável de implantar seu método cultural sobre todos os povos, gerou na sociedade global uma concepção de certo e errado, bom e ruim. Dentro desse estigma, a civilização Oriental foi rotulada como fundamentalista e radical. No entanto, o que pode ser observado é que eles apenas renegaram o método de vida Ocidental por acreditar em seus próprios métodos.

Com o fracasso Ocidental na doutrinação do Oriente Médio, fez-se necessário criar um imaginário pejorativo a eles a fim de comprovar sua tese de que o Ocidente é a civilização mais desenvolvida. Essa constante provocação ao mundo Oriental gerou a islamofobia, um medo exacerbado da população adepta ao Islamismo. Essa generalização levou a população ocidental a se preocupar com estereótipos, associando qualquer característica típica da região em uma potencial arma terrorista.

Ainda que a religião islâmica se assemelhe grandemente ao cristianismo, a imposição cultural e a constante divulgação midiática das diferenças entre as duas civilizações contribuiu para que essas semelhanças fossem descartadas e que o único foco fosse o de que todos os muçulmanos desejam a soberania de sua religião em detrimento de todas as outras. A partir disso, a população sem conhecimento histórico acata as informações da mídia e reproduzem, ainda que inconscientemente, aquilo que foi dito, sem a preocupação de conhecer de fato o que está sendo divulgado.

Para alimentar a imagem de que o muçulmano é inimigo da civilização Ocidental, grandes produções cinematográficas utilizaram a ferramenta do islâmico como terrorista, buscando maneiras de colocar o muçulmano como vilão em suas produções - como visto no filme “Ameaça Terrorista”, cuja sinopse tem a descrição “convertido ao islamismo” - o que ajuda a implantar de maneira “sutil” a associação dos traços genéticos com o terrorismo.

Essa constante propagação das diferenças entre Oriente e Ocidente aumenta o abismo entre as culturas e dificulta exponencialmente a aceitação entre elas. Essa discriminação contribui para o aumento do preconceito, gerando assim uma repetição de ações cujo final esperado é ainda pior.

Rechaçados pela intervenção Ocidental e seus esforços em recriminar sempre mais o povo muçulmano, surgiram entre os fieis aqueles rebeldes. Os radicais islâmicos que, motivados pelo ódio às intervenções agressivas sofridas no decorrer de anos, se rebelam e atacam todos os seus símbolos, mesmo que levando consigo vidas inocentes como forma de



alerta e vingança. Ainda que em alguns casos suas motivações sejam instaurar o Estado islâmico predestinado a eles, é notável que a influência Ocidental intensificou sua sede por sangue.

Sua sede de vingança vitimiza não apenas a civilização ocidental, que muitas vezes não teve nem participação no que ocorreu ao Oriente Médio, mas também grupos étnicos forçados à convivência pela intervenção Ocidental. Existe naturalmente rivalidade entre clãs e isso é histórico, no entanto, o ato de colocar grupos inimigos em um único território, contra a vontade deles, contribui para um clima instável e de fácil conflito.

Dentre todos os males ocasionados pelo interesse humano de dominar a tudo e a todos, é possível notar que para tudo há uma solução. Muitas vezes não de maneira fácil, muito menos em curto prazo, porém há solução. Ainda que para alguns, tão radicais quanto os grupos “terroristas” a única solução seja por fim à cultura Oriental, existe um meio pacífico e não tão utópico.

É possível acreditar que o melhor caminho para se alcançar a paz no Oriente Médio é investir no processo de autodeterminação das nacionalidades. Os povos têm o direito de decidir sua própria nacionalidade, sem interferência exterior. Somente no dia em que eles forem possibilitados de assumir suas próprias nacionalidades de acordo com sua autodeterminação que eles poderão enxergar a nacionalidade do outro como aliada e não inimiga.

A autodeterminação das nacionalidades foi tomada do povo Oriental com a sede por poder e domínio advindo do Ocidente. Essas ações protagonizadas há anos, hoje resultam em mortes inocentes, terror e insegurança. São preocupações que atingem não apenas as gerações descendentes dos culpados pela intervenção histórica, mas também sociedades adeptas da cultura ocidental pelo meio em que se encontram.

Com essa autodeterminação, talvez o ódio entre civilizações cessasse e assim fosse possível uma convivência pacífica e amena. Não apenas uma convivência, mas também o diálogo entre as duas civilizações. Apenas o diálogo pode levar as partes a uma compreensão de seus anseios, e assim, possibilitar a coexistência pacífica. Essa coexistência auxiliaria grandemente na compreensão dos motivos de os muçulmanos desejarem tanto a construção de um Estado islâmico. Com a convivência e o diálogo as civilizações conheceriam melhor e teriam mais acesso à história uma da outra e, a partir do estudo, a compreensão dos anseios do outro se tornaria algo considerável.

Somente com estudo e aprofundamento que o preconceito pode chegar ao fim. O preconceito surge da ignorância, que leva ao medo e ao ódio. A discriminação só conhecerá

seu fim quando toda civilização humana se curvar diante das diferenças, com interesse e disposição para conhecer e mudar o que está sendo dito. É necessário que haja análise de todas as informações disseminadas, a fim de notar onde se encontra a generalização e assim, por fim a ela. É preciso refletir, algo raro de se fazer na sociedade atual, porém indispensável. É preciso reconhecer que em um mundo globalizado a ignorância não é opção.

Por fim, a intolerância é um instrumento de guerra muito mais potente do que qualquer arma de fogo. Para que seja possível chegar ao fim de um conflito é necessário observação e paciência. Muitas vidas estão sendo tomadas hoje por aqueles que tiveram vidas roubadas no passado. Está em andamento um processo vingativo derivado de uma imposição longa e violenta. Ainda que nada justifique um ato de violência, o que se vê hoje é um reflexo de uma coleção de atos passados. Assim sendo, é necessário que se haja de maneira diferente, pois já pode ser notado que a violência não é capaz de por fim a ações que não têm origem apenas em atos semelhantes. É necessário estudo, reflexão, compreensão e superação.

## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros. **Ponto de Vista**. Florianópolis, v. 20, n. 2, maio/ago. 2012. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/24328140?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/24328140?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em 11 nov. 2016.
- ALCORÃO Sagrado. Fonte digital: **Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu**. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/alcorao.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.
- ALTOÉ, Adailton. **O Islã e os muçulmanos**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ARAUJO, Luiz Antônio. Perspectiva sobre o Oriente Médio. **Novas Fronteiras: Revista acadêmica de Relações Internacionais da ESPM Sul**, v. 2, n. 1, jan./jun. 2015.
- ARMSTRONG, Karen. **Islam: A Short History**. Nova Iorque: Modern Library Paperback Edition, 2002.
- BAALBAKI, Ezzeddine. Hussein. **O Islã e o choque de civilizações**. 1. ed. São Paulo: Arrissala, 2006.
- BARBOSA, Francirosy Campos. Charlie Hebdo e islamofobia. **Malala**: São Paulo, v. 3, n. 5, nov. 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós modernidade**. Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. [s.n.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. Disponível em: <[https://vk.com/doc259715455\\_314880806?hash=5029505eaeda094659&dl=b426fe7c0d8048e1f5](https://vk.com/doc259715455_314880806?hash=5029505eaeda094659&dl=b426fe7c0d8048e1f5)>. Acesso em: 16 nov. 2016.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. Cultura dos ofícios patrimônio cultural, história e memória. **SciELO**. Belo Horizonte, v. 27, n. 46, jul./dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752011000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752011000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- CARA, Thiago. Um terrorista cristão, branco, loiro e de olhos azuis. **Contraponto**: São Paulo, ago. 2011.
- CASANOVA, José. **Public religions in the modern world**. [s.n]. Chicago: The University of Chicago Press, 1994. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/read/205595680/Public-Religions-in-the-Modern-World>>. Acesso em: 20 nov. 2016.
- CHAVES, Luana Hordones; TOLENTINO, Célia. A profetisa que amava Bruce Lee: Oriente e Ocidente na perspectiva de Persépolis. **SciELO**. São Paulo, n. 89, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452013000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452013000200010&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT)>. Acesso em 06 nov. 2016.
- CHEREJI, Christian-Radu. Central African Republic. **Conflict studies quarterly**. out. 2014.

COGGIOLA, Osvaldo. **Entre Pan-arabismo, Pan-islamismo e Socialismo**. 2016.

Disponível em:

<<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/Autores/Coggiola,%20Osvaldo/A%20revolucao%20arabe.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

COSTA, César Augusto Soares da. Religião e modernidade: aspectos sociológicos.

**Contribuciones a Iãs Ciencias Sociales**. Fev. 2011. Disponível em:

<<http://www.eumed.net/rev/cccss/11/casc.htm>>. Acesso em 16 nov. 2016.

CROMER, The Earl of. **Modern Egypt**. New York: The Macmillan Company, 1916.

Disponível em:

<<https://archive.org/stream/modernegypt00crom#page/146/mode/2up/search/sir+alfred+lyall>>

Acesso em: 01 nov. 2016.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004. Resenha de: SANTOS, Norma Breda dos. **SciELO**, Brasília, DF, v. 47, n. 1, jan./jun. 2004. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292004000100011&script=sci_arttext&tlng=pt)

[73292004000100011&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292004000100011&script=sci_arttext&tlng=pt)>. Acesso em: 16 nov. 2016.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**.

Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GRAHAM, Mark. **How Islam Created the Modern World**. Maryland: Amana Publications: Beltsville, 2006.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos políticos**. Tradução: Manuel Simões. [s.n.]. Lisboa: Seara Nova, 1976.

GROSGOUEL, Ramón. Racismo epistêmico, islamofobia epistêmica y Ciencias Sociales Coloniales. **Tabula Rosa**: Bogotá, n.14, jan./jun. 2011.

HUNTINGTON, Samuel Phillips. **O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial**. Tradução: M. H. C. Cortês. [S.l : s.n.]: Editora Objetiva, 19--.

JERÓNIMO, Patrícia. Intolerância religiosa e minorias islâmicas na Europa: A censura do “Islão invisível” - os minarets dos véus - e a jurisprudência conivente do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem.

JOMIER, Jacques. **Islamismo**: história e doutrina. Tradução: Luiz João Baraúna. [s.n.]. Petrópolis: Vozes, 1992.

KARWOWSKI, Thais; PETEAN, Antonio Carlos Lopes. A ideia de modernidade e o olhar da mídia do mundo ocidental sobre as mulheres islâmicas. **Revista Café com Sociologia**: v. 2, n. 3, out. 2013.

KRETSCHMANN, Ângela. Choque entre civilizações ou culturas? Faz diferença para a compreensão dos Direitos Humanos? **Jurídicas**. V. 3, n. 1, jan./jun. 2008.

LAPIDUS, Ira Marvin. **A history of Islamic societies**. 2nd. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

LEITE, Lucas Amaral Batista.. George W. Bush e a construção do inimigo na guerra ao terror. **Fronteira**: Belo Horizonte, v. 8, n. 16, jul./dez. 2009.

LEWIS, Bernard. **O que deu errado no Oriente Médio?** Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. [s.n.]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Disponível em: <<http://docs13.minhateca.com.br/747973454,BR,0,0,LEWIS,-Bernard.-O-que-deu-errado-no-Oriente-M%C3%A9dio.pdf>>

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros. Oriente, Ocidente e ocidentalização: discutindo conceitos. **Revista da Faculdade do Seridó**. v. 1, n. 0, jan./jun. 2006. Disponível em: <[http://www.faculadadedoserido.com.br/revista/v1\\_n0/helder\\_alexandre\\_medeiros\\_de\\_macedo.pdf](http://www.faculadadedoserido.com.br/revista/v1_n0/helder_alexandre_medeiros_de_macedo.pdf)>. Acesso em: 06 nov. 2016.

MAHAIRI, Sheik Ahmad Saleh. **O caminho para o islamismo**. Tradução: Mohamad Ahmad Abou Fares. [S.l.: s.n.], [19--?].

MONTENEGRO, José Alfredo Monteiro. A contenção do terrorismo transnacional e a segurança no mediterrâneo. **Ministério da Defesa Nacional**. abr. 2016.

MOREIRA, Deodoro José. Mídia, fundamentalismo e terror: a lógica da barbárie. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. IV, n. 1, jan./jun. 2007.

NABHAN, Neuza Neif. **Islamismo**: de Maomé a nossos dias. São Paulo: Ática, 1996.

NARCISO, João Pedro Paulino. **O impacto do Islão no Choque de Civilizações e na Guerra Fria no Oriente Médio**. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas e Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005.

NEUMANN, Mariana Menezes. Por detrás dos véus: a mulher muçulmana e as revoluções turca e iraniana. **SciELO**. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-44092006000200009&script=sci\\_arttext&tlng=PT](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0122-44092006000200009&script=sci_arttext&tlng=PT)>

OLIVEIRA, Manuela Assunção. Mulheres muçulmanas e Direitos Humanos - A importância do movimento feminista árabe na construção dos direitos das mulheres muçulmanas. **Faculdade Damas - Caderno de Relações Internacionais**, v. 4, n. 6, 2013. Disponível em: <<http://www.faculadadedamas.edu.br/revistas/index.php/relacoesinternacionais/article/view/281/286>>. Acesso em 16 nov. 2016.

ONUOHA, Freedom C. Boko Haram: Nigerias1s extremist Islamic sect. **Al Jazeera Centre for Studies**. fev. 2012.

ORTUNES, Leandro. A construção da imagem do “outro”: Ocidente e Oriente Médio e suas representações na mídia impressa e na produção audiovisual. **Ação midiática**. Curitiba, n. 10, p. 334-354, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/40586/26990>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

PALAZZO, Carmen Lícia. Muçulmanos e cristãos em Al Andalus: uma identidade que transcende o corte entre Oriente e Ocidente. **Universitas Humanas**. v. 8, n. 2, 2011.

Disponível em:

<<http://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/index.php/universitashumanas/article/view/1509/1578>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

PIERUCCI, Antônio Flávio. De olho na modernidade religiosa. **SciELO**. São Paulo, v. 20, n. 2, nov. 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702008000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200001)>. Acesso em 20 nov. 2016.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **Faces do fanatismo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XdZnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=ocidente+e+mu%C3%A7ulmano&ots=nZLudxPqjB&sig=nakjmZHGIkAjsC-h\\_Xo1yE3ctJQ#v=onepage&q=ocidente%20e%20mu%C3%A7ulmano&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XdZnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=ocidente+e+mu%C3%A7ulmano&ots=nZLudxPqjB&sig=nakjmZHGIkAjsC-h_Xo1yE3ctJQ#v=onepage&q=ocidente%20e%20mu%C3%A7ulmano&f=false)>> Faces do Fanatismo - Carla Bassanezi Pinsky, Jaime Pinsky>. Acesso em: 01 nov. 2016.

PINTO, Jaime Nogueira. **O Islão e o Ocidente: a grande discórdia**. [S.l : s.n]. Editora Leya Portugal, 20--?.

PINTO, José Marcelino de Rezende. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. **SciELO**. Ribeirão Preto, n. 8-9, fev./aug. 1995. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-863X1995000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1995000100007)>. Acesso em 16 nov. 2016.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **Islã: Religião e Civilização**. Uma abordagem Antropológica. São Paulo: Santuário, 2010.

RAMBERG, Ingrid. Islamophobia and its consequences on young people. **European youth centre Budapest** Budapest, jun. 2004.

RAPOSO, Henrique. O islamismo nas sociedades europeias: Os mitos das comunidade muçulmana, do diálogo de civilizações e do Islão moderado. **SciELO**. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-91992009000200006&script=sci\\_arttext&tlng=em](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-91992009000200006&script=sci_arttext&tlng=em)>

RICO, Santiago Alba. Refugiados, islamofobia, muerte de Eutopa. **Vento Sur**. n. 145, abr. 2016.

SALIBA, George. **Islamic Science and the Making of the European Renaissance**. Boston: MIT Press, 2007.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SALLES, Walter; SANTOS, Johnny Arthur dos. O “mundo do texto” e a construção da identidade religiosa no islamismo. **Teocomunicação**: Porto Alegre, v. 40, n. 3, set./dez. 2010.

SCHERER, Burkhard (Org.). **As grandes religiões**: temas centrais comparados. Tradução: Carlos Almeida Pereira. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHOUTEN, Maria Johanna. **Modernidade e indumentária**: as mulheres islâmicas. 20--. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/schouten-johanna-mulheres-islamicas.html#foot1215>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

SIDARUS, Adel. Liberdade religiosa, caminho para a paz? **Collectanea Christiana Orientalia**: Évora, ago. 2011.

SILVA, Teresa de Almeida. **Islão e fundamentalismo islâmico**: das origens do século XXI. 2. ed. [S.l.]: Pactor, 2016.

SOUSA, João Silva de. **Religião e direito no Alcorão**: do pré-Islão à baixa idade média, séc XV. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

TIESLER, Nina Clara. Muçulmanos na margem: a nova presença islâmica em Portugal. **Scielo**. Oeiras. n. 34, dez. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0873-65292000000300006&script=sci\\_arttext&tlng=p](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0873-65292000000300006&script=sci_arttext&tlng=p)>. Acesso em: 20 nov. 2016.

VAKIL, AbdooolKarim. Pensar o Islão: Questões coloniais, interrogações pós-coloniais. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2004. Disponível em: <<https://rccs.revues.org/1335>>. Acesso em: 01 nov. 2016.

WALKER, Andrew. What is Boko Haram? **Special Report**. Washington, jun. 2012

ZÚQUETE, José Pedro. Novos tempos, novos ventos? A extrema direita europeia e o Islão. **Análise Social**. v. 201, p. 653-677, 2011. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/41494867?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/41494867?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 20 nov. 2016.